



PROFLETRAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE

CAMPUS IV - MAMANGUAPE

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

JAILSE MARIA LOPES DA SILVA

**O ENSINO DA
CULTURA POPULAR
NAS TRILHAS E
TRAMAS DO
CORDEL PARAIBANO**



MAMANGUAPE - PB
2021

JAILSE MARIA LOPES DA SILVA

**O ENSINO DA CULTURA POPULAR NAS TRILHAS E TRAMAS DO
CORDEL PARAIBANO**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB - campus IV, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e letramentos.

Linha de Pesquisa: Leitura Literária: temas caracterizadores e práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Alves Santos

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586e Silva, Jailse Maria Lopes da.

O ensino da cultura popular nas trilhas e tramas do cordel paraibano / Jailse Maria Lopes da Silva. - João Pessoa, 2021.

143 f. : il.

Orientação: Luciane Alves Santos.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAÉ.

1. Ensino de Literatura. 2. Literatura de Cordel Paraíba. 3. Letramento Literário. 4. Método Recepcional. 5. Temas Caracterizadores. I. Santos, Luciane Alves. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82



PROFLETRAS

NIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
CAMPUS IV - MAMANGUAPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

Aprovada em 22 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciane Alves Santos
Orientadora (Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

Profa. Dra. Moama Lorena de Lacerda Marques
Examinador(a) (Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

Profa. Dra. Maria Alice Ribeiro Gabriel
Examinador(a) (Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

Nesse canto cordelista
Venho aqui me aventurar
Através de muito estudo
Esta cultura perdurar
Trazer para sala de aula
A poesia para humanizar

Além da humanização
Seguindo belo roteiro
Pelas inúmeras temáticas
Desses valentes guerreiros
Vamos aqui cultivar
Cordel para o ano inteiro.

Jailse Lopes

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre e incansavelmente, por ser a minha injeção de força, fé e coragem de todos os dias;

A Nossa Senhora das Graças e São Miguel Arcanjo por me guiarem em decisões a serem tomadas e ouvir meus lamentos e solicitações;

Aos meus pais, que sempre serão minha base de saber humano;

Aos meus irmãos, que me trazem o companheirismo do dia a dia;

Aos meus sobrinhos, por encherem meus dias de alegria;

Às minhas filhas Pets – Lilica e Meg – por sempre me receberem com amor e muitos beijos;

Aos meus familiares e amigos, por entenderem minha ausência nas festividades;

Ao meu amigo Cyro Visgueiro, que tanto me incentivou a prosseguir os estudos e por toda ajuda durante as etapas do mestrado;

Ao meu amigo Josemar Medeiros, a quem sempre recorro para aprimorar minhas ideias;

Às minhas amigas Patrícia Nunes, Marianne Agne e Karina Guedes por todo incentivo e alegria em dias nebulosos;

À professora Dra. Luciane Alves Santos, por todo seu comprometimento profissional e por me direcionar, afetuosa e humanamente, durante toda esta pesquisa;

Aos Professores do PROFLETRAS pelo comprometimento em nos orientar para uma prática que atenda às necessidades reais de nossa sala de aula;

Aos queridos professores Dra. Moama Marques e Dr. Hermano Rodrigues, pelos apontamentos importantes e necessários em meu trabalho na etapa da qualificação; À coordenadora do curso, professora Dra. Laurênia Souto, por seu exemplar profissionalismo e acolhimento humano;

Ao poeta Janduhi Dantas, pela receptividade e generosidade em contribuir significativamente com meu estudo;

Ao Xilógrafo Marcelo Soares, por toda gentileza em mostrar sua arte da Xilogravura de forma encantadora;

Aos colegas de turma, por toda fraternidade e abraço motivador em todo o tempo, em especial ao colega Inaldo Jr. (in memoriam) e Augusto Alves por ter nos acompanhado em boa parte dessa trajetória.

RESUMO

Um dos requisitos fundamentais para o funcionamento de uma sociedade que apresente cidadãos conscientes de seu papel é a formação de leitores competentes que possam desenvolver o pensamento crítico e transformador de seu meio social. É por essa razão que a escola deve ampliar a aptidão leitora de seus alunos, considerando habilidades e práticas anteriores e estabelecendo uma relação estreita entre o que se aprende na escola e o que se aprende na comunidade, fazendo com que eles reconstruam sentidos, manifestem opiniões e, acima de tudo, atentem para o universo de riquezas que a leitura pode lhes proporcionar. Diante dessa constatação, é preciso buscar caminhos para que os educandos acessem os “não-ditos” no texto, para associarem ou confrontarem as leituras com a vivência na sociedade da qual eles fazem parte. Nesse sentido, elaboramos uma proposta de trabalho para ser aplicada nos anos finais do Ensino Fundamental II, mas que também pode ser utilizada nos anos iniciais. Nossa metodologia foi organizada a partir de um processo bibliográfico e qualitativo e utilizamos para isso uma pesquisa por obras e referências que estabelecessem um amparo teórico e aprimorassem os conhecimentos e a perspectiva acerca do tema proposto. O objetivo geral do projeto é promover o pensamento crítico, o letramento literário e a sensibilidade dos alunos para diferentes leituras. Para a concretização deste objetivo, sugere-se a produção de uma proposta de intervenção utilizando a leitura literária como instrumento norteador, para isto, selecionamos o gênero cordel e, a partir dessa escolha, elencamos alguns temas caracterizadores: romance, aventura, humor e contos maravilhosos. Para a consecução do estudo, adotamos como fundamentação, os pressupostos de Cascudo (2006); Abreu (1999); Candido (2012); Colomer (2007); Dalvi (2013); Pinheiro (2002); Pinheiro e Marinho (2012); Iser (1999); Jauss (1994); Aguiar e Bordini (1993); Zilberman (1989); dentre outros. Visamos propor estratégias de leitura do cordel paraibano com base na estética da recepção e no método recepcional, que valoriza o papel do leitor numa perspectiva ativa na leitura.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Literatura de Cordel Paraibana. Letramento Literário. Método Recepcional. Temas Caracterizadores.

ABSTRACT

One of the main requirements for the functioning of a society that presents citizens aware of their role is the training of competent readers who can develop critical and transformative thinking in their social environment. It is for this reason that the school must expand the reading ability of its students, considering previous skills and practices and establishing a close relationship between what is learned at school and what is learned in the community, causing them to reconstruct meanings, express opinions and, above all, pay attention to the universe of riches that reading can provide the students. According to this observation, it is necessary to seek ways for students to access the “unspoken” in the text, to associate or confront the readings with the experience in the society which they are a part of. In this sense, we developed a work proposal to be applied in the final years of Middle School, but which can also be used in the early years. Our methodology was organized based on a bibliographic and qualitative research, and seeking for analysis and references that established a theoretical support and improved the knowledge and perspective on the proposed theme. The general objective of the project is to promote critical thinking, literary literacy and students' sensitivity to different readings. Attempting to achieve this goal, we suggested an intervention proposal using literary reading as a guiding instrument, for this, we select the cordel genre and constructed on that choice, we list some characterizing themes: romance, adventure, humor and wonderful tales. In order to carry out the study, we adopted as theoretical references, the assumptions of Cascudo (2006); Abreu (1999); Candido (2012); Colomer (2007); Dalvi (2013); Pinheiro (2002); Pinheiro and Marinho (2012); Iser (1999); Jauss (1994); Aguiar and Bordini (1993); Zilberman (1989); among others. Proposing reading strategies for the Cordel from Paraíba founded on the aesthetics of reception and the reception method, which values the role of the reader in an active perspective in reading.

Keywords: Literature Teaching. Cordel Literature from Paraíba. Literary Literacy. Receptional Method. Characterizing Themes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os amantes – René Magritte.....	59
Figura 2 – Romeu e Julieta – Frank Dicksee.....	60
Figura 3 – Separation – Edvard Munch.....	60
Figura 4 – Lampião e Maria Bonita	61
Figura 5 – Propaganda O Boticário	61
Figura 6 – Campanha Publicitária Lojas Americanas	62
Figura 7 – Campanha Publicitária Defesa da Diversidade	62
Figura 8 – Capas de Cordel	65
Figura 9 – Capa do Conto	65
Figura 10 – Capa do Cordel e do Auto.....	69
Figura 11 – Capa do Cordel O cavalo que defecava Dinheiro e O Dinheiro	75
Figura 12 – Xilogravura – Lampião e Maria Bonita.....	77
Figura 13 – Xilogravura – Maracatu	78
Figura 14 – Xilogravura – Bumba meu boi	78
Figura 15 – Xilogravura – Tapioca da saudade.....	79
Figura 16 – Capa do Conto Aladim e a Lâmpada Maravilhosa.....	79
Figura 17 – Capa do Cordel O romance do Pavão Misterioso.....	80
Figura 18 – O Pavão Misterioso	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – A REGIONALIZAÇÃO BRASILEIRA DE TEXTOS PORTUGUESES: DO “Ó GENTE!” PARA “O OXENTE!”	17
1.1 Tradição e cultura popular	18
1.2 A história do Cordel: uma literatura popular resistente	21
1.3 Autores paraibanos: um encontro entre oralidade e escrita	25
CAPÍTULO II – FOLHETO DE CORDEL EM SALA DE AULA: A FRUIÇÃO DA LITERATURA COM LAÇOS DE PERTENCIMENTO	30
2.1 A formação do leitor literário e a oralidade (cordel) em sala de aula	31
2.2 A estética da recepção e a teoria do efeito: texto/leitor	38
2.3 Tecendo estratégias de leitura: o método recepcional	42
CAPÍTULO III – UMA NOVA CONSCIÊNCIA: A ATRIBUIÇÃO DE SENTIDO NAS TRILHAS E TRAMAS VIVENCIADAS.....	46
3.1 Possíveis participantes da pesquisa	47
3.2 Projeto de intervenção – Uma proposta para o letramento literário: princípios metodológicos.....	47
3.2.1 Literatura de Cordel: linhas de sabedoria popular humanizadora.....	47
3.2.2 Apresentação do projeto - Um caminho para o cordel	50
3.2.3 Descrição metodológica da atividade a ser aplicada – 1ª Temática – Romance – O romance na literatura: abreviado em apelidos ou na valentia do vaqueiro.....	56
3.2.4 Descrição metodológica da atividade a ser aplicada – 2ª Temática – Aventura, Crítica e Humor - Do sorriso à aventura: a sátira presente na Literatura	69
3.2.5 Descrição metodológica da atividade a ser aplicada – 3ª Temática – Contos Maravilhosos – Despertando a imaginação: voando nas asas de um Pavão ou nos desejos realizados por um gênio	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	93

APÊNDICES..... 99

Apêndice A – Plano de aula para a primeira etapa	100
Apêndice B – Plano de aula para a primeira metodologia aplicada.....	101
Apêndice C – Plano de aula para a segunda metodologia aplicada.....	102
Apêndice D – Atividade para a 2ª temática – Relação com a xilogravura	103
Apêndice E – Plano de aula para a terceira metodologia aplicada.....	104
Apêndice F – Ficha avaliativa para a 3ª temática.....	105

ANEXOS..... 106

Anexo A – Capas do Cordel “Coco Verde e Melancia”.....	107
Anexo B – Cordel – grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por “Coco Verde” e “Melancia”	108
Anexo C – Música – Saga de um vaqueiro	117
Anexo C – Cordel – O cavalo que defecava dinheiro	120
Anexo E – Cordel – O dinheiro ou O testamento do cachorro.....	125
Anexo F – conto – Aladim e a lâmpada maravilhosa	128
Anexo G – cordel – O romance do Pavão Misterioso.....	135

INTRODUÇÃO



Em 2017, ao trabalhar um projeto de leitura com uma turma de 9º ano, uma docente egressa do mestrado profissional (PROFLETRAS), curso desconhecido por mim até o momento, mencionou que o projeto de leitura e literatura que eu estava desenvolvendo se encaixaria perfeitamente nos objetivos do programa de mestrado PROFLETRAS e que eu deveria me inscrever para a seleção. De início, considerei bastante difícil minha participação, pois havia me distanciado da academia há muitos anos e as atividades desenvolvidas em minha sala de aula eram efetuadas com poucos conhecimentos teóricos ou, muitas vezes, com práticas pedagógicas ultrapassadas e convencionais, por isso desconfiava da dificuldade que teria ao participar da seleção e se, conseqüentemente, fosse aprovada, questionava-me como resgatar tanto tempo de leitura, estudos e teorias há décadas deixados para trás.

Criando coragem e esperança, deparei-me no Campus IV, da UFPB, no ano de 2018, concorrendo a uma vaga para o mestrado e, para minha surpresa, fui aprovada. Ingressei nos estudos das disciplinas que traziam muitos debates teóricos que até então não havia estudado no curso de graduação, muito menos nos cursos de formação. Esse relato inicial é, sem dúvida, uma forma de apontar como o ingresso no PROFLETRAS se tornou um divisor de águas na minha vida profissional, pois a professora que eu era, precisava de muitas melhorias didáticas, posturas inovadoras em sala de aula e fundamentação teórica mais relevante para enfrentar o momento educacional que hoje vivenciamos com nossos alunos. Nesse novo paradigma educacional, precisamos nos preparar para despertar em nossos educandos o interesse e o envolvimento nas atividades que envolvem o letramento literário.

Após essa breve apresentação de caráter memorialístico, volto-me para a importância do mestrado e os novos conhecimentos ofertados na Turma 6 do PROFLETRAS, polo de Mamanguape. Considero o nosso encontro com o curso uma necessidade para todos os profissionais de Língua portuguesa para aprimorar os conhecimentos de forma efetiva nos subsistemas fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático da linguagem, a fim de que alcemos o conhecimento e as habilidades dos alunos em leitura e escrita, tornando as aulas mais dinâmicas ao usar novas tecnologias e trabalhar os diversos tipos de gêneros discursivos e a tipologia textual em sala de aula utilizando os suportes digitais e não digitais.

Embora saibamos das dificuldades enfrentadas em nossas escolas, por falta de recursos materiais, sejam eles tecnológicos ou até mesmo de uso comum como papel, caneta e afins; o PROFLETRAS nos permite refletir sobre diversas práticas educacionais. Podemos utilizar, por exemplo, computadores para um trabalho efetuado em grupo, em que possamos trazer alguns *notebooks* e dividir com os alunos experiências e aprender com eles o manuseio do equipamento e seus recursos, os quais, frequentemente, são conhecidos por eles e pouco conhecidos por nós professores. Além disso, o curso nos incentiva a elaborar materiais didáticos inovadores de leitura e escrita que assegurem uma melhor apreensão do conhecimento para nossos alunos, utilizando para isso oficinas norteadoras que desenvolvam atividades que despertem o nosso aluno para a leitura e/ou produção textual.

Partindo deste princípio ativo e inovador de aprendizagem e sabendo que a leitura e o despertar de uma consciência literária fazem-se necessários para almejar um aprendizado edificante, prazeroso e, principalmente, de apreciação da cultura popular, buscamos proporcionar aos discentes, nesta proposta de projeto para ser aplicado, a apreciação das leituras dos cordéis e o conhecimento de nossos artistas locais a partir dos estudos dos folhetos.

É perceptível, nas escolas paraibanas, a dificuldade em alcançar a valorização da Literatura de Cordel nas salas de aula de ensino fundamental. Muitos dos nossos profissionais da área educacional, assim como pais e alunos, carregam o preconceito, de forma imperceptível, ao cogitar a cultura popular como detentora de menor grau de importância literária, por considerarem diversas instâncias que compõem o sistema literário: a linguagem culta e escrita como modelo de comunicação, a desvalorização mercadológica, o perfil sociocultural do sujeito que costumava produzi-lo, os espaços de circulação, entre outros.

Se assim o fosse, a escrita e a oralidade constituiriam fenômenos díspares, quando, na verdade, esses fenômenos apresentam muito mais semelhanças do que diferenças, talvez esse prejulgamento seja devido à tessitura do cordel e, até mesmo, pelo valor de venda cobrado em cada livreto, que não expressa a grandeza real da obra e a amplitude de conhecimento que nela está engastada.

Observamos também que muitos são os docentes da língua que se limitam a trabalhar os textos da cultura literária popular sem contextualizá-los e de maneira

superficial, sem levar em conta as particularidades que há na formação e estrutura dessa produção artística.

É importante frisar que, ao explorar de forma aleatória a escritura do cordel, os professores promovem ainda mais a marginalização cultural na qual a Literatura Popular está inserida, não permitindo que os alunos descubram as especificidades da oralidade e da cadência melodiosa dos versos, como também não lhes é permitido conhecer os artistas que propagam a cultura popular, dando-lhes menos importância no contexto literário.

A partir dessa problemática de marginalização dos folhetos e a ausência de práxis que propague a beleza de seus versos poéticos, vimos a necessidade de utilizar a literatura popular dos folhetos de cordel como nosso instrumento norteador de estudo na aspiração de estabelecer um vínculo afetivo e transformador do sujeito¹ através de sua formação leitora. Para isso, utilizaremos propostas pedagógicas que favoreçam de maneira mais prazerosa o entendimento e a aproximação do leitor da poesia através dos folhetos de cordel. Alguns desses folhetos contêm narração de construção humorística e, muitas vezes, satírica; além da sua extensão fantasiosa, romântica e fértil de criatividade. Esses folhetos possibilitarão a afinidade do leitor com a história que está sendo contada e, de maneira lúdica, atrairão o aluno para a leitura. De acordo com o professor Helder Pinheiro (2002), no livro *Poesia na sala de aula*, é preciso promover a natureza poética dos textos para que seus leitores se encantem e se envolvam de forma satisfatória com o que está escrito, e não fazer uso da poesia para retomar os conteúdos diversos da língua. Podemos inferir que Helder não prioriza a poesia como recurso para os demais estudos linguísticos, todavia após alcançar o gosto pela leitura, podemos explorar alguns termos linguísticos presentes nos folhetos de cordel para ser trabalhado.

Diante dessas considerações, apresentamos como objetivo geral de nosso projeto de intervenção promover o pensamento crítico, o letramento literário e a sensibilidade dos alunos por meio dos recursos característicos do gênero cordel e, através disso, favorecer a valorização e o interesse pela leitura da literatura de cordel paraibana.

¹ O sujeito presente no texto é marcado pelo viés da A.D. de Pêcheux, a da sociolinguística francesa que considera o sujeito como resultado de diferentes processos históricos de subjetivação.

A partir do objetivo geral, desenvolvemos os objetivos específicos a seguir: incentivar o interesse pela leitura de textos literários da cultura popular paraibana, reparar na beleza dos aspectos estruturais, expressivos e estilísticos, manifestando sentimentos, experiências, ideias e opiniões diante da literatura de cordel, como também selecionar alguns temas caracterizadores como o romance, a aventura, o humor e a fantasia com o intuito de ampliar as discussões e reconstruir sentidos em torno da visão de mundo dos participantes.

Além disso, poderemos explanar como se dá a produção de um texto desde a sua organização até chegar a nós, leitores. Também é nossa intenção demonstrar como alguns sujeitos autores, pouco escolarizados, como também os mais diversos profissionais da língua, que fazem a literatura popular continuar resistindo mediante a tantas inovações midiáticas de leitura que insistem em distanciar o leitor literário para uma tela de informações, resumos e resenhas de livros.

É preciso abordar, também, a inserção de mulheres paraibanas intelectuais na Literatura de Cordel, bem como autores contemporâneos que elevam a arte do cordel e o estudo de suas construções poéticas, inspiradas, com frequência, por poetas iletrados e que muito contribuíram para nossa rica história na Literatura.

Nessa perspectiva, essa proposta era para ser aplicada, inicialmente, em uma turma do 9º ano, mas, em virtude da pandemia e o consequente afastamento das atividades presenciais, optou-se por deixar a aplicação para um momento mais favorável. Entretanto, essa propositura de intervenção poderá ser desenvolvida com as turmas de Ensino Fundamental II, desde os anos iniciais até aos anos finais. Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, cujo procedimento se pautou primordialmente pelo levantamento bibliográfico acerca do assunto selecionado para estudo e a construção de uma proposta pedagógica para o ensino de literatura com a proposta de intervenção.

Por meio de leituras literárias do folheto de cordel, proporcionaremos o contato do jovem leitor com o texto literário de forma significativa, com a aplicação de práticas que incentivem novas descobertas, objetivos delimitados, professores com o conhecimento necessário para selecionar estratégias que contribuam para mediar as leituras de forma a ampliar o horizonte de expectativa do aluno, relacionando metodologias que atraiam a atenção e o interesse do leitor em formação, além de abordarmos a xilogravura como uma leitura a mais para o texto verbal.

Este trabalho conduzirá à produção de materiais que serão sequenciados e mediados pelo professor, para que, de maneira mais adequada, se promovam condições para ações e transformações deste contexto problemático - a ausência de uma importante parte da leitura literária de folhetos de cordel, através de intervenções concretas e executáveis.

O desenvolvimento desta proposta a ser aplicada conterá três capítulos em que destacaremos, no primeiro capítulo, a Tradição e a cultura popular, incluindo a história do cordel e os autores paraibanos que se destacaram com esta arte e os que, ainda hoje, fazem essa prática ser conhecida há séculos. No segundo capítulo, abordaremos a formação do leitor literário e a oralidade em sala de aula, bem como as estratégias de leitura utilizando o método recepcional. Para o terceiro capítulo, evidenciaremos o projeto de intervenção, potenciais participantes do estudo; além de relatarmos a metodologia utilizada para a desejável formação de um leitor da literatura de Cordel e de diferentes tipos de textos literários. Esperamos que através desses estudos e análises das atividades propostas, possamos alcançar um maior número de alunos com uma formação leitora, além de atingirmos os objetivos anteriormente apresentados.

Para desenvolvimento desta proposta interventiva, ancoramo-nos teoricamente nos estudos da Literatura Oral pelo viés da persistência e da captação do conhecimento cultural e seu reconhecimento como objeto de estudo, conforme aponta Cascudo (2006), e Abreu (1999) que retoma a história e características pertinentes ao gênero cordel. Continuaremos com Candido (2011), Colomer (2007) e Dalvi (2013) cujas concepções se concentram na leitura literária e no poder dessa arte como elemento transformador; Pinheiro (2002) e Pinheiro e Marinho (2012) sobre a abordagem da poesia e a utilização dos folhetos de cordel em sala de aula. Para a consolidação e aplicação da proposta de trabalho, nos respaldamos nos estudos da literatura através dos temas caracterizadores e o Método Recepcional, proposto por Aguiar e Bordini (1993), partindo do referencial teórico em que se ampara a investigação da Estética da Recepção de Jauss (1994). Regina Zilberman (1989; 2005) com a representação das obras a partir de sua perspectiva de repercussão de temas caracterizadores e a compreensão segundo o efeito e recepção a partir dos estudos na Teoria do Efeito de Iser (1999).

Capítulo I

**A REGIONALIZAÇÃO
BRASILEIRA DE
TEXTOS
PORTUGUESES:
DO "Ó GENTE!"
PARA "O OXENTE!"**



1.1 TRADIÇÃO E CULTURA POPULAR

O homem, em busca de expressar seus conhecimentos, suas descobertas e seus sentimentos, utiliza a linguagem para compartilhar suas histórias como forma de entreter, educar e preservar as descobertas, os saberes e os valores que possui, constituindo assim a formação de uma literatura oral.

A literatura oral cria histórias fictícias ou inspiradas na realidade que são compartilhadas nas mais diversas culturas e localidades como meio de entretenimento, educação, defesa cultural e para induzir prática e valores morais.

Para Tavares (2005, p.99), “Onde quer que houvesse um grupo de pessoas com gosto e curiosidade pela poesia, essas histórias metrificadas e rimadas faziam parte do seu repertório de referências”. Esse agrupamento de produção literária, relacionado à tradição, não pode ser considerado ultrapassado, mas deve ser visto como um viés cultural que persiste na memória do povo e transforma-se continuamente para se moldar à modernidade através de palavras, imagens e sons.

De acordo com os estudos de Márcia Abreu (1999, p.73), no Livro *Histórias de Cordéis e Folhetos*, essa literatura não apresenta uma delimitação cronológica de seu início, porém tomamos como surgimento o fim do século XIX, período em que a arte da oralidade é propagada como uma forma de expressão artística popular das mais antigas, e os últimos anos da década de 1920, em que se definem as características fundamentais desta literatura chegando-se a uma forma “canônica”.

Para boa parte do grande público, a Literatura de Cordel é desconhecida ou torna-se marginalizada devido à falta de conhecimento sobre os elementos estruturais que a compõem, como a tessitura do texto, a memória afetiva que carrega consigo, a divulgação que não é feita adequadamente, entre outros.

A literatura oral carrega consigo o poder memorialístico, a expressão de que sua manifestação será diferenciada a cada momento de apresentação oral, e por isso tem seu poder legítimo. Ou seja, cada vez que um texto é performatizado, ele vai sendo dinamizado, transformado. Como afirma Tavares:

No mundo da literatura oral, não existe “a” versão oficial. Não existe original: tudo é cópia. Como tudo é feito na base da memória, cada versão é diferente da anterior. É raro que se encontrem duas versões exatamente iguais; mas não importa. Cada uma é tão legítima quanto as outras. (TAVARES, 2005 p. 106)

É impossível termos a história contada de forma idêntica quando se trata da oralidade, pois cada um possui uma particularidade na fala, na gestualidade e na entonação que é imposta ao expressar suas histórias, suas emoções e seus posicionamentos.

No livro *Literatura Oral no Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo (2006, p.21), a Literatura oral se apresenta em diferentes manifestações como: adivinhas, anedotas, fábulas, provérbios, lendas, contos, frases-feitas, orações, cantos; alcançando rumos maiores. Assim, surgiram histórias fantásticas em que nada era escrito, tudo era memorizado e recontado, de geração em geração, numa ida e vinda de falas impregnadas de beleza e de suspense. Logo, a literatura oral brasileira agrupa todas as mostras de deleite popular, mantidas pela tradição formada por características trazidas pelas três culturas:

A literatura Oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar. (CASCUDO, 2006, p. 27)

Não se pode negar que o Brasil possui a violência como meio de dominação, marcada e reafirmada em sua construção histórica, como também, não podemos deixar de destacar que a riqueza cultural, que possuímos, vem dessa cultura miscigenada e de histórias milenares que se propagam com o passar do tempo e constrói, de maneira particular, cada região.

Para complementar essa afirmação, Abreu (1999, p.73) expõe que as apresentações orais narrativas, poemas, charadas, disputas são conhecidas por todos os povos: índios, negros e portugueses contavam histórias e faziam jogos verbais oralmente, essa prática difundiu-se por todo o Brasil, assumindo formas específicas em cada região. Para Zumthor,

É inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando – lhe os traços que contrastam com a escritura. Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna. (...) toda oralidade nos aparece mais ou menos como sobrevivência, reemergência de um antes, de um início, de uma origem. (ZUMTHOR, 1997, p. 27)

A oralidade firma o símbolo da literatura tradicional que, através dela, reproduz o que se conserva na memória e se dinamiza ao ser performatizada através do tempo, ou seja, cada vez que um texto é performatizado, ele vai sendo dinamizado, transformado, impondo particularidades ideológicas e temporais para cada orador. Essa oralidade, a qual se propagará através da conservação e inovação, estabelece uma sabedoria peculiar e inerente a um povo; reconstruída a cada vez que se enuncia, como ratifica Cascudo:

Todos os Autos populares, danças dramáticas, as jornadas dos pastores, as louvações das lapinhas, Cheganças, Bumba-meu-boi, Fandango, Congos, o mundo sonoro e policolor dos reisados, aglutinando saldos de outras representações apagadas na memória coletiva, resistindo numa figura, num verso, num desenho coreográfico, são os elementos vivos da Literatura Oral. (CASCUDO, 2006, p. 22)

Portanto, o estudo da oralidade, enquanto movimento de vozes, performance, trânsito de discussões e conflitos é de grande importância no cotidiano escolar. Faz-se necessário uma abordagem mais extensiva e apropriada em sala de aula para que os alunos possam reconhecer o prestígio, a cultura, o valor estético e o valor histórico que a oralidade se apropria e nos faz legitimar seu valor em tempos passados e em nosso cotidiano.

No livro *A Letra e a Voz*, Zumthor faz a seguinte observação:

[...] quando um poeta ou seu intérprete canta ou recita (seja o texto improvisado, seja memorizado), sua voz, por si só, lhe confere autoridade. O prestígio da tradição, certamente, contribui para valorizá-lo, mas o que o integra nessa tradição é a ação da voz. (ZUMTHOR, 1993, p.19)

Certamente, as histórias contadas e recontadas ao longo do tempo por avós, babás, ou pais que ainda as contam para seus filhos, sejam elas de fantasia, de Trancoso, de romance, de lendas e as cantigas, fascinam crianças que carregarão consigo essas informações e repassarão, sem a preocupação de que o relato expresse ou não os relatos oficiais com exatidão.

Esses novos narradores da poesia popular terão espaço para usar essas vozes com a criatividade, a fantasia e uma relação de envolvimento que lhes despertarão uma memória afetiva e singular. Podemos constatar que a elaboração de uma cultura oral é permeada por histórias que se propagam sendo

acrescentadas, resumidas, enaltecidas ou aprimoradas a partir da visão, da emoção e do envolvimento do narrador com o que está sendo contado.

1.2 A HISTÓRIA DO CORDEL: UMA LITERATURA POPULAR RESISTENTE

A Literatura de Folhetos Nordestina, no que diz respeito à sua forma editorial, possui origens europeias, trazida pelos portugueses em seus navios colonizadores. Há dificuldade em se apontar o marco inicial² dessa arte no Brasil devido à escassez de referência bibliográfica do período. Haurélio (2013, p.11 e 15) afirma que o historiador literário Silvio Romero já fazia uso do termo “literatura de cordel” em estudos sobre a poesia popular de 1885, este utilizava o termo cordel, tomado de empréstimo dos estudiosos portugueses, para classificar os folhetos que circulavam no Brasil no período que abrange o fim do regime monárquico e os primeiros raios de sol da República. O cordel é um gênero constituído por temas e enredos que se alternam entre histórias clássicas e contemporâneas. Consolidou-se no Brasil por meio de folhetos simples, impressos de forma artesanal, e comercializados suspensos sobre barbantes e cordas.

De acordo com Abreu (1999, p.73), o folheto nordestino brasileiro, caracterizado como Literatura de Cordel. Para a autora,

Não restaram registros dessa nos primeiros séculos da história do Brasil, mas alguma notícia sobre cantorias oitocentistas foram conservadas. São informações e trechos de poemas guardados na memória de antigos poetas entrevistados por folcloristas ou reconstituições feitas em folhetos recordando velhas pelejas. Se não há registros inteiramente confiáveis, sujeitos aos deslizes da memória, carregam consigo uma marca fundamental: o caráter fortemente oral dessa produção ao que se refere tanto à composição quanto à transmissão. (ABREU, 1999, p. 74)

Embora tenha origem, mais precisamente portuguesa, a Literatura de Cordel no Brasil adquiriu estruturas específicas, destacadas por Abreu (1999, p.132 a 134), entre elas podemos apontar que, aqui no Nordeste brasileiro, os autores compunham e vendiam os próprios versos, esses mesmos autores e parte do público pertenciam às camadas populares.

² Há informações de circulação de folhetos desde o início do século XIX, mas ainda sem as características definidoras da identidade nordestina, como o Romance d'Apedra do Reino (1836). (HAURÉLIO, 2013, p.17).

Os folhetos guardam fortes vínculos com a tradição oral, a temática era pertencente tanto à cultura oral vinda de Portugal como também ressaltava o cotidiano nordestino. Os poetas brasileiros suprimiam dados supérfluos e alongamentos verbais desnecessários, contrapondo-se, portanto, à literatura de cordel portuguesa que adaptava textos de sucesso, dirigia-se ao conjunto da sociedade, possuíam construções prolixas em seus textos e os poetas portugueses interessavam-se pelas vidas de nobres cavaleiros. Para Ferreira,

Nesta Literatura Popular, que se produz no Nordeste brasileiro, dá-se como não podia deixar de ser uma *démarche* arcaizante em vários níveis, preservadora de uma série de valores já postos de lado pela sociedade global, enquanto que aí se realizam também os seus padrões. Acontece que ela avança e se vanguardiza, no sentido em que procede constantemente a um processo de crítica a esta sociedade, mesmo sem pretender, conscientemente. (FERREIRA, 1993, p. 13)

Cabe lembrar aqui que não é porque se é produzido pelo povo que os folhetos populares são desprovidos de construção formal, estilística e regular; pois a origem de nossa Literatura de Cordel aproxima-se da poesia épica medieval, caracterizando-se por sua metrificacão breve e musical; enfatizando temas profano, histórico, heroico, religioso, cômico, amoroso e de crítica social.

O leitor/ouvinte ou o ouvinte/leitor percebe que a Literatura Cordel no Brasil conta com uma estrutura de versos e estrofes que se mantiveram de maneira quase inalterada ao longo do tempo, mas, hoje em dia, encontramos cordéis com versos de diferentes dimensões.

O cordel apresenta como modelo mais produtivo as sextilhas (estrofes de seis versos), com versos heptassílabos (sete), de acordo com a performance do poeta, como também a cadência dos versos adaptando-se ao ritmo da modernidade. Também observamos a forma atual de divulgação desses folhetos que, através das construções midiáticas e de órgãos de setores culturais, essa tradição dos folhetos se mantém cada vez mais consolidada.

Os desafios - cantorias de boi e as grandes pejejas - baseavam-se no combate através de provocacão mútua entre os cantadores com rima improvisada e passaram a ser impressas no formato de cordel a partir do século XIX e, entre as décadas de 1930 e 1950, os cordéis tiveram o seu ápice. Dessas cantorias, originou-

se a poesia popular ou poesia de cordel. Para que pudessem fazer a divulgação de sua poesia, Abreu relata que

os cantadores apresentavam-se nas grandes fazendas ou em residências urbanas, em festejos privados ou em grandes festas públicas e feiras. Alguns permaneciam em locais em que residiam, outros percorriam o sertão, cantando os versos próprios ou alheios. (ABREU, 1999, p. 75)

Em sua dissertação de mestrado, Queiroz (2006) compara os poetas cordelistas nordestinos com os poetas medievais, estes iam de burgo em burgo, castelo em castelo levar sua atividade poética; e aqueles visitavam feiras, cidades, ciclos de festas religiosas e acontecimentos importantes divulgando a sua poesia popular.

Desde a sua consolidação no Brasil, a Literatura de Cordel propaga, através da sinestesia de vários meios não-linguísticos da comunicação oral, um campo amplo de aprendizagem significativa por suas temáticas de estruturas narrativas que, de acordo com Abreu (1999, p.119), as temáticas não possuem restrições, porém devem estar relacionadas à realidade social em que os poetas e seu público estão inseridos. Esse gênero literário promove, através da estruturação do texto, maior facilidade de decodificação, com composição estética compreensível (ritmo, rima, metrificação) evidenciando a importância de seu estudo na sociedade contemporânea. O cordel, com seus versos em forma de poesia rimada, com temáticas diversas e próximas às histórias que ouvimos de nossos pais, vizinhos, tios e avós, pode desenvolver no aluno o gosto pela leitura através das histórias curtas, de fácil entendimento e com a performance (gestual/oral). Evaristo, em relação ao cordel, afirma:

Caracterizado pela oralidade e integrante da literatura popular em verso, esse gênero apresenta algumas peculiaridades. Situado entre a oralidade e a escrita, o cordel é uma modalidade com duas vias de chegada ao leitor. Num primeiro momento, o poeta “canta” seus versos para um público específico para, num outro momento, atingir o seu objetivo maior: vender seus folhetos impressos, onde figuram propriamente seus poemas. (EVARISTO, 2003, p. 122)

Logo, não se pode desmembrar o cordel entre oralidade e escrita, uma vez que esses elementos são dialéticos. A poesia rimada (canção) e sua performance (gestual), traz para a Literatura de Cordel uma existência cheia de vida e diversifica

a forma como essas histórias e narrativas populares do Nordeste brasileiro são propagadas. Para Marinho e Pinheiro (2012), o cordel surge como sinônimo de poesia popular em verso, e retrata, de início, histórias tradicionais, narrativas antigas, que a memória do povo foi conservando e transmitindo.

A propagação desta arte, como já dito anteriormente, fez-se em fazendas, festejos privados, festas públicas e feiras; as poesias apresentam fácil memorização e eram decoradas e transmitidas oralmente devido ao fato de termos pouca formação escolar no espaço nordestino nos séculos XVIII e XIX. Alguns de seus propagadores percorriam o grande sertão e a venda de folhetos se dava a partir da leitura de algumas estrofes iniciais com o intuito de atrair a atenção do público e, conseqüentemente, vendê-los.

Para Ferreira,

Ao analisar o texto-cordel sabe-se estar diante de uma criatura, que tem a ver com determinados processos de *folk*, percebendo-se que sua complexa mecânica de criação está sempre relacionada com um grupo que aceita ou sanciona, atenta para uma certa censura preventiva da comunidade, e, de certo modo atinge-se o alcance de uma produção[...] (FERREIRA, 1993, p. 14)

Verifica-se no texto de cordel o vínculo entre a produção poética e a quem se destina, perpetuando um equilíbrio entre poeta e público, mas não deixando de perceber a fluidez de criação intrínseca ao poeta que, por sua vez, ao transmitir seus versos, produz no leitor uma maneira subjetiva de compreender e emitir os mesmos versos de forma particular à sua oralidade. Cascudo menciona o quão resistente e envolvente é essa cultura ao comparar leitores de regiões diferentes, embevecidos e extasiados pelas leituras do cordel que sequer desviam a atenção para o que lhes acontece ao redor:

Dois exemplos denunciam essa força imóvel. No campo de Parnamirim, em Natal, entre centenas de aviões maravilhosos, ultramodernos, é fácil encontrar, descansando do trabalho, metido num macacão azul ou cáqui, um operário deitado à sombra da asa de um "Lockheed" ou duma "Fortaleza Voadora", lendo os versos da "Donzela Teodora" ou o "Reinado dos bichos". No Rio de Janeiro, em junho de 1944, Renato Almeida e eu paramos no passeio do Flamengo para ver um mulato que lia um desses folhetinhos sertanejos à luz da iluminação pública. Tão distante e atolado na leitura que não levantou a cabeça à nossa curiosidade. (CASCUDO, 2006, p. 27)

Alguns poetas cordelistas consideram a modernidade como um adversário, pois acreditam que a popularização dos meios de comunicação extinguiria o cordel; para outros, essa modernidade serviria de estímulo para uma divulgação maior em sua produção. Como afirma Santos, em sua pesquisa *A Reinvenção da Tradição: a literatura de cordel no século XXI*, ao entrevistar dois poetas:

Segundo informa o poeta cordelista Pedro Mendes Ribeiro, o Cordel sofreu, na segunda metade do século XX, um processo de desvalorização e a gradual extinção de sua produção e circulação. Pedro Costa não percebe na modernidade um empecilho à produção e circulação do cordel, mas antes um elemento incentivador da maior qualidade na produção. (SANTOS, 2011, p. 02)

Percebe-se que a modernidade de nenhuma forma fragiliza a tradição, pois o leitor, através desses suportes, pode ter oportunidades diversas de leitura, envolvendo-se num diálogo que possa estimular, provocar e motivar cada vez mais em conhecer a Literatura de Cordel.

Logo, podemos perceber que o estudo mais aprofundado de um gênero que transita entre a tradição e a modernidade, como é o caso da Literatura de Cordel, deve ser incentivado pelos profissionais da área educacional, através de estudos específicos para desenvolver de melhor forma a apresentação dessa arte. Inclusive o cordel/cordelistas se valendo do uso de novos dispositivos tecnológicos para divulgar e fazer circular sua produção, certamente poderá ter maior reconhecimento social e cultural. É preciso aprimorar as práticas, que envolvem esse material literário, de maneira criativa para que chegue até o aluno de forma mais lúdica, emotiva e permita que eles associem essas histórias a situações, muitas vezes, frequentes ao cotidiano, principalmente em nossa região, um berço de grandes propagadores dessa arte. A pretensão dessa atividade que envolve o cordel é aproximar o aluno desse universo literário e despertar-lhe o elo afetivo com a leitura em que o prazer, a reflexão e a observação no seu cotidiano seja pertinente.

1.3 AUTORES PARAIBANOS: UM ENCONTRO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA

Iniciaremos aqui uma breve apresentação de alguns autores paraibanos que enveredaram pelo caminho do Cordel e o divulgaram em nosso Estado, tornando-o um celeiro de aclamados autores do Cordel. Muitas dessas informações foram

adquiridas através dos estudos de Abreu (1999), Tavares (2005), Meyer (1980) e, também, no site da Fundação Casa de Rui Barbosa.

De acordo com Lira (2004), a Paraíba é o berço da literatura de cordel no Brasil. O pombalense Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática da literatura de folhetos nordestina, segundo Abreu (1999, p.91), e, para Haurélio (2013, p.11), foi o herói desbravador da Seara do Cordel e o modelo a ser seguido por todos os poetas do gênero. Leandro Gomes de Barros possui uma obra extensa e de mais alta qualidade; conviveu com os poetas populares de Teixeira, cidade do sertão da Paraíba, de onde saíram importantes poetas do século XIX – Grupo de Teixeira. Em folheto editado em 1907, Barros afirmou escrever poemas desde 1889. Para confirmar a informação, Meyer (1980, p.35), afirma que Leandro Gomes de Barros “Começou a escrever folhetos em 1889 e sabendo aliar sua vivência de poesia na serra do Teixeira à chegada da tipografia no Nordeste, imprime seus primeiros folhetos em meados de 1893”.

Muitas cidades paraibanas são berço de grandes cordelistas, dentre elas destacamos Guarabira, cidade em que nasceu Manuel Camilo dos Santos, poeta e editor de renome nacional, é autor do Cordel *Viagem a São Saruê* (1956) considerado seu folheto mais famoso. Apolônio Alves dos Santos, nascido em Serraria, mas em documentos consta como natural de Guarabira escreveu cerca de 120 folhetos, dentre os quais destaca o primeiro folheto *Maria Cara de Pau e o Príncipe Gregoriano* que, não conseguindo publicar, vendeu a José Alves Pontes, em Guarabira, no ano de 1948, porém só foi impresso no ano seguinte, e o folheto *Epitácio e Marina* considerado por ele o mais importante da sua carreira de poeta cordelista.

Na Vila de Teixeira/PB nasceu Francisco das Chagas Batista que escreveu o primeiro folheto *Saudades do Sertão* (1902) e entre suas obras poéticas estão os folhetos: *A vida de Antônio Silvino* publicado em 1904 e reeditado em 1905, 1906 e 1907; *História completa de Lampeão* (1925), *As manhas de um feiticeiro* (1930), e *A Escrava Isaura* (1930) - Influência da Literatura “clássica” brasileira. Segundo Cascudo (1984.p.325), a produção de Francisco das Chagas Batista forneceu vasto material para a cantoria, apesar de ele não ser um cantador.

Em Campina Grande, destaca-se Francisco Sales Arêda com o primeiro folheto que foi publicado em 1946 intitulado *O casamento de Chica Pançuda com Bernardo Pelado* e com os poemas *O homem da vaca e o poder da fortuna*, *O*

casamento e herança de Chica Pançuda com Bernardo Pelado. Dentre os temas mais recorrentes em seu trabalho, está o romance e o conto de encantamento, nesse viés temático, uma de suas obras mais célebres foi *O homem da vaca e o poder da fortuna*, publicado em 1963.

Em Cachoeira da Cebola, no município de Ingá, nasceu o poeta João Martins de Athayde que se tornou o maior editor de literatura de cordel ao comprar o projeto editorial de Leandro Gomes de Barros. Além de editor, destacou-se nas produções das pelezas, entre elas *Serrador e Carneiro* (1975).

Na cidade de Bananeiras, o representante desta arte é João Melchíades Ferreira, autor do primeiro folheto sobre Antônio Conselheiro e de mais de 20 folhetos dos quais destacam-se: *A Guerra de Canudos e Romance do Pavão Misterioso* (1959). Este último é publicado na Paraíba por João Melchíades Ferreira, quando José Camelo de Melo Rezende, autor verdadeiro da obra, ausenta-se da Paraíba para morar no Rio Grande do Norte, no fim dos anos de 1920. José Camelo denuncia o golpe, mas o romance continuou a ser atribuído a João Melchíades Ferreira. Hoje em dia encontramos o folheto com autoria dos dois poetas.

Em Pilõezinhos, tivemos o poeta José Camelo de Melo Rezende que compôs verdadeiros clássicos da Literatura de cordel entre os quais se destaca o romance *As grandes aventuras de Armando e Rosa* conhecidos por *Coco Verde e Melancia* (1944). É autor também dos romances: *Entre o amor e a espada* (1948), *Pedrinho e Julinha* (1950) entre outros.

Em Sapé, destaca-se José Costa Leite, autor de centenas de títulos e xilógrafo com técnica muito particular e apurada. Dentre os títulos temos: *A vida de João Malazarte, O Conselho da Mocidade e A filha que matou o pai por causa de uma pitomba*. Ainda na cidade de Sapé, tivemos o Mestre Azulão - nome artístico de José João dos Santos - foi um cantor, compositor, poeta, cordelista e repentista brasileiro que se estabeleceu no Rio de Janeiro, na feira de São Cristovão, e norteou seus folhetos principalmente pelo humor, abordando temas como a história da minissaia ou a genealogia dos chifrudos. Também utilizou histórias voltadas pelos contos de castigo, recompensas e maravilhosos, pelezas, fatos políticos e históricos, histórias de animais, aspectos de religião, além de romance.

No sertão da Paraíba, na cidade de Patos, Silvino Pirauá de Lima foi cantador e poeta popular e é tido como criador do *Martelo agalopado*, com versos de 10 sílabas, com tônicas na terceira, sexta e décima sílaba. Entre seus títulos

destacam-se a *História de Crispim e Raimundo* (1909), *As três moças que quiseram casar com um só moço*, *Verdadeira peleja de Francisco Romano com Inácio da Catingueira* e *A vingança do Sultão*.

Ainda na cidade de Patos, temos Janduhi Dantas Nóbrega, servidor do Tribunal de Justiça da Paraíba e nas horas vagas escreve cordel. Professor autodidata, enveredou pelo cordel, oficialmente, nos anos de 2004, mas desde a adolescência a veia poética cordelista foi descoberta e já possui mais de 30 obras publicadas. É autor de *Lições de Gramática em Versos de Cordel* com o qual chegou a alcançar uma tiragem de 8.200 unidades com o cordel, também é de autoria dele *As figuras de linguagem na linguagem do Cordel*, livros publicados pela Editora Vozes. Além desses títulos, há duas adaptações para o cordel publicados pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba: *A história da mulher que roubou pra se casar* (adaptação do filme *Psicose*, de Alfred Hitchcock) e *As três verdades de Deus* (adaptação do conto *De que vivem os homens*, de Leon Tolstói).

Em Alagoa Grande, Manuel d'Almeida Filho publicou seu primeiro folheto em 1936, intitulado: *A moça que nasceu pintada, com unhas de ponta e sobancelhas raspadas*.

As mulheres paraibanas também fazem parte desse vasto celeiro de poetas cordelistas como a paraibana Maria das Neves Baptista Pimentel, natural de João Pessoa, publica em 1938 o cordel *O violino do diabo ou o valor da honestidade*, folheto que pode ser o primeiro cordel feminino publicado no Brasil, como afirma Queiroz (2006), porém, devido à sociedade preconceituosa e patriarcal da época, ela utiliza o pseudônimo Altino Alagoano.

Destacamos, também, a produção das cordelistas contemporâneas paraibanas como: Clotilde Tavares, campinense, lançou o projeto *O Cordel está no Ar* - Editora Jovens Escribas. Maria Godelivie Cavalcanti de Oliveira, também de Campina Grande, publicou seu primeiro cordel *O Gostoso* (2002) por incentivo de Manuel Monteiro. Maria Julita Nunes, nascida na Cidade de Teixeira, após seus setenta anos é que escreve o seu primeiro cordel intitulado *Direito de Resposta*. A cordelista Maria de Fátima Coutinho é autora dos cordéis *As oito propostas para acabar com a fome no mundo*, *A luta de um povo na sua escola em Santa Rosa* e *De cordel de mulher muito se tem a dizer*.

Em 1978, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) criou um espaço para reunir um rico acervo de cultura popular, chamado o Núcleo de Pesquisa e

Documentação da Cultura Popular (NUPPO). Nesse acervo encontrado no NUPPO encontramos trabalhos de vários artistas e intelectuais brasileiros. Entre as principais obras estão os folhetos de cordel, livros, manuscritos, audiovisuais com entrevistas com poetas e xilogravuras entre outros elementos da cultura local. O projeto busca promover, preservar e divulgar a cultura popular, colaborando com os estudos da cultura popular e desenvolver, entre o espaço social, a valorização e a consciência de preservar uma cultura tão rica e importante para a nossa história.

Desde do mês de Novembro de 2019, a Fundação Casa de José Américo possui um espaço para a valorização da literatura de cordel com o objetivo de preservar a memória da cultura nordestina, como também, divulgar os elementos da cultura regional, aproximando e integrando o indivíduo às suas respectivas raízes culturais.

Capítulo II

**FOLHETO DE
CORDEL EM SALA
DE AULA:
A FRUIÇÃO DA
LITERATURA COM
LAÇOS DE
PERTENCIMENTO**



2.1 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO E A ORALIDADE (CORDEL) EM SALA DE AULA

Muitas vezes, o uso da oralidade na prática pedagógica limita-se a respostas e a construções de falas dos alunos de forma aleatória e não caracterizada como um fator de aprendizagem como deveria ser, de acordo com as normas da BNCC. A utilização de materiais didáticos que busque a função formadora de um aluno consciente e participativo socialmente não privilegia de forma sistemática a sua oralidade, visto que a atenção maior ainda é voltada para o que o aluno escreve.

Além disso, o livro didático e os textos que o configuram não aproveitam a oralidade como mecanismo de aprendizagem, deixando, quase em sua totalidade, a escrita em destaque, seja para reescrever as evidências da interpretação textual, seja para determinar normas linguísticas a partir do texto. Sendo assim, a maioria dos textos presentes nos livros didáticos não abordam a oralidade como recurso subjetivo e performático de aprendizagem, à qual desencadearia a competência estética, através da função poética da linguagem, a musicalidade dos textos e a performance do aluno dando-lhe “[...]aptidão para reagir ao texto, para estar atento às repercussões que a obra suscita nele mesmo e a exprimi-los” como afirma Rouxel (2014, p.25). E mesmo quando a oralidade aparece, em quase toda construção didática relacionada aos textos, é voltada para a formação linguística, para a verbalização oral dos alunos, a emissão vocal utilizando a oralidade e escrita como elementos díspares, o que não configura o estudo performático do texto. O trabalho com o cordel nos permitirá um trabalho de fruição, em que provocaremos a sensibilidade e a imaginação dos alunos ao englobar na função da linguagem poética a música, a imagem e a performance da leitura.

Ademais, podemos perceber que a oralidade nos é apresentada cotidianamente, não como uma documentação real da língua; diferente da escrita, já que grande parte da sociedade associa a oralidade como algo passageiro ou menos importante como se a oralidade não lhe desse a seguridade de uma língua, tornando necessária a escrita dessa oralidade para se ratificar e documentar o que é dito. Parece-nos, a partir dessa colocação, que o estudo da língua está apenas centralizado em seu uso na escrita, em saber a respeito dessa língua a partir de suas regras, e não no uso de forma significativa da oralidade, observando o gestual, o situacional e, principalmente, a entonação dessa oralidade.

Para documentos oficiais como a BNCC, a referência à oralidade, como recurso de aprendizagem e habilidade do indivíduo, é um dos norteadores para o estudo da língua materna, porém o que é cobrado nas formações continuadas de professores e nos conteúdos programáticos da língua é a realização de uma escrita apoiada em normas gramaticais sem que se observe como esse aluno se comporta ao utilizar a oralidade para defender suas opiniões, expressar seus sentimentos, expor suas crenças.

É necessário compreendermos que, diante da situação social com a qual convivemos, a oralidade deve ser o elo entre os indivíduos que utilizarão recursos diversos para que o texto seja produzido, entendido e articulado entre as partes. De acordo com a BNCC:

[...] as práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos oportunizam situações de reflexão sobre a língua e as linguagens de uma forma geral, em que essas descrições, conceitos e regras operam e nas quais serão concomitantemente construídos: comparação entre definições que permitam observar diferenças de recortes e ênfases na formulação de conceitos e regras; comparação de diferentes formas de dizer “a mesma coisa” e análise dos efeitos de sentido que essas formas podem trazer/ suscitar; exploração dos modos de significar dos diferentes sistemas semióticos etc. (BRASIL, 2018, p. 79)

Assim, o envolvimento com a literatura e a compreensão de práticas de leitura provocam a valorização e o despertar de consciências sobre os diversos aspectos semióticos da construção literária que ao abordar, desde a forma lúdica à fascinação pelo imaginário, poderá despertar no aluno o talento transformador e humanizador da literatura.

Sendo assim, ao utilizar uma das inúmeras competências da Língua Portuguesa, podemos destacar essa proposição humanizadora da leitura literária em que o indivíduo terá maior desenvolvimento intelectual e, provavelmente, sua sensibilidade buscará por justiça social.

A função da Literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a podemos distinguir pelo menos três faces (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado;(2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos;(3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO,2011, p176),

É preciso que nossos alunos percebam que através da oralidade a comunicação é mais extensa, com um caminho abstruso em que a gestualidade corporal, o olhar, a melodia, a entonação e o ritmo imposto a essa oralidade influi na sua produção oral. Schneuwly e Dolz (2004, p162) apontam a comunicação oral como um desenvolvimento não somente no plano verbal e vocal, mas também no gestual. Dessa forma, destacam “É assim que mímicas faciais, posturas, olhares, a gestualidade do corpo, ao longo da interação comunicativa, vem confirmar ou invalidar a codificação linguística e/ou prosódica e mesmo, às vezes, substituí-la.”

Vê-se, diante dessa compilação de saberes, a necessidade de trazer a oralidade para a sala de aula como recurso valioso de aprendizagem e acentuar seu uso durante todo o período de estudo; desenvolvendo no aluno a consciência social e propagadora de seus valores, visto que os conhecimentos que adquirimos e carregamos ao longo do tempo nos faz refletir sobre a construção histórica do desenvolvimento da humanidade e a capacidade de como nós utilizamos a oralidade para enriquecer a História.

A produção da literatura oral é sustentada nas informações passadas de pai para filho, de geração em geração, o que garante à oralidade uma grande importância para nosso desenvolvimento social. Para Abreu (1999, p.71), “[...]a literatura de folhetos iniciou seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível”.

Desta forma, a literatura oral abrange construções de saber que uma sociedade busca para a concepção de um mundo reflexivo, instigador e analítico do meio em que vive. Faz-se saber que o indivíduo propagador, o poeta dessa cultura, não se encontrava na formação do mais letrado, oriundo de famílias de classe social elevada, mas sim, no uso singular de suas práticas em que se ampliava seus ideais e conseqüentemente seu imaginário.

Para Schneuwly e Dolz (2004, p.160), a oralidade vem acompanhada de vários elementos paralinguísticos e de uma linguagem corporal que podem ser explorados em sala de aula e, através deles, o indivíduo constrói sentidos, assumindo um processo humanizador entre si e a sociedade. É através da combinação desses segmentos, que transcendem a própria fala, que buscaremos o envolvimento dos participantes para se aprofundar em um universo literário melódico, significativo e propagador da história de nosso povo nordestino por meio da literatura do cordel. Segundo a BNCC:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2018, p. 136)

Evidencia-se que não se trata apenas de uma leitura superficial ou que requeira apenas assimilação de conteúdos da língua, busca-se uma leitura de ação promissora a conhecer a leitura literária como forma de libertar a imaginação, de sorrir com as situações inusitadas do cotidiano de nossa região, de fantasiar e criar expectativas com o desenvolvimento da história. Para Lajolo (2001, p.9), “[...] a literatura fala de vários mundos, alguns parecidíssimos com os nossos”. Logo, valorizar o envolvimento do leitor com o contexto, com acontecimentos tão próximos ao nosso cotidiano, com a natureza da arte criativa e com as temáticas do cordel é uma maneira de dar os primeiros passos a essa ação transformadora dos indivíduos.

De acordo com Solé (1998, p. 46), é inegável a ampliação de nossa capacidade intelectual ofertada através da leitura. Além disso, desenvolver em nossa rotina a leitura de textos literários nos remete a reflexões, a memórias e a situações históricas que nos fazem compreender a realidade com a qual vivenciamos. Trazer essa leitura para sala de aula abrange uma conjuntura pedagógica que aborda conhecimento estético, social, cultural, artístico e interdisciplinar, como também proporciona através desse conjunto de ideias uma percepção dos sujeitos perante à construção do mundo.

Quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo; à medida que sua leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos..., etc. A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas e, neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor. (SOLÉ, 1998, p.46)

O leitor proporciona significados diversos e é ativo em reescrever os sentidos do texto, levando-o ao encontro de perspectivas inesperadas àquela leitura formalizada e identificada pelo autor. Essa visão amplia a compreensão das leituras diversas que se pode encontrar em um texto e modificar a vivência determinada e, provavelmente, engessada pelo autor em sua escrita, alcançando uma leitura expressiva e subjetiva do leitor, possibilitando o pensar em mundos diferenciados, ampliando a elaboração de histórias desses escritores. Dalvi menciona que é pela

atenção dada ao aluno, enquanto sujeito, a sua fala, e a seu pensamento construído na e pela escrita que favorece seu investimento na leitura. A importância do clima estabelecido no interior da comunidade interpretativa (a classe, o professor) é enfatizada: um contexto onde reinam a confiança, o respeito e a escuta mútuos é propício ao encontro com textos literários – e é mesmo determinante. (DALVI, 2013, p. 31)

Logo, a construção de um leitor vai além de conhecimentos cognitivos apreendidos nas explicações e situações curriculares, provém também de competência afetiva para que se possa tecer um leitor atuante em sua comunidade, nas situações e no convívio que ele estabelece com o seu meio, ressaltando que seu conhecimento prévio constrói significados particulares de interpretação.

É importante frisar que essa atração pela leitura deve se dar desde a infância, momento em que o indivíduo se estimula para a criação da fantasia através de leituras efetuadas por familiares, infelizmente isso nem sempre acontece, devido a variantes importantes em nosso meio, inclusive o socioeconômico. De maneira lastimável, muitos só se deparam com a leitura após entrar pela primeira vez em sala de aula. Em vista disso, é necessário que o professor esteja apto a despertar o interesse, o contentamento e, acima de tudo, construir com os alunos possibilidades de interpretações que possam surgir a partir da realidade de cada um. Como ratificam Colomer e Camps:

A relação entre o texto e o leitor durante a leitura pode ser qualificada como dialética: o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permite-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais. (COLOMER; CAMPS, 2002, p. 31)

O hábito de ler aprimora nosso vocabulário, dinamiza o raciocínio e a interpretação do texto é mais significativa no que tange à realidade em que estamos inseridos, sem contar que a leitura favorece ainda o aprendizado de conteúdos específicos, aprimora a escrita e organiza uma linha de pensamento através do conteúdo expresso no texto e, de acordo com o texto lido, pode nos afetar emocionalmente.

Para Abreu (2006), o ensino de leitura e o gosto pela literatura tendem a formalizar apenas uma apreensão de livros e autores, tornando alguns sujeitos leitores literários a partir das obras apresentadas pelos discentes, suprimindo a verdadeira simpatia pessoal desse sujeito.

Portanto, é preciso encarregar esse leitor a buscar o seu potencial criativo, fazer com que ele possibilite a permanência viva pela apreciação dessas leituras, tornando-se competente, apreciador, que possa comunicar-se com a leitura e interagir de forma crítica, reflexiva e participativa do contexto em que está inserido. A fim de complementar essa informação, Lajolo (2001, p.44) menciona que “A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que delas se fazem.” Logo, não devemos utilizar os textos apenas como elementos informativos e de fácil compreensão, pois um estudo de texto literário requer o apuro de sua essência artística e apreciação do leitor mediante sua vivência em família ou grupo social. Candido (2011, p. 175) nos impressiona e sensibiliza ao relatar que “[...]literatura é o sonho acordado das civilizações”.

A capacidade de apreciarmos uma leitura e trazê-la para nossa reflexão, faz-nos seres capazes de evoluirmos cada vez mais nos valores que devemos possuir e desenvolver perante nossa sociedade. Com a finalidade de alcançarmos essa construção no indivíduo com a utilização de materiais e projetos de leitura, é necessário uma escola e profissionais participativos e que compactuem de uma mesma visão. Marinho e Pinheiro (2012) ressaltam que a abertura da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista importante. Porém é preciso efetivá-la tendo em vista a formação de leitores, dando conta das especificidades desse tipo de produção artística.

Sabe-se da liberdade do poeta em tematizar seus folhetos de acordo com o que melhor lhe convir, considerando conteúdos que abrangem não só a visão literária e poética, mas também observando o seu público leitor já mencionado. É

através das narrativas de aventuras, lendas, críticas, proezas, fábulas, brincadeiras, romances épicos ou comuns que o público leitor se identifica e aprecia a literatura de cordel pelo viés da fantasia, do humor e da reflexão.

Segundo Martins (2006), é o contato do discente com os textos que o estudo da literatura se torna significativo, pois a partir dessa interação o aluno poderá despertar as memórias, os sentimentos, as vivências e tornar-se favorável a inserir em seu cotidiano a leitura de textos literários. Destaca-se que o que se pretende com essa aproximação do aluno com a Literatura de cordel é justamente fazê-lo leitor e possibilitar o conhecimento de sua história e cultura, despertando-lhe um envolvimento mais afetivo com os folhetos. Não se quer aqui transformar a sala de aula em um espaço onde se constrói poetas, até porque as habilidades e as competências dos alunos não são unilaterais, nossa pretensão, conforme Marinho e Pinheiro (2012 p.15), é de criar com os alunos pensamentos concretos da realidade, despertando a alegria que nasce nos lábios que narram, que encenam, que pelejam, que protestam, que dão voz e corpo aos sonhos e às emoções.

Fica evidente que o despertar do indivíduo para leitura deve ser feito nos primeiros anos de suas vivências para que ele possa avivar, desde muito cedo, a singularidade leitora, a imaginação e o prazer. A partir dessa integração familiar já estabelecida pelo sujeito com a leitura, a escola poderá, de forma mais eficiente, integrar ao sujeito leitor as riquezas literárias de nossa cultura e a importância delas para a construção de um leitor literário.

No ensaio, Candido (2011, p.180) menciona o poder humanizador da literatura ao utilizar palavras e disponibilizá-las como um todo articulado, tornando o informal em uma estrutura organizada. De acordo com o crítico, é possível entender a humanização como:

Traços que reputamos essenciais, como o exercício de reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2011, p. 180)

É importante que o estudante aprenda a reconhecer o valor humanizador e literário dentre as significações de um texto, observando sua organização, a escolha da linguagem e as convenções que tornam um texto literário, para que possa despertar nesse sujeito os valores simbólicos inseridos e a percepção de gêneros

encontrados em uma formação literária. Assim, o seu desenvolvimento como leitor literário será despertado a partir da sua imaginação, da criatividade utilizada com a linguagem, dos recursos expressivos para a construção do texto em que se criará outras perspectivas de mundo, seres, ações, sentimentos, pensamentos, harmonia e comicidade.

Candido (2011) ressalta a importância da literatura como um elemento de equilíbrio social por isso indispensável para nossa humanização por atuar de forma consciente e inconsciente em nossa educação. Um leitor literário deve ampliar seu conhecimento de mundo constituindo uma prática questionadora das organizações e convenções culturais em que estão inseridos, independentemente de sua formação letrada ou não, pois muito se sabe da arte literária através de brincadeiras, contações de histórias e cantigas por uma sociedade ágrafa constituindo assim a literatura oral. E não se deve censurar ou considerá-la uma leitura menor ao ser comparada com outras construções literárias.

O leitor deve reconhecer o importante papel da literatura em sua formação e considerar o texto em todas as suas singularidades, para que não se limite a apenas algumas perspectivas de leitura; não reprima a imaginação, bem como não rotule de forma preconceituosa alguns gêneros que incorporam a imensidão literária que possa vir encontrar ao desenvolver o gosto pelos textos.

Logo, é preciso criar elos entre o sujeito leitor e a literatura dimensionando esse sujeito a relacionar o conhecimento trazido por ele da comunidade que o envolve e acrescentar princípios teóricos a esse saber existente, a fim de que melhore não só o seu conhecimento de mundo, mas também sua autoimagem ao reconhecer-se parte de um processo cultural.

2.2 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E A TEORIA DO EFEITO: TEXTO/LEITOR

Percebe-se, ao longo dos anos em sala de aula, uma desmotivação ascendente dos docentes no ensino da Literatura no Ensino Fundamental II, devido a diversos fatores que não corroboram para o preparo de aulas que agreguem a leitura como fonte concreta de aprendizagem e amadurecimento social de nossos jovens, incluímos, dentre esses fatores, a sobrecarga de trabalho, a desmotivação pelos baixos salários, sem contar com a dificuldade em conseguir recursos para desenvolver atividades que exijam um financiamento maior. É preciso pontuar

também que no âmbito escolar, frequentemente, utiliza-se a literatura como processo de atividades pedagógicas sem se beneficiar, de fato, das situações, personagens, ambientes, conflitos e riso que a leitura literária possa vir nos proporcionar.

A desmotivação em relação à leitura literária desses jovens pode também estar atrelada à intensa propagação das leituras em redes sociais tão presente no cotidiano dos alunos, como também, à ausência de estímulo para se ter o hábito de ler desde a infância. Muitos familiares já não se detêm em abordar a leitura como ato solidário e de prazer devido a inúmeras questões, entre elas, a questão econômica.

Trazer a literatura para sala de aula com o objetivo de ensinar algo de forma padronizada, sem despertar o aluno para o valor literário que nela está inserida, conseqüentemente, não desenvolverá sua humanização e poder intelectual. Além disso, a falta de interesse pela leitura dificulta ainda mais a sua aquisição de saber e a aproximação dos discentes dos textos literários. Para Silva (1998, p.38), a necessidade de novas posturas e métodos para a formação de leitores é urgente a fim de que se evite essa aversão pela leitura.

Um novo pensar sobre o ensino de Literatura no Ensino Fundamental II tem sido levantado nas últimas décadas e o professor de Língua Portuguesa, principalmente, precisa fornecer, além dos conhecimentos linguísticos, os instrumentos essenciais para que os alunos se sintam motivados a construir um pensamento crítico e reflitam sobre a sua atuação dentro e fora da escola. Como profissionais da educação, sabemos que, através da leitura, isso se torna bem mais prazeroso e favorável ao desenvolvimento do docente e para que isso venha ocorrer é necessário pensar em uma metodologia que aproxime o aluno da leitura como fruição. Zilberman afirma que

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor. (ZILBERMAN, 1991, p. 16)

A fim de que essa fruição venha ocorrer, é imprescindível uma organização metodológica que atraia e estimule o aluno para a prática da leitura literária. Quando o aluno lê uma obra literária, por meio das informações fornecidas pelo escritor e por

sua experiência de vida, vai desenvolvendo imagens que se interligam. Isso reflete na análise de Bordini & Aguiar (1993, p. 16) ao afirmar que “a fruição plena do texto literário se dá na concretização estética das significações”.

Para este trabalho determinamos o uso do método recepcional, atendendo a formação leitora coerente, sistemática e assistida desse aluno por meio da ampliação do seu horizonte de expectativas. Não contextualizaremos toda a conjectura que representa as chamadas Teoria da Recepção, abordaremos apenas, o que pode colaborar com a construção deste trabalho que valoriza a relação texto/leitor. Campos afirma que:

O método recepcional é contrário às tradicionais teorias dominantes, uma vez que o ponto de vista do leitor é fator imprescindível, e defende a ideia do relativismo histórico e cultural, que se apoia na mutabilidade do objeto, assim como da obra literária dentro de um processo histórico. Trata-se, portanto, de um método eminentemente social, pois há uma constante interação das pessoas envolvidas, considerando-as sujeitos da História. A obra literária é uma estrutura linguístico-imaginária, constituída por pontos de indeterminação e de esquemas de impressões sensoriais, que – no ato da criação ou leitura – serão preenchidos e atualizados, transformando o trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor. Estamos diante, portanto, de um ato de comunicação entre escritor-obra-leitor. (CAMPOS, 2006, p. 42)

Logo, é preciso criar um espaço afetivo para esse aluno se familiarizar com diferentes textos, construindo continuamente uma aproximação entre a vivência dele e o despertar literário da obra a ser lida; assegurando-lhe uma leitura não por obrigação, mas por fruição. Certamente, o trabalho com a cultura popular nos facilitará a encontrar essas descobertas de uma leitura por prazer, já que ela traz em suas temáticas situações próximas a vivência de nosso aluno. E trabalhar a Literatura de Cordel nos favorece ainda mais, por se tratar de um texto fluido, dinâmico que poderá conquistá-los facilmente devido às histórias e às declamações empolgadas e animadas que é marca desse gênero literário.

Inserir o leitor como elemento primordial ou peça chave para os estudos dos textos consolidou-se na década de 60, após Jauss publicar seus estudos de forma mais abrangente em *A história da literatura como provação à teoria literária*, hoje nomeado como *Éstetica da Recepção ou Escola de Constança*. De acordo com Jauss, este método recepcional reconhece o papel do leitor como elemento importante para a produção da obra, compreendendo que esse leitor ao interpretar a obra constitui sentidos aos diferentes textos. Além disso, o leitor compara e associa

a obra lida com as referências culturais e compreende ou não o texto a partir de suas perspectivas.

É através das vivências do leitor relacionadas ao estímulo que se fará do texto que ele atribuirá sentido ao que leu, criando uma relação de dialogismo. Sendo assim, os horizontes trazidos pela obra e os horizontes do leitor se entrelaçarão, firmando através dessa relação dialógica, a concretização ou os sentidos da obra em estudo. O desafio insistente da compreensão do leitor é a ação contínua da Estética da Recepção, visto que o interesse maior é fazer com que o leitor, através da extensão do seu horizonte de expectativa, consiga uma nova consciência, tanto de seus códigos quanto de suas expectativas habituais. E através dessas ampliações de horizonte, perceber que não há apenas uma única leitura possível, já que não há apenas um único leitor. Para Iser,

[...] o autor e o leitor participam, portanto, de um jogo de fantasia; jogo que sequer se iniciaria se o texto pretendesse ser algo mais do que uma regra de jogo. É que a leitura se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer nossas capacidades. (ISER, 1999, p.10)

A configuração de que a leitura é um processo dinâmico que provoca o receptor permitindo-lhe ir além do texto a partir das inferências de sua realidade faz com que sua percepção seja aguçada, incitando-o a encontrar elementos, até então, alheios. Para Jauss, o autor não detém um único sentido para o texto, a importância se fará pelo processo de construção dialógica do leitor com o texto; propõe uma leitura não só sincrônica, mas também diacrônica do texto, pois a sua historiografia deve ser levada em questão de maneira não só finalística, e sim processual. Percebemos que a leitura para Iser é um ato individual que provoca efeitos a partir do texto e das diversas possibilidades de interpretação, no entanto, Jauss observa a leitura como uma resposta coletiva ao texto no decorrer da história. Para o teórico,

A relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estética quanto históricas. A implicação estética reside no fato de já recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética (JAUSS, 1994, p.23).

Pelas observações de Jauss, os princípios da recepção compreendem o encadeamento da obra literária a partir de sua particularidade, qualidade e a categoria na qual está inserida, não só por suas produções históricas nem tão pouco por sua colocação no contexto.

2.3 TECENDO ESTRATÉGIAS DE LEITURA: O MÉTODO RECEPCIONAL

Ao compreender a proposta de Jauss de que o leitor atual interage com o presente e o passado, reconstruindo seus horizontes de expectativa e interpretando um texto desde os elementos do momento da criação, como também o momento da recepção, partiremos para a realidade de sala de aula ao utilizar o trabalho com a leitura do texto literário a partir do que nos é apresentado no Método Receptional abordado por Bordini e Aguiar(1993).

O método receptional possui o intuito de expor propostas para o trabalho literário, como também incentivar uma atividade pedagógica centralizada na formação de alunos leitores. Para as autoras,

[...] o acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens. A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos por meio do código comum da linguagem escrita. No diálogo que então se estabelece o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições, o que abre para o outro (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.10)

Para Bordini e Aguiar (1993, p.86), os objetivos do método receptivo compreendem: 1) Efetuar leituras compreensivas e críticas; 2) Ser receptivo a novos textos e a leitura de outrem; 3) Questionar as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural; 4) Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social.

Diante desses objetivos apresentados para a compreensão do método receptional, buscaremos a leitura de forma afetiva; edificando esse leitor, gradativamente, à familiarização dos textos, autores, gêneros, e permitindo-lhes entender a plurissignificação de um texto literário.

Há cinco etapas de desenvolvimento que contemplam esse método, de acordo com Bordini e Aguiar (1993, p.87 a 90):

1ª etapa: A determinação do horizonte de expectativas

É o momento em que o professor procurará conhecer o cotidiano do aluno, a realidade sociocultural da qual o discente faz parte, suas preferências, seus interesses e nível de leitura, quanto a gênero e temas, por meio das observações, conversas, questionários, debates, entre outros. Bordini e Aguiar (1993) mencionam que nessa etapa

O indivíduo busca, no ato de ler, a satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo, que é condicionada por uma série de fatores; os alunos são sujeitos diferenciados que têm, portanto, interesse de leitura variada. As pesquisas que se empenham em delinear um quadro de interesses de leitura das crianças e jovens têm em conta, como elementos determinantes, a idade, a escolaridade, o sexo e o nível socioeconômico (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.19)

2ª etapa: O atendimento ao horizonte de expectativas

Consiste em levar, para a sala de aula, obras que satisfaçam as expectativas dos alunos em relação aos temas e/ou gêneros escolhidos, pois os textos devem ser agradáveis aos alunos e ao mesmo tempo estar de acordo com o nível de entendimento deles. Para haver esse comportamento acolhedor, “as possibilidades de diálogo com a obra dependem, então, do grau de identificação ou de distanciamento do leitor em relação a ela, no que tange às convenções sociais e culturais a que está vinculado e à consciência que delas possui” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.84) para assim definir o horizonte de expectativas.

3ª etapa: A ruptura do horizonte de expectativas

Nesta etapa deve-se trabalhar com obras que abalem as certezas e costumes dos alunos, seja em termos de literatura ou de vivência cultural, utilizando uma linguagem que o aluno entenda, mas que seja diferenciada para eles. O professor deve trabalhar com obras que, partindo da vivência dos alunos, aprofundem seus conhecimentos, propiciando o distanciamento do senso comum e a conseqüente ampliação do horizonte de expectativas. De acordo com esse caminho “o método recepcional de ensino de literatura enfatiza a compreensão entre o familiar e o novo, entre o próximo e o distante no tempo e no espaço” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.86)

4ª etapa: O questionamento do horizonte de expectativas

Consiste na comparação e discussão a partir das leituras realizadas, levando o aluno a perceber quais textos lidos nas etapas anteriores da ruptura exigiram-lhe um nível mais alto de reflexão, proporcionando-lhe mais conhecimento e ampliando seu horizonte de expectativas. Para as autoras,

[...]a literatura não se esgota no texto. Complementa-se no ato da leitura e o pressupõe, prefigurando-o em si, através dos indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor. Esse, porém, pode submeter-se ou não a tais pistas de leitura, entrando em diálogo com o texto e fazendo-o corresponder a seu arsenal de conhecimentos e de interesses. O processo de recepção textual, portanto, implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.86)

5ª etapa: Ampliação do horizonte de expectativa

A partir de agora, os alunos irão perceber que todas as atividades, até o momento, ampliam a visão de mundo de cada um deles, fazendo-os refletir em torno das leituras efetuadas e adquirindo outras experiências, ao relacionar a literatura com suas vivências. Para Iser (1999, p.93), “[...]a literatura oferece a oportunidade de formularmos-nos a nós mesmos, formulando o não dito”. Neste momento, identificamos nos alunos uma aproximação mais consciente com a literatura e com a vida.

O método recepcional nos permite oportunizar um ensino de literatura de forma progressiva, em que percebemos o crescimento do leitor no decorrer das ações aplicadas na escola. Conforme as autoras,

[...]a fruição plena do texto literário se dá na concretização estética das significações. À medida que um sujeito lê uma obra literária, vai construindo imagens que se interligam e se complementam – e também se modificam – apoiado nas pistas verbais fornecidas pelo escritor e nos conteúdos de sua consciência, não só intelectuais, mas também emocionais e volitivos, que sua experiência vital determinou. A educação do leitor de literatura não pode ser, em vista da polissemia que é própria do discurso literário, impositiva e meramente formal. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.16-17)

As práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades da Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, para a BNCC, corroboram com esses critérios do método recepcional ao ressaltar que

A formação desse leitor-fruidor exige o desenvolvimento de habilidades, a vivência de experiências significativas e aprendizagem que, por um lado, permitam a compreensão dos modos de produção, circulação e recepção das obras e produções culturais e o desvelamento dos interesses e dos conflitos que permeiam suas condições de produção e, por outro lado, garantam a análise dos recursos linguísticos e semióticos necessária à elaboração da experiência estética pretendida. (BRASIL, 2018, p. 157)

Explorar a poesia através da literatura de cordel, na perspectiva recepcional, é refletir sobre o lúdico, a fantasia, o emocional. Para que isso ocorra, partiremos da realidade dos alunos, de textos verbais e não-verbais que sejam comuns ao seu cotidiano, daquilo que eles possam entender, para assim chegarmos aos clássicos folhetos de cordel. Atribuiremos sentidos para este tipo de leitura, levando-os a compreenderem a poesia no mundo e na vida, fazendo-os adquirir a apropriação de um universo fascinante e admirável por sua magia e beleza.

Utilizar a leitura em sala de aula com a prática do método recepcional é trazer o universo que envolve os alunos e vincular às leituras múltiplas para que eles possam produzir e reproduzir sentidos, expandir sua competência leitora, vencer a inibição e a insegurança ao se defrontar com outras leituras.

Capítulo III

**UMA NOVA
CONSCIÊNCIA:
A ATRIBUIÇÃO
DE SENTIDO NAS
TRILHAS E TRAMAS
VIVENCIADAS**



3.1 POSSÍVEIS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa poderão ser estudantes tanto dos anos iniciais, quanto dos anos finais do Ensino Fundamental II. Para isso deverá ser necessário adequar as temáticas de acordo com a turma escolhida. Nesta proposta, sugerimos o desenvolvimento do trabalho com uma turma de 9º ano por ter um maior grau de maturidade em relação às leituras que poderão ser abordadas em sala de aula durante a execução do projeto. Além disso, versificação, métrica, rima, ritmo, estrofe e verso estão contemplados como conteúdos curriculares dessa série. Certamente, o professor poderá trabalhar também com os anos iniciais, já que possuem, de acordo com o conteúdo programático, o poema entre seus estudos.

A proposta será apresentada aos alunos, como também devem ser esclarecidos os objetivos de proporcionar a interpretação, visando a conhecer, interpretar e compreender leituras literários da cultura Nordestina, neste caso, mais especificamente a Literatura de Cordel Paraibana.

Para se conhecer a realidade de leitura literária dos estudantes, como já apontamos anteriormente, é necessário realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, em que será aplicado método recepcional, utilizando temas caracterizadores para obtenção de resultados que serão detectados a partir das observações feitas e ações realizadas durante a aplicação da intervenção.

Desta forma, esperamos contribuir com uma metodologia que não só possa minimizar os problemas apresentados, mas, principalmente, socializar as estratégias com novas abordagens e o material produzido para que possamos alcançar nosso objetivo.

3.2 PROJETO DE INTERVENÇÃO – UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO: PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

3.2.1 LITERATURA DE CORDEL: LINHAS DE SABEDORIA POPULAR HUMANIZADORA

Todo esse estudo voltado para a leitura de Cordel através de temas caracterizadores foi pensado para uma abordagem qualitativa de natureza aplicada, de caráter descritivo e intervencionista, no entanto, devido a pandemia que se instaurou no mundo, e a necessidade de optarmos por aulas remotas, foi inviável a

aplicação de nossa proposta e voltamos nosso olhar para a pesquisa bibliográfica com o intuito de ser aplicada posteriormente.

Em busca de identidade, valores pessoais e crescimento intelectual, através de metodologias que envolvam os discentes, construir-se-ão etapas que os direcionem a uma leitura aprazível, alcançando os objetivos a que se destina a pesquisa, orientando-os e conduzindo-os a refletirem sobre o texto literário com o intuito de desenvolver a sensibilidade e o interesse pela leitura de cordel paraibana.

Conforme afirma Thiollent (2011, p.14), “[...]os procedimentos a serem escolhidos devem obedecer a prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico da situação no qual os participantes tenham voz e vez”.

A partir dessa orientação, é preciso buscar um aprofundamento nos estudos de leitura literária e trabalhar de forma prática o comprometimento entre os indivíduos envolvidos (professor e alunos), unindo a teoria e a ação para adquirir conhecimentos e mudanças práticas na resolução de um problema comum a todos daquela realidade. Segundo Engel (2000), uma intervenção que una a teoria com a prática confere ao pesquisador um papel ativo o que torna a pesquisa-ação bastante popular. De acordo com o autor, a pesquisa-ação:

[...] desenvolveu-se como resposta às necessidades de implementação da teoria educacional na prática de sala de aula. Antes disso, a teoria e a prática não eram percebidas como partes integrantes da vida profissional de um professor, e a pesquisa-ação começou a ser implementada com a intenção de ajudar aos professores na solução de seus problemas em sala de aula, envolvendo-os na pesquisa. (ENGEL, 2000, p.182)

A partir desse posicionamento é necessário o uso de instrumentos e construções metodológicas que busquem no sujeito pesquisado respostas significativas para o problema em questão. Para corroborar com a exposição acima,

Thiollent (2002, p.4) afirma “A pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam da resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação.”

Logo, a interação e cooperação dos sujeitos são bases fundamentais que refletem esse caráter participativo e, para obter um maior conhecimento dessa problemática, deverá ser aplicado questionário para prever os conhecimentos e as dificuldades leitora dos participantes, a fim de conseguir dados concretos para a análise. A partir da observação de respostas no questionário, as ações deverão ser

planejadas visando a amenizar as adversidades que o participante encontra em seu caminho como leitor.

Desta forma, as informações obtidas após a análise diagnóstica, deve-se implementar intervenções significativas para que, de maneira mais adequada, se promova condições de se trabalhar a leitura literária da cultura popular paraibana com intervenções concretas e executáveis no decorrer de todo o processo, buscando através das oficinas alcançar os objetivos propostos.

Vimos nos capítulos anteriores a origem da Literatura de cordel, alguns dos inúmeros representantes dessa cultura literária resistente em nosso Estado e, principalmente, a necessidade de inserir o folheto de cordel em sala de aula para promover o prazer e a reflexão da leitura através desta arte que serviu e serve de entretenimento a tantas gerações, além de nos fazer refletir sobre os aspectos literários e estruturais da língua e transmitir ensinamentos fundamentais para a convivência social.

Acreditamos que ao lançarmos uma prática continuada de leitura, por meio dos folhetos de cordel e ao desenvolver a fruição estética, poderemos ampliar o conhecimento, a capacidade de compreensão e a reflexão desses leitores. Para isso, propomos o uso de uma metodologia interventiva e avaliativa através de encontros e oficinas que dar-se-ão sob a intermediação do professor, caracterizando-se como uma pesquisa-ação.

É preciso propor uma apresentação para o projeto para que possamos atrair a atenção dos discentes, propondo uma motivação de forma lúdica e que desperte a atenção e o interesse para o desenvolvimento do projeto, com o intuito de alcançarmos nossos objetivos, buscamos trabalhar a Literatura de Cordel através dos temas caracterizadores. Segundo Barbosa (2011.p.15) “[...] a simples enumeração de temas já possibilita ao professor uma visão menos estereotipada do papel da literatura e de seu lugar no universo dos conteúdos escolares”.

É importante ressaltar, também, que a literatura pode ser um poderoso recurso no processo de inclusão, visto que a leitura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades constituindo uma necessidade social.

Como premissas para o docente no trabalho com a leitura, Regina Zilberman em uma entrevista concedida à Revista Nova Escola, ressalta:

Parece óbvio o que vou dizer, mas a premissa é a de que o professor seja um leitor. Não apenas um indivíduo letrado, mas alguém que, com certa frequência, lê produtos como jornais, revistas, bulas de remédio, histórias em quadrinho, romances ou poesias. O professor precisa se reconhecer como leitor e gostar de se entender nessa condição. Depois, seria interessante que ele transmitisse aos alunos esse gosto, verificando o que eles apreciam. Esse momento é meio difícil, pois, via de regra, crianças e jovens tendem a rejeitar a leitura porque ela é confundida com o livro escolar e a obrigação de aprender. Se o professor quebrar esse gelo, acredito que conseguirá andar em frente. A terceira etapa depende de a escola, por meio da biblioteca, da ação do professor e do interesse dos alunos, disponibilizar livros para todos [...]. (ZILBERMAN, 2007)

Logo, o gosto do professor pela leitura e utilização de temas caracterizadores distancia a abordagem do ensino histórico da literatura, permitindo um trabalho de forma contextualizada a práticas concretas e verossímeis de leitura que possam estabelecer entre o leitor e o texto uma significação entre o passado, o presente e ofertando-lhe uma nova perspectiva de futuro. Para Barbosa (2011.

p.18), “O projeto com temas caracterizadores deverá garantir em todas as suas etapas a leitura e a discussão de textos integrais, inclusive tratar as dificuldades de compreensão apresentadas por eles”.

Os desafios para chegarmos a um ensino de Literatura que estabeleça vínculos e atraia o leitor são inúmeros, e devemos repensar sempre em nossas práticas adotadas, até então, a fim de que possamos contribuir de forma coerente na exploração e mediação da leitura literária em sala de aula.

3.2.2 APRESENTAÇÃO DO PROJETO - UM CAMINHO PARA O CORDEL

Quadro 1 – Apresentação do projeto

ETAPAS	ATIVIDADES/OFICINAS	NÚMERO DE AULAS
1º Momento	<ul style="list-style-type: none"> - Preparação para a leitura em uma sala ornamentada pelo cordéis e fotos de cordelistas paraibanos. - Leitura do cordel intitulado <i>Literatura de Cordel</i>; do poeta do sertão paraibano Francisco Diniz. 	01 aula
2º Momento	<ul style="list-style-type: none"> - A escolha de um dos cordéis exposto e a avaliação subjetiva de acordo com a primeira impressão do folheto escolhido. - O relato dos alunos com a apresentação do cordel escolhido e o que eles esperam encontrar no enredo daquela história. 	02 aulas

Continua...

ETAPAS	ATIVIDADES/OFICINAS	NÚMERO DE AULAS
3º Momento	<ul style="list-style-type: none"> - A leitura dos cordéis de forma subjetiva e silenciosa. - A observação do (a) professor(a) em relação ao comprometimento da leitura silenciosa do aluno com o cordel escolhido. - Ao fazer a leitura oral do folheto escolhido para a turma, o (a) professor(a), observará o ritmo ao oralizar o poema, a inibição, como também as emoções afloradas no aluno. 4 - Em seguida, o(a) professor(a) mediará a apresentação do cordel pelos alunos e suas impressões. Logo após, os discentes apresentarão as ideias que eles tinham do cordel anotadas no papel e depois farão uma comparação com o texto lido. 	3 aulas
4º Momento	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de uma reportagem exibida pelo Globo Rural³. - Apresentação de slides, sobre a estrutura métrica do cordel, os autores e os principais temas apresentados nos cordéis paraibanos. 	2 aulas

[1º MOMENTO]

Os alunos serão levados até uma sala que estará ornamentada pelos cordéis com fotos de autores paraibanos e vários cordéis de autoria desses cordelistas penduradas em um cordão, dando a ideia de como era, antigamente, a venda desses folhetos em feiras do interior.

Ao entrar na sala, o(a) professor(a) pedirá que todos se acomodem pelas esteiras e almofadas que estarão dispostas no chão da sala e recitará o cordel *Literatura de Cordel* do poeta do sertão paraibano Francisco Diniz. É importante que o professor imponha o ritmo adequado para a declamação do cordel, aproximando-se o máximo da forma como o Cordel é performatizado pelos cordelistas.

Espera-se que ao entrarem em sala, os alunos sintam-se atraídos pelo ambiente e consigam se ater à recitação do cordel, observando o conteúdo da poesia, para que logo após essa leitura oralizada pelo(a) professor(a), o docente e os discentes conversarão sobre o gênero e sua estrutura, além do enredo tratado no folheto.

³ Disponível em: <<https://youtu.be/7DosjK6GSUQ>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Texto I - Literatura de Cordel

Literatura de Cordel
É poesia popular,
É história contada em versos
Em estrofes a rimar,
Escrita em papel comum
Feita pra ler ou cantar.

A capa é em xilogravura,
Trabalho de artesão,
Que esculpe em madeira
Um desenho com ponção
Preparando a matriz
Pra fazer reprodução.

Mas pode ser um desenho,
Uma foto, uma pintura,
Cujo título, bem à mostra,
Resume a escritura.
É uma bela tradição,
Que exprime nossa cultura.

Os folhetos de cordel,
Nas feiras eram vendidos
Pendurados num cordão
Falando do acontecido,
De amor, luta e mistério,
De fé e do desassistido.

A minha literatura
De cordel é reflexão
Sobre a questão social
E orienta o cidadão
A valorizar a cultura
E também a educação.

Mas trata de outros temas:
Da luta do bem contra o mal,
Da crença do nosso povo,
Do hilário, coisa e tal
E você acha nas bancas
Por apenas um real.

O cordel é uma expressão
Da autêntica poesia
Do povo da minha terra
Que luta pra que um dia
Acabem a fome e miséria,
Haja paz e harmonia. (DINIZ, 2006)

O texto *Literatura de cordel* de Francisco Diniz foi escolhido por trazer em suas estrofes e versos a forma expressiva de composição poética desde os temas

abordados, tradicionais ou contemporâneos, expresso por inúmeros poetas populares, até sua estrutura. Também menciona as xilogravuras e a forma de composição desta arte. Após a leitura, daremos início a alguns questionamentos:

1. O que acharam da declamação da poesia? O que mais chamou atenção? Por quê?
2. É comum ouvirem esse tipo de poesia? Em que lugar? O que eles conhecem dessa cultura?
3. Já ouviram alguma declamação de cordel ou conhecem algum poeta cordelista? Já leram alguma poesia de Cordel? Caso lembrem de alguma história que remeta a ideia de cordel, pediremos que eles relatem.

[2º MOMENTO]

O (A) professor (a) pedirá que cada um dos alunos peguem um dos cordéis de livre escolha, mediante tantos que estarão expostos num varal, e sem que abram para conhecer a história, eles terão que avaliar o texto a partir da capa e do título - em um papel que estará atrás do cordel - com questões relacionadas à primeira impressão que o aluno terá do folheto escolhido.

O discente descreverá o que aquela imagem representa e que ideias surgem na cabeça dele sobre o conteúdo do texto. Em seguida o professor solicitará que o aluno relate a sequência que ele anotou ao estabelecer uma relação entre o título e a imagem xilogravada na capa do cordel escolhido; identificando se há personagens, quem provavelmente são esses personagens? Que temática será exposta no texto? Que outro título o aluno daria a essa obra? Por que razão daria esse outro título? Instigará os alunos a criarem um breve enredo do folheto. Em seguida, o professor pedirá que os alunos recolham a atividade que será retomada após a leitura efetuada do texto.

[3º MOMENTO]

Os alunos efetuarão a leitura dos cordéis escolhidos, deitados ou sentados sobre as almofadas e na esteira, ou sentados em poucas das cadeiras que haverá em sala. Enquanto isso, o(a) professor(a) observará o comportamento dos alunos, as emoções que eles possam vir expressar durante a leitura, se haverá comunicação com os colegas, se haverá concordância com o que eles pensaram, se

lerão em voz alta, se tomarão a leitura de forma silenciosa, se haverá entonação durante a leitura, etc.

A finalidade dessa observação será analisar se há alguma familiaridade com a temática, se os alunos identificarão a narrativa com ações cotidianas, se apresentarão ritmo ao oralizar o poema, se haverá inibição ao ler e que emoções foram afloradas.

Em seguida, o(a) professor(a) mediará a apresentação do cordel pelos alunos e suas impressões. Logo após, os discentes apresentarão as ideias que eles tinham do cordel anotadas no papel e depois farão uma comparação com o texto lido, se houve identificação com o que ele pensou, se ele imaginou algo diferente, se apareceram outros personagens, se a temática diferenciava do que ele havia pensado. Após essa explanação o(a) professor(a) dará sequência para o quarto momento.

[4º MOMENTO]

O(A) professor(a) fará uma breve explanação sobre a aula e perguntará aos alunos: o que eles acharam do ambiente? O que mais chamou atenção? Se gostaram do cordel lido por eles? Se conhecem alguém que faz improviso com a língua na comunidade em que vivem? Se alguém faz versos? Se gostam de poesia?

Após essa conversa, o(a) professor(a) fará apresentação de uma reportagem exibida pelo Globo Rural⁴ na qual exibe a história do cordel, o nordeste como polo dessa propagação literária, alguns estudiosos sobre a literatura popular, além de destacar os principais nomes de autores cordelistas. Posteriormente, o professor apresentará as características do cordel através de slides, a fim de promover uma aproximação entre o aluno e a cultura nordestina, permitindo-lhes conhecer a estrutura métrica do cordel, os autores e os principais temas apresentados nos cordéis paraibanos.

Após reconhecerem as temáticas que, muitas vezes, são abordadas pelos cordelistas, partiremos para a aplicação das atividades, utilizando o método recepcional. Esse método propõe a determinação do horizonte de expectativas dos alunos, por isso utilizaremos um questionário com os alunos da turma escolhida para a aplicação do Projeto de Intervenção com o intuito de aproximarmos dos

⁴ Disponível em: <<https://youtu.be/7DosjK6GSUQ>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

conhecimentos desses discentes. A fim de que possamos ter mais afinidade com os questionamentos apresentados para a escolha dos temas a serem trabalhados nos cordéis, apresentamos a seguir o questionário a ser aplicado.

Questionário – Sondagem diagnóstica (profa. Jailse Lopes)

Olá, queridos alunos, a intenção deste questionário é conhecer um pouco mais sobre as construções de leitura que vocês geralmente utilizam e construir um perfil de textos a serem abordados. Espero que possam expressar de forma fiel o que sabem, o que leem ou pensam sobre a leitura. Grata, desde já, pela colaboração de cada um de vocês.

Aluno(a): _____ Idade: _____

- Você tem o hábito de ler? () sim () Não () às vezes

- Você gosta de ler? () sim () Não () às vezes

- Seus familiares costumam ler? () sim () Não () às vezes

- Que tipo de leitura chama mais sua atenção: (marque até 5 alternativas)

- | | | |
|--|--------------------|------------------|
| () romance (amor) | () aventura | () religião |
| () humor | () ficção | () documentário |
| () espionagem | () guerras | () suspense |
| () terror | () drama | () Heróis |
| () preconceito | () crítica social | () metamorfoses |
| () contos maravilhosos (fadas / mitologia / lendas) | | |
| () outros. Quais? _____ | | |

- Você gosta de escrever? () sim () Não

- Você gosta de desenhar? () sim () Não

- O que você sabe sobre a literatura de cordel?

- Você sabe qual a origem da Literatura de Cordel? () sim () Não

Em caso afirmativo, justifique sua resposta.

- Você conhece já leu algum cordel de poeta Paraibano? () sim () Não

- Você conhece algum poeta Paraibano? () sim () Não

Em caso afirmativo, identifique o poeta.

- Você conhece a palavra xilogravura? () sim () Não

- Você sabe a importância da xilogravura na literatura de cordel? () sim () Não

Em caso afirmativo, justifique sua resposta.

- Quais suportes você utiliza para fazer suas leituras?

- () livros () revistas () jornais () mídias sociais

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!

Neste questionário, perceberemos o conhecimento dos alunos sobre leitura, como também o interesse deles por alguns temas caracterizadores que nortearão a pesquisa. Para esta proposta escolhemos as temáticas: Romance, Aventura/humor e Contos Maravilhosos.

3.2.3 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA ATIVIDADE A SER APLICADA – 1ª TEMÁTICA – ROMANCE – O ROMANCE NA LITERATURA: ABREVIADO EM APELIDOS OU NA VALENTIA DO VAQUEIRO

[1º MOMENTO]

Determinação do horizonte de expectativas – 2h/aulas

Música: *Saga de um vaqueiro* (Mastruz com Leite)⁵

Ao iniciar as atividades seguintes, precisaremos levar em consideração alguns aspectos para alcançar um desenvolvimento satisfatório da sequência didática. Um deles será fazer com que na aula perca o uso já estabelecido de cadeiras enfileiradas, que colocam o professor em posição superior em relação aos alunos e impossibilite a interação face a face entre os participantes da aula. Agindo assim, todos os alunos poderão se olhar no momento da realização das atividades, identificarão no outro as sensações que a música poderá proporcionar. Acreditamos que, desta forma, o aluno poderá ter a consciência de que naquele momento, mais do que sujeitos denominados professor e aluno, haverá sujeitos ativos engajados na atividade.

A palavra música vem do grego “*musike techené*”, em homenagem as nove musas que eram as deusas da inspiração, é a combinação artística de sons, a arte de representação.

A linguagem musical é algo constante na vida do ser humano, desde nascimento, até o cantarolar diário. O gosto musical é estendido a partir da profusão de ritmos, em seguida a escola submete as crianças a vivenciarem a linguagem musical para que agucem a percepção, a memorização, o raciocínio e as expressões corporais. E através da música daremos início a nossa determinação de horizonte.

⁵ Disponível em: <<https://youtu.be/T89IfMLzxBU>>. Acesso em: 15 junho 2020.

Analisaremos inicialmente o título da música. Os alunos serão convidados a expressar as ideias que surgem sobre o título e o provável tema. Algumas questões serão levantadas como: Se os alunos já conhecem a música? Do que, provavelmente, a música tratará? Se há na região vaqueiros? O que eles entendem pela palavra “Saga”?

Por se tratar de uma música que fez grande sucesso na voz do Grupo de forró Mastruz Com Leite, no ano de 2007, os alunos já podem até conhecer essa canção.

A ideia será ouvir a canção pausando-a em momentos estratégicos para que possamos refletir sobre as passagens e a temática, com base nas ideias aplicadas por Santos(2018) ao utilizar a música em sala de aula. Essa estratégia será utilizada, em primeiro lugar, por se tratar de uma música relativamente longa em comparação com a maioria, e também para que os alunos não desviem a sua atenção para outras coisas no momento da atividade.

Na primeira estrofe, é importante ressaltar que o vaqueiro contará a sua história e que provavelmente selecionará algo muito relevante em sua vida. Podemos instigar o aluno a pensar em uma história particular que tenha sido bastante significativa até o momento em seus dias.

Vou pedir licença pra contar a minha história
Como um vaqueiro tem suas perdas e suas glórias Mesmo sendo forte, o coração é um menino
Que ama e chora por dentro, e segue seu destino

(Álbum Arrocha o Nó II O Show Continua – Ao vivo em Caruaru (DVD) Mastruz com Leite – 2007)

Ressaltar, também, os dois últimos versos para que se possa compreender e refletir o que os alunos pensam sobre esta metáfora “O coração é um menino/ que ama e chora por dentro, e segue seu destino”. Espera-se que o aluno possa perceber uma comparação implícita em que retrata o coração como uma alma de criança, talvez ingênuo ou imaturo para o amor e que mesmo estando com seu interior atormentado, esquece as agruras enfrentadas e segue a vida.

Em seguida, daremos mais uma pausa na sexta estrofe, para refletir sobre a questão do amor, as proibições que, muitas vezes, surgem nos romances e os desejos futuros dos enamorados.

Que tristeza abalou meu coração
Quando seu pai negou-me sua mão
Desprezou-me, por eu ser um vaqueiro
Pra sua filha só queria um fazendeiro

(Álbum Arrocha o Nó II O Show Continua – Ao vivo em Caruaru
(DVD) Mastruz com Leite – 2007)

A inserção da música deverá contribuir para a proposta de ensino da Literatura, determinado o horizonte de nossos alunos. Após ouvir a música por completo, o professor deverá instigar as discussões e perceber o ponto de vista e o interesse dos alunos sobre a temática. A musicalização tem um papel de grande importância, é uma atividade lúdica prazerosa que pode despertar expressões, além de socializar e remeter o indivíduo ao confronto de sua realidade e a de outras, dependendo do gênero musical da época da música.

Nessa letra podemos discutir os comportamentos do vaqueiro em relação ao amor, a atitude do pai em proibir o amor, refletir sobre as atitudes do homem do sertão e a cultura do Nordeste brasileiro que faz parte do cotidiano do aluno nordestino. Em seguida, solicitar aos alunos que eles relatem situações vivenciadas por eles que remetam a causa de amor proibido pelos pais. Questionar se a música remete a alguma outra história? Se já se sentiram envolvidos ao ponto de uma letra de música lhe destinar a algum momento, a algum encontro, ou situação já vivenciada em sua vida? Quais sentimentos afloram ao ouvir uma música que lhes façam lembrar algo especial?

[2º MOMENTO]

Atendimento do horizonte de expectativa – 1h/aula

A turma será dividida em três grupos e cada grupo receberá um envelope com versos, propagandas, fotografias e pinturas que remetam ao romance. A seguir, algumas sugestões:

VERSOS

Trecho da canção *Berimbau*, de Vinícius de Moraes⁶:

Quem de dentro de si não sai, vai morrer sem amar ninguém.
(MORAES, 2000)

Estrofe da música *Bate Coração*, de Elba Ramalho⁷:

Bate, bate, bate coração
Não ligue, deixe quem quiser falar
Porque o que se leva dessa vida, coração
É o amor que a gente tem pra dar (RAMALHO, 2005)

Estrofe do poema *Haverei de te amar a vida inteira*, de Ronaldo da Cunha Lima⁸

Haverei de te amar a vida inteira,
(não precisa aceitar, basta saber)
Pois amor que faz bem e dá prazer
A gente vive de qualquer maneira (LIMA, 1997)

FOTOGRAFIAS E PINTURAS

Figura 1 – Os amantes – René Magritte



Fonte: Página da Internet Arte e Blog⁹.

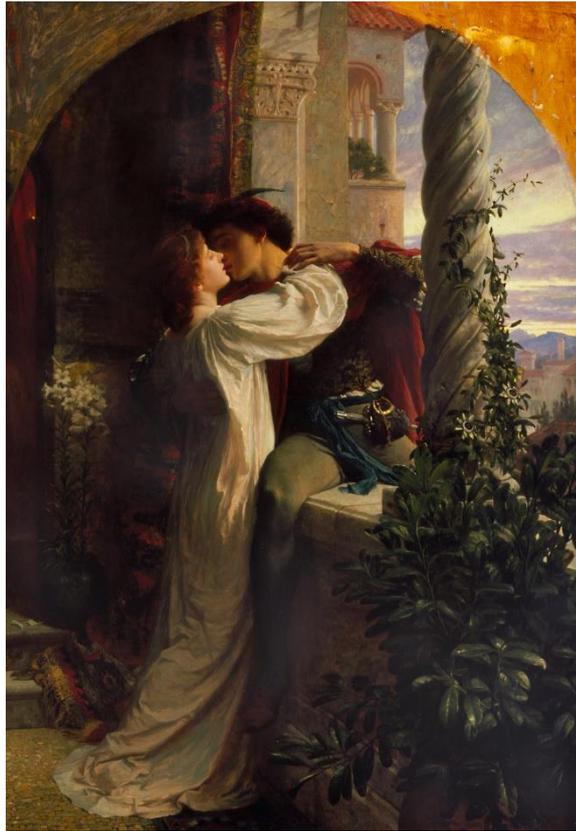
⁶ MORAES, Vinícius de. **Berimbau**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2000. Disco sonoro. Disponível em: <<https://tinyurl.com/bq2gk9am>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

⁷ RAMALHO, Elba. **Bate Coração**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2005. Disco sonoro. Disponível em: <<https://tinyurl.com/j6sufvav>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

⁸ LIMA, Ronaldo da Cunha. **50 Canções de Amor e um Poema de Espera**. João Pessoa: A União, 1997. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3gzaqbg>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

⁹ Disponível em: <<https://tinyurl.com/y44d7dp2>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Figura 2 – Romeu e Julieta – Frank Dicksee



Fonte: Página da Internet Wikipédia¹⁰.

Figura 3 – Separation – Edvard Munch



Fonte: Página da Internet Arte e Blog¹¹.

¹⁰ Disponível em: <<https://tinyurl.com/d8nnfknq>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

¹¹ Disponível em: <<https://tinyurl.com/y62dnhu9>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Figura 4 – Lampião e Maria Bonita



Fonte: Canal do Youtube Memórias do Cangaço¹².

PROPAGANDAS

Figura 5 – Propaganda O Boticário



Fonte: Página da Internet G1¹³.

¹² Imagens coletadas por Benjamin Abrahão entre 1936 e 1937. O material foi apreendido e censurado pelo governo Vargas, mas sobreviveu e pode ser visto no vídeo. Disponível em: <<https://youtu.be/fBR9wPp5gt8>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

¹³ Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3a55ml2>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Figura 6 – Campanha Publicitária Lojas Americanas



Fonte: Página da Internet Observatório G1¹⁴.

Figura 7 – Campanha Publicitária Defesa da Diversidade



Fonte: Página da Internet Meio e Mensagem¹⁵.

O grupo terá que montar um painel com os elementos que encontrarem no envelope, discutirão entre os participantes do grupo o que as imagens, os versos e as propagandas trazem em comum. O que provavelmente refletem para nosso cotidiano e a sociedade. Logo em seguida, o(a) professor(a) pedirá que cada grupo apresente seu painel, destaquem o que mais lhes chamou atenção ao executar a

¹⁴ Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxnfwfpm>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

¹⁵ Disponível em: <<https://tinyurl.com/79wr5ma5>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

atividade, o que pensam sobre cada imagem, verso e propaganda mencionados nos cartazes.

Nessa atividade, daremos início a um debate sobre as expressões que eles utilizaram para evidenciar o tema romance e fazer com que os alunos demonstrem através dos elementos destacados o que eles consideram romance, ou algo que lhes remetam o tema romance. É importante frisar neste momento a questão do amor envolta em contestações não só pelos pais com a proibição, mas também pela sociedade que impõe o amor ao gênero dos casais.

O docente poderá ainda instigar o aluno a refletir e conhecer as pinturas, ressaltando seus valores histórico e literário.

[3º MOMENTO]

Ruptura do Horizonte de expectativas – 3h/ aulas

Literatura de Cordel: *Grandes aventuras de Armando e Rosa* conhecidos por *Coco Verde e Melancia*, de José Camelo de Melo Rezende.

Neste momento, será feita a apresentação do cordel do autor paraibano José Camelo de Melo Rezende, que trará a temática Romance, intitulado *Grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por Coco Verde e Melancia*. Esse cordel foi editado por João Martins de Athayde, no Recife, e reeditado inúmeras vezes por José Bernardo da Silva e seus herdeiros, em Juazeiro do Norte (CE). Como José Camelo de Melo Rezende não era um poeta-editor, tem-se a dificuldade e impossibilidade de datar com exatidão o lançamento de determinado cordel atribuído a ele.

O romance ocorre numa região distante de Natal, e não possui marcação cronológica precisa, assim como os contos maravilhosos, histórias de fadas, príncipes e princesas... sempre num eterno “era uma vez” tempo indefinido, como se pode constatar nas duas primeiras estrofes:

Coco-Verde e Melancia
é uma história que alguém
quer sabê-la mas não sabe
o começo de onde vem
nem sabe os anos que faz
pois passam trinta de cem.

Coco-Verde era filho
de Constantino Amaral
morador no Rio Grande
mas fora da capital
pois sua casa distava
meia légua de Natal (REZENDE, 2006, p. 01)

A obra é constituída por 167 estrofes, divididas em 1.006 versos, seguindo, na sua quase totalidade, o modelo de rimas ABCBDB, excetuando-se o acróstico, feito com o nome do autor, da estrofe 167 que segue o modelo de rimas ABBACCDDC:

Já demonstrei nesta história
O amor o quanto é:
Só o amante sem fé
Esmorece sem vitória!
Conservem, pois na memória
A opinião de Armando:
Mostrou seu amor lutando
E conseguiu triunfar
Luto só fez assombrar
O namorado nefando! (REZENDE, 2006, p.32)

A história de Armando e Rosa, jovens que moravam em fazendas vizinhas, em um local de estudo, eles se aproximam tão fortemente que o professor foi orientado pelo pai de Rosa a afastá-los. Temendo que o professor descobrisse o romance, os enamorados utilizaram codinomes para se identificarem e comunicavam-se através de correspondências deixadas sempre embaixo de uma pedra longe dos olhos familiares; Armando usou o nome de Coco Verde e Rosa utilizou o nome de Melancia. Os conflitos da história surgem quando Armando, já rapaz, resolve pedir a mão de Rosa ao pai da moça.

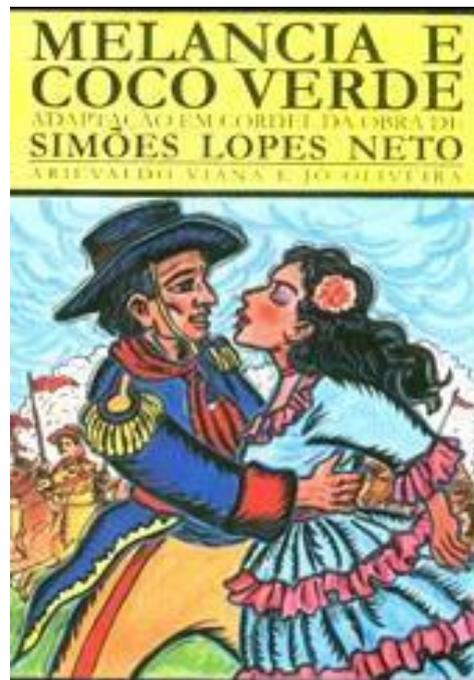
Para que possamos iniciar o estudo da narrativa, o (a) professor(a) fará a apresentação das imagens que aparecem em algumas capas do folheto para discutirmos em seguida os seguintes questionamentos: Por que a variedade das imagens? Qual delas parece mais próxima da realidade? Qual delas remete a ideia de uma imagem popular? Que história, provavelmente, será contada a partir daquela imagem? Que nome se dá a esta arte?

Figura 8 – Capas de Cordel



Fonte: arquivo pessoal

Figura 9 – Capa do Conto



Fonte: Página da Internet Antônio Miranda¹⁶

O(A) professor(a) poderá apresentar aos alunos as capas uma a uma, tanto em slides, como também pode fazer o uso delas impressas em um cartaz; caso seja possível, o melhor seria mostrar a capa a partir do livreto. É interessante ressaltar as datas de cada uma das capas, os xilógrafos que as compuseram. Importante frisar,

¹⁶ Disponível em: <<https://tinyurl.com/y6mwwm8a>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

neste momento, a relação do folheto de cordel está associado ao conto gauchesco *Melancia e Coco Verde* de Simões Lopes Neto. Logo após esse primeiro momento de apresentação das capas diversas atribuídas ao cordel, os alunos receberão o folheto e farão a leitura de maneira individual.

Sequencialmente, o(a) professor(a) perguntará se eles gostaram do que leram e, de acordo com as respostas, o professor fomentará a discussão de acordo com o posicionamento do aluno em relação à temática, à estrutura do texto, ao que mais chamou atenção e assim poderá fomentar as discussões a partir das informações fornecidas pelos alunos. Como sugestão, professor poderá usar a ficha avaliativa como reforço de entendimento do texto.

Ficha avaliativa

1. Ao se deparar com o título e a xilogravura, qual enredo você esperava encontrar?
2. Qual temática é retratada nessa obra?
3. Por que consideramos esse texto como “Literatura de Cordel”?
4. Quantos estrofes há no Cordel?
5. Quantos versos há em cada estrofe?
6. Como estão dispostas as rimas?
7. A forma como o texto é disposto fica mais fácil de ser lido, de ser entendido?
8. Você teve alguma dificuldade em compreender o texto? Em caso afirmativo relate as dificuldades.
9. Identifique algumas situações comuns entre o cordel e as situações cotidianas.
10. Para você, nos dias de hoje, é comum ocorrer imposições familiares contra os relacionamentos dos filhos? Em caso afirmativo, diga os possíveis motivos para que isso ocorra.

Nessa ficha, observar-se-á os recursos dispostos no texto literário do folheto de Cordel, sua expressividade, os elementos estilísticos que o compõe, entre outras indagações sobre a temática, a relação com o cotidiano, às atitudes dos personagens e os questionamentos sobre o sentimento que está sendo exposto. Ao responder essa atividade, os alunos irão confrontar as ideias entre si e daremos

início a um debate sobre a importância de temas e abordagens de leituras literárias para nosso desenvolvimento intelectual, social e afetivo.

Em seguida, separaremos a turma em grupo para que possam discutir entre eles alguns questionamentos sobre o cordel, como: o tema do folheto, o enredo, as atitudes dos personagens, o desfecho da história e a xilogravura. Podemos pedir para que o aluno desenvolva um outro desfecho para a história, após a estrofe seguinte:

Mandou convidar Armando
na tarde do mesmo dia
e disse em vista dos dois
que o casamento faria
só com um ano depois
pois era quando podia (REZENDE, 2006, p.09)

[4º MOMENTO]

Questionamento do Horizonte de expectativas – 2h/aulas

Os alunos irão comparar e confrontar a música e as imagens com o novo texto (cordel) para alcançar os objetivos elencados no projeto. A atividade contará com a turma dividida em grupo, cada um com o cordel selecionado, e farão uma análise entre a música escutada no primeiro momento, os materiais selecionados que expressem o romance e o cordel em estudo, tentando encontrar semelhanças e diferenças entre eles. Essa tarefa permitirá as discussões sobre a temática romance, ressaltando o valor literário do folheto e da música, as especificidades do cordel. Além disso, observarão os recursos literários dispostos na literatura de cordel, a expressividade e os elementos estilísticos que o compõe. Como podemos constatar com a estrofe explicativa abaixo:

Fi/ze/ram/ lo/go u/ma/ ca/sa (A) [Não rima]
sobre um alto, nela então (B) [rima]
Rosa e Armando começaram (C) [Não rima]
a receber instrução (B) [rima]
junto com outros meninos (D) [Não rima]
uns vizinhos outros não (B) [rima]
(REZENDE, 2006, p.02)

O cordel é escrito com estrofes de seis versos, conhecido como sextilha e com versos de sete sílabas poéticas chamado de versos heptassílabos ou redondilha maior. O segundo, o quarto e o sexto versos devem rimar entre si com

modelo de rimas (ABCBDB). Para exemplificar, seguem abaixo algumas estrofes do cordel *Grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por Coco Verde e Melancia* de José Camelo de Melo Rezende:

Nes-saes-co-la-co-me-ÇOU

1 2 3 4 5 6 7

Armando a namorar Rosa
pois ela além de ser rica
era bastante formosa
inteligente e cortez
muito séria e carinhosa

Rosa tinha por Armando
uma grande simpatia
de forma que quando o mestre
dava nele ela sentia
o mesmo fazia Armando
quando ela padecia (REZENDE, 2006, p.02.)

[5º MOMENTO]

Ampliação do horizonte de expectativa – 2h/aulas

Inicialmente, os alunos participarão de um debate com um poeta convidado, para que eles possam fazer questionamentos sobre a arte do cordel e as curiosidades que possam surgir, após a vivência da primeira temática abordada no folheto.

Em seguida, os alunos buscarão, entre os autores cordelistas listados pelo professor durante a aula e outros autores paraibanos, outras histórias de cordel com a temática de romance e farão leituras para declamação em sala. Essa atuação permitirá ao professor identificar a postura, a entonação, a gestualidade, o compromisso e a aceitação da leitura do cordel em toda a turma. Alguns títulos estarão dispostos em sala para que os alunos possam apropriar-se do cordel e executar a atividade pedida.

O docente poderá também sugerir que os discentes pesquisem no vasto seleiro do Cordel paraibano outros autores que retratem a mesma temática.

3.2.4 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA ATIVIDADE A SER APLICADA – 2ª TEMÁTICA – AVENTURA, CRÍTICA E HUMOR - DO SORRISO À AVENTURA: A SÁTIRA PRESENTE NA LITERATURA

Figura 10 – Capa do Cordel e do Auto



Fonte: arquivo pessoal

[1º MOMENTO]

Determinação do horizonte de expectativas – 2h aulas

Filme: *O Auto da Compadecida* (fragmentos)

Inicialmente, exibiremos o filme com o intuito de despertar no aluno o envolvimento de situações corriqueiras e cômicas de nossa região e as aventuras vividas pelos personagens. O filme *O Auto da Compadecida* foi lançado em 10 de setembro de 2002, baseado na obra teatral de Ariano Suassuna, nomeada *Auto da Compadecida*. O filme recebeu diversas premiações e foi o de maior bilheteria nos anos 2000 e nos conta as aventuras de João Grilo e Chicó - dois nordestinos pobres e que vivem de golpes para sobreviver nos arredores da cidade de Taperoá no interior da Paraíba.

Os alunos assistirão aos fragmentos do filme que apresentarão intertextualidade com dois folhetos de cordel *O dinheiro* e *o testamento da cachorra* e *O cavalo que defecava Dinheiro* de autoria de *Leandro Gomes de Barros*. Sabendo que um texto é resultado de um diálogo aberto e continuado com outros textos, é importante ressaltar, após a leitura dos folhetos, o conceito de intertextualidade que é um diálogo de um texto com um ou mais textos e que podem ser apresentados de formas verbais, não-verbais ou mistos. Após a ruptura do

horizonte de expectativas, em que será feita a leitura dos cordéis com os quais o autor de *O Auto da Compadecida* se inspirou para criar a situação do gato que descome dinheiro e o testamento da cachorra é importante apresentarmos a influência e a relação que um estabelece com o outro e como essas aventuras e situações são bastante dialógicas.

I. Trecho do livro *O Auto da Compadecida* que apresenta intertextualidade com o folheto referente ao cordel *O dinheiro e o testamento da cachorra*:

Esse era um cachorro inteligente. Antes de morrer, olhava para a torre da igreja toda vez que o sino batia. Nesses últimos tempos, já doente para morrer, botava uns olhos bem compridos para os lados daqui, latindo na maior tristeza. Até que meu patrão entendeu, coma a minha patroa, é claro, que ele queria ser abençoada e morrer como cristão. Mas nem assim ele sossegou. Foi preciso que o patrão promettesse que vinha encomendar a benção e que, no caso de ele morrer, teria um enterro em latim. Que em troca do enterro acrescentaria no testamento dele dez contos de réis para o padre e três para o sacristão. (SUASSUNA, 2005, p. 63-64).

II. Trecho do livro *O Auto da Compadecida* que apresenta intertextualidade com o folheto cordel "*O cavalo que defecava Dinheiro*" - "o gato que "descome dinheiro":

JOÃO GRILO: "Pois vou vender a ela, para tomar lugar do cachorro, um gato maravilhoso, que descome dinheiro" (SUASSUNA, 2005, p.38).

Então tiro. (Passa a mão no traseiro do gato e tira uma prata de cinco tostões). Esta aí, cinco tostões que o gato lhe dá de presente (SUASSUNA, 2005, p. 96).

Logo após a apresentação do vídeo, discutiremos oralmente essas aventuras com intuito de saber: Se conhecem alguém ou se eles mesmos já vivenciaram algo parecido em situações que pessoas tentam beneficiar-se de alguma forma? Se alguma passagem do texto lembra alguma outra história? Como eles veem o comportamento dos personagens? Qual personagem eles mais gostaram? Por que essa personagem foi mais significativa na visão deles? Que passagem do texto mais atraiu a atenção deles? Se eles reconhecem o vocabulário utilizado pelos personagens? A partir desses questionamentos, outras perguntas poderão surgir, de acordo com as respostas dos alunos.

[2º MOMENTO]

Atendimento do horizonte de expectativa – 2h/aulas

A turma será dividida em três grupos, cada um deles escolherá um dos envelopes que conterão os momentos vivenciados pelos personagens do filme: O momento em que Chicó vai avisar a dona que a cachorra morreu, o enterro da cachorra, a venda do gato que descome dinheiro.

Cada grupo terá que desenvolver, através de mímicas, a passagem do filme escolhida e os demais tentarão descobrir que passagem é essa. A finalidade desta atividade é despertar nos alunos a expressividade corporal, manifestando os sentimentos vivenciados pelo personagem e o interesse em partilhar com os outros experiências de textos não verbais, mas que produzem sentido. Logo após, discutiremos como foi para eles executarem essa atividade? Se acharam difícil ou fácil? O que mais dificultou a execução da atividade? O que mais facilitou a execução da atividade? É interessante que se faça uma atividade corporal interdisciplinar, juntamente com a professora de arte da escola, com a intenção de os alunos perceberem o quanto o corpo pode produzir informações e sentidos, através de uma linguagem não verbal.

[3º MOMENTO]

Ruptura do Horizonte de expectativas – 2h/aulas

Literatura de Cordel:

- *O cavalo que defecava Dinheiro* - Leandro Gomes de Barros
- *O dinheiro e o testamento da cachorra* – Leandro Gomes de Barros

Apresentaremos os cordéis de autores paraibanos que trazem a temática Aventura/humor. *O cavalo que defecava dinheiro* é uma história que traz como protagonista o “pobre” criativo e trapaceiro e o “Duque” coadjuvante/antagonista, rico, carente de inteligência, ganancioso. Os dois personagens, ambos aliados à falta de escrúpulos, se veem em uma luta de poder. Importante destacar a tradição do anti-herói do pícaro¹⁷, personagem astuto, aventureiro e de baixa condição social que busca através de sua esperteza e trapaças uma forma de ser reconhecido. O

¹⁷ Em romances e novelas escritas na Espanha, nos séculos XVII e XVIII, é uma personagem trapaceira que frequentava diversas classes sociais.

duque utiliza o poder econômico para se sobrepor ao pobre, este lança mão de sua inteligência e sagacidade para obter a vitória e a vingança das ofensas que recebeu do Duque.

Em *O dinheiro e o testamento da cachorra*, Leandro Gomes de Barros conta a história de um Inglês que recorre ao vigário para pedir-lhe o enterro de seu animal de estimação - o cachorro. O padre não consentiu e o Inglês disse-lhe que o cão havia deixado um testamento de determinada quantia para o vigário que logo mudou de opinião e resolveu enterrar o cão com todas as simbologias de um funeral. A informação deste acontecimento chega até ao bispo que sente-se ultrajado e vai tomar satisfações com o padre. Ao saber que também era beneficiado no testamento, muda de opinião e torna-se a favor do enterro.

Para esta atividade com os cordéis, a turma será separada em dois grupos e cada grupo ficará com uma das histórias utilizadas para a temática de humor e aventura. Para facilitar a interatividade dos grupos durante a leitura e o debate, poderemos dispor as carteiras em círculos.

Cada aluno receberá o seu folheto, fará a leitura individualmente e de forma silenciosa. Em seguida, a professora dará início a leitura dos folhetos, dando atenção à entonação e ao ritmo que a leitura permite. É interessante perceber que neste momento de leitura o aluno já associe algumas passagens do texto com o filme ao qual assistiram anteriormente. Ao associar o entendimento entre a leitura dos cordéis e os fragmentos do filme *O Auto da Compadecida*, almejamos trazer construções sociais enriquecedoras ao integrar autor-texto-leitor, buscando proporcionar uma melhor habilidade leitora e compreensiva de seu meio social. Cabe aqui expor a relação da peça *Auto da Compadecida* com os dois cordéis de Leandro Gomes de Barros que Ariano Suassuna declara em um depoimento:

Os cordelistas me influenciaram tanto quanto Lorca, que tem o mundo de cavalo, boi, cigano e romanceiro popular parecido com o meu, ou Calderón de La Barca; para mim o príncipe dos poetas brasileiros é Leandro Gomes de Barros, autor de dois dos três folhetos em que me inspirei para escrever o *Auto da Compadecida*: *O Enterro do Cachorro*¹⁸ e *O Cavalo que Defecava Dinheiro*. (SUASSUNA, 1986, p. 182. Grifo nosso.)

¹⁸ Embora Ariano Suassuna chame o folheto de *O Enterro do Cachorro*, o nome oficial desse cordel é *O Dinheiro*.

Abaixo, seguem alguns recortes dos cordéis para que possamos perceber a relação intertextual que de acordo com Koch *et al.* (2007, p.17) “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou memória discursiva (...) dos interlocutores. Atentar-se-ão, também, para os recursos estilísticos da arte do cordel, a relação assimétrica entre pobres e ricos do contexto nordestino, o aspecto crítico, a inquietação pelo dinheiro, as situações engraçadas, a prática da simonia, a falta de valores morais, etc.; que serão exploradas ao longo do debate dos textos.

I. Texto – Fragmentos do Cordel “O cavalo que defecava dinheiro”

É muito certo compadre
Ainda não melhorei
Porque andava por fora
Faz três dias que cheguei
Mas breve farei fortuna
Com um cavalo que comprei.

Se for assim, meu compadre
Você está muito bem!
É bom guardar o segredo,
Não conte nada a ninguém.
Me conte qual a vantagem
Que este seu cavalo tem?

Disse o pobre: - Ele está magro
Só o osso e o couro,
Porém tratando-se dele
Meu cavalo é um tesouro
Basta dizer que defeca
Níquel, prata, cobre e ouro!

[...]

Disse o velho: _meu compadre
Você não pode tratá-lo,
Se for trabalhar com ele
É com certeza mata-lo
O melhor que você faz
É vender-me esse cavalo. (BARROS, 2014, p. 03 - 04)

As estrofes acima representam bem a preocupação com o dinheiro a desigualdade social, a ausência dos valores morais. Elas são distribuídas em sextilhas, compostas por versos heptassílabos, com esquema rítmico ABCBDB. O folheto *O dinheiro*, é constituído de 34 sextilhas e segue a tradição dos folhetos

nordestinos. Como o título do Cordel, o enredo se desenvolve, em sua maior parte, colocando o dinheiro como destaque das relações.

II. Cordel – O dinheiro

Eu vi narrar um fato
Que fiquei admirado
Um sertanejo me disse
Que nesse século passado
Viu enterrar um cachorro
Com honras de um potentado.

Um inglês tinha um cachorro
De uma grande estimação.
Morreu o dito cachorro
E o inglês disse então:
Mim enterra esse cachorro
Inda que gaste um milhão.

Foi ao vigário e lhe disse:
Morreu cachorra de mim
E urubu no Brasil
Não poderá dar-lhe fim...
- Cachorro deixou dinheiro?
Perguntou o vigário assim.

- Mim quer enterrar cachorro!
Disse o vigário: Oh! Inglês!
Você pensa que isto aqui
É o país de vocês?
Disse o inglês: Oh! Cachorro!
Gasta tudo esta vez.

Ele antes de morrer
Um testamento aprontou
Só quatro contos de réis
Para o vigário deixou.
Antes do inglês findar
O vigário suspirou.

- Coitado! Disse o vigário,
De que morreu esse pobre?
Que animal inteligente!
Que sentimento tão nobre!
Antes de partir do mundo
Fez-me presente do cobre.

Leve-o para o cemitério,
Que vou o encomendar
Isto é, traga o dinheiro
Antes dele se enterrar,
Estes sufrágios fiados
É factível não salvar. (BARROS, 2014. p.05 - 06)

Após a leitura dos cordéis, a professora dará início a questionamentos sobre a capa do cordel de cada grupo:

Figura 11 – Capa do Cordel O cavalo que defecava Dinheiro e O Dinheiro



Fonte: Arquivo Pessoal

1. O que é retratado na capa de O Dinheiro? E O cavalo que defecava dinheiro?
2. O que os desenhos sugerem sobre o personagem e o ambiente onde eles estão?
3. Por que, provavelmente, o cordel é intitulado daquela maneira?
4. O que eles esperavam encontrar na história faz jus à imagem da capa?
5. Se já haviam visto em algum outro texto falar sobre a temática do cordel?
6. Se eles acreditam que possa existir esse tipo de situação em nossa convivência?

Espera-se que os alunos possam compartilhar suas ideias, associadas ao enredo e às imagens, como também observar que, ao tratar de estruturação do texto e do ritmo, eles possam relacionar com o folheto anteriormente estudado.

O professor irá sugerir que os alunos façam uma nova leitura individualmente, e tentem destacar as estrofes que mais lhe chamarem a atenção.

Nesta etapa, contemplaremos a seguinte habilidade da BNCC, do componente curricular Língua Portuguesa:

Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BNCC, 2017, p. 155)

Observaremos se os alunos serão capazes de identificar a desigualdade social imposta nos dois folhetos, a construção crítica entre ricos e pobres, as ações ilícitas presentes nas religiões, o aventurar-se nas mentiras, que estão expostos em todo o folheto, através das estrofes escolhidas e dos comentários dos alunos a partir da sua escolha. Sequencialmente, os alunos farão uma breve apresentação dos destaques efetuados por eles e declamarão para os colegas.

[4º MOMENTO]

Questionamento do Horizonte de expectativas – 2h/ aulas

Os alunos irão debater a relação do filme com os cordéis apresentados para alcançar os objetivos elencados no projeto. Seguem alguns questionamentos que podem ser feitas:

1. Qual a semelhança entre os textos e o filme?
2. Quais as diferenças que encontraram? Que aspectos abordados nos textos mais chamou a atenção?
3. Os personagens possuem alguma qualidade?
4. O que lhes falta?
5. Você acha correto as atitudes dos personagens? Por quê?
6. Por que, provavelmente, as pessoas agem de forma enganadora?

A atividade contará com a turma dividida em grupo, cada um com o cordel selecionado, e farão uma análise entre as passagens do filme, a atividade lúdica e os cordéis em estudo, tentando encontrar semelhanças e diferenças entre eles. Essa tarefa permitirá as discussões sobre a temática em estudo, ressaltando o valor literário, a importância do texto não verbal, as especificidades do texto, observando os recursos dispostos no texto literário, sua expressividade e os elementos estilísticos que o compõe. Em relação a essas questões, o professor poderá apresentar aos alunos a tradição do anti-herói, do pícaro, que se desenvolveu na Península Ibérica.

[5º MOMENTO]**Ampliação do horizonte de expectativa – 2h/aulas**

Se possível, neste momento recomendamos a participação de um xilógrafo para apresentar aos alunos a arte da xilogravura. Nesta etapa, os alunos participarão de uma oficina em que desenvolverão algumas imagens de xilogravuras. Em seguida, debateremos sobre a confecção efetuada dessas imagens e questionaremos o xilógrafo sobre:

1. O que é a xilogravura?
2. Qual a sua importância para a Literatura de Cordel?
3. Como surgiu?
4. Quais as características pertinentes a essa arte?

No espaço da sala de aula, algumas Xilogravuras estarão dispostas nas paredes para que os alunos possam ter maior contato com esta arte.

Algumas sugestões de imagens:

Figura 12 – Xilogravura – Lampião e Maria Bonita



Fonte: Página da Internet Xilogravura¹⁹.

¹⁹ Disponível em: <<https://tinyurl.com/2zz6nm5>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Figura 13 – Xilogravura – Maracatu



Fonte: Página da Internet Xilogravura²⁰.

Figura 14 – Xilogravura – Bumba meu boi



Fonte: Página da Internet Xilogravura²¹.

²⁰ Disponível em: <<https://tinyurl.com/2zz6nm5>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

²¹ Disponível em: <<https://tinyurl.com/2zz6nm5>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Figura 15 – Xilogravura – Tapioca da saude

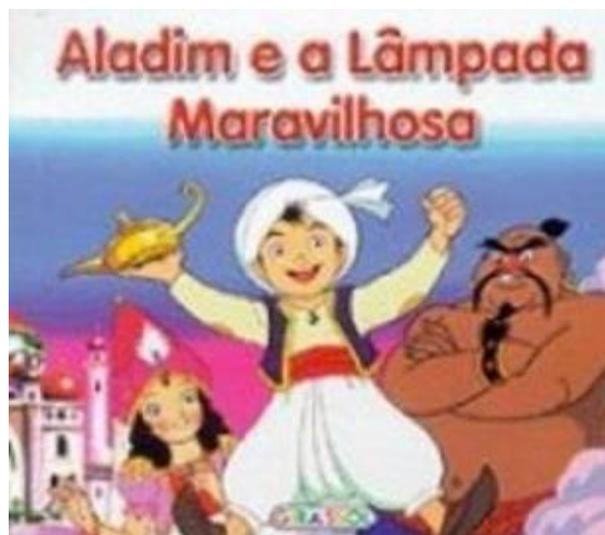


Fonte: Página da Internet Xilogravura²².

Após a aproximação dos alunos com as imagens, estimulá-los-emos a expor os efeitos e emoções pessoais, a partir das questões em debate que aproximem o aluno da arte exposta.

3.2.5 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA ATIVIDADE A SER APLICADA – 3ª TEMÁTICA – CONTOS MARAVILHOSOS – DESPERTANDO A IMAGINAÇÃO: VOANDO NAS ASAS DE UM PAVÃO OU NOS DESEJOS REALIZADOS POR UM GÊNIO

Figura 16 – Capa do Conto Aladim e a Lâmpada Maravilhosa



Fonte: Página da Internet Amazon²³.

²² Disponível em: <<https://tinyurl.com/2zz6nm5>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Figura 17 – Capa do Cordel O romance do Pavão Misterioso



Fonte: Arquivo Pessoal

[1º MOMENTO]

Determinação do horizonte de expectativas – 2h/aulas

O conto: *As mil e uma noites: Aladim e a lâmpada maravilhosa* – Antoine Galland.

As mil e uma noites reúne fascinantes histórias inventadas e preservadas na tradição oral pelos povos Orientais. A intenção é que ao utilizar o conto Aladim e a lâmpada maravilhosa, possamos estimular a criatividade e a imaginação. O conto utilizado, assim como tantos outros que compõem As mil e uma noites, é uma referência da literatura universal e, apresenta diálogo com as produções contemporâneas nas quais é possível encontrar adaptações com narrativas que se elaboram intertextualmente tomando esse conto seja de uma forma geral, seja a partir de passagens significativas ou de suas personagens, logo é possível identificar versões diferentes, mas a maioria delas preserva o teor central do enredo. A obra teve várias adaptações para o teatro, ópera, literatura e cinema e com grande repercussão, o desenho animado de longa metragem da Disney lançado em 1992 tornou o conto mais famoso e popular.

²³ Disponível em: <<https://tinyurl.com/t8jyy6wd>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Tomaremos, neste trabalho, o conto de Antoine Galland. É possível que muitos dos alunos conheçam a história de *Aladim e a Lâmpada maravilhosa*, devido ao desenho animado. Nesta etapa do trabalho, as carteiras estarão dispostas em círculos para facilitar a interação durante a leitura do conto e, abaixo de cada uma delas, estarão grudados um chocolate e um papel com a frase: “Faça o seu pedido e você será atendido.”

Os alunos terão que escrever o pedido antes de ler o conto. O intuito dessa atividade é chamar a atenção do aluno, e criar expectativas quanto à leitura. Em seguida, depositarão esses pedidos em uma caixa colorida que estará centralizada no círculo, em cima de uma carteira. A seguir, a professora refletirá com os alunos os pedidos que provavelmente colocaram na caixa, se são pedidos relativos ao sentimento, ao estudo, ao futuro, etc.; logo após essa reflexão, ela apresentará uma imagem da capa do livro de *Aladim e a lâmpada Maravilhosa* e indagará:

1. Reconhecem as personagens?
2. Sabem qual história envolve aquelas personagens?
3. Como eles percebem essa ideia de magia nas histórias?
4. Por que a lâmpada era considerada maravilhosa?

A partir das respostas dos alunos, a professora dará sequência a outros questionamentos que possam surgir. Logo após essa breve análise da imagem e dos personagens do conto, os alunos receberão o texto de *As mil e uma noites: Aladim e a lâmpada maravilhosa* e farão uma leitura compartilhada, visto que para Colomer (2007), o compartilhamento de obras com outros é bastante significativo, visto que beneficia a competência do outro para a construção de saberes, entendendo mais e melhor, como também para obtenção de prazer.

Após a leitura compartilhada, o docente pedirá que eles façam uma leitura individual e destaquem algo que lhes tenham chamado a atenção no que se refere à fantasia e à imaginação.

A partir deste momento, dar-se-á início a um debate acompanhando uma sequência de questões:

1. O que é realidade e o que é fantasia?
2. O que eles pediram no papel é algo real, facilmente realizável ou algo fantasioso?
3. Como eles veem a fantasia no dia a dia?

Abordaremos também a formação leitora do aluno em relação aos contos maravilhosos:

1. Se eles criam expectativas?
2. Se imaginam situações?
3. Leem ou leram algo que seja relacionado à fantasia?

E de acordo com as respostas dos alunos poderão surgir novos questionamentos subjetivos relacionados à vivência deles com os Contos Maravilhosos.

Também é bom fazermos questionamentos sobre o conto lido, como:

1. Aparecem situações da vida real no conto?
2. Que situações são estas?
3. O que eles pensam a respeito dessas situações?
4. Por que o texto *As mil e uma noites: Aladim e a lâmpada maravilhosa* se encaixa na fantasia?
5. Que elementos compõe a fantasia do texto?

[2º MOMENTO]

Atendimento do horizonte de expectativa – 2h/aulas

Neste momento, os alunos serão divididos em grupos. Cada grupo receberá duas plaquinhas com as opções: fantasia e a outra realidade. Vale destacar que podem surgir divergências entre o concreto e o imaginário de acordo com a cultura. O docente apresentará pequenos relatos da literatura local, como o papa figo, em algumas localidades, também é conhecido como o “velho do saco” - figura lendária do folclore brasileiro, conhecida principalmente na Bahia, Pernambuco e Paraíba. Segundo o antropólogo Luís da Câmara Cascudo, em *Geografia dos Mitos Brasileiros*:

O papa-figo é como o lobisomem da cidade, que não muda de forma, sendo alto e magro. Diz-se que é um velho negro, sujo, vestido de farrapos, com um saco ou sem ele, ocupando-se em raptar crianças para comer-lhes o fígado ou vendê-lo aos leproso ricos. Em outras regiões é muito pálido, esquelético, com barba sempre por fazer. Sai à noite, às tardes ou ao crepúsculo. Aproveita para as saídas das escolas, os jardins onde as amas se distraem com os namorados, os parques assombrados. Atrai as crianças

com disfarces ou mostrando brinquedos, dando falsos recados ou prometendo levá-las para um local onde há muita coisa bonita. (CASCUDO, 2012, p.225)

Outra figura de nosso folclore é a Mula-sem-cabeça sendo conhecida por outros nomes também: burrinha de padre e burrinha. A personagem fala de mulheres que foram amaldiçoadas com a capacidade de converter-se em uma mula que possui labaredas no lugar da cabeça. Era uma lenda que reforçava os valores morais de séculos passados para evitar que mulheres mantivessem relações sexuais antes do casamento, sobretudo com padres.

A Mula-sem-cabeça, Burrinha-de-padre ou simplesmente Burrinha, é o castigo tremendo da concubina do padre católico. Na noite da quinta para sexta-feira, muda-se numa mula, alentada e veloz, correndo com espantosa rapidez, até o terceiro cantar do galo. Seus cascos afiados dão coices que ferem como navalhadas. Homens ou animais que encontra na dianteira de sua carreira furiosa, despedaça às patadas. Ouvem, de longe, o estridor do galope fantástico e as dentadas terríveis com que remorde o freio de ferro que leva na boca espumante e orlada de sangue. Pela madrugada, exausta, recolhe-se, cheia de nódoas das pancadas. Volta à forma humana e recomeça o fadário na outra noite fatídica. Para que a “manceba” do Padre não “vire” Burrinha, é preciso que este não esqueça nunca de amaldiçoá-la antes de celebrar a Santa Missa. Para “desencantá-la” é necessário ter-se a suprema coragem de enfrentá-la e tirar-lhe destramente o freio de ferro. (CASCUDO, 2012, p.168)

Cada grupo terá um tempo para debater se para eles o que está sendo exposto é algo concreto ou fantasioso. Sabendo-se que o real e a fantasia podem ser relativos, dependendo da cultura e crença de cada um. Após a apresentação das imagens e os textos de nossa cultura, debateremos a questão da fantasia que deverá se fazer presente em nossa vida a fim de que possamos sonhar, criar e imaginar dias melhores para todos. Pretende-se que os alunos não só conheçam as lendas folclóricas como também exponha o que, por ventura, conhecer sobre os contos maravilhosos.

[3º MOMENTO]**Ruptura do Horizonte de expectativas – 3h/aulas**

Literatura de Cordel - Cordel: *O romance do Pavão Misterioso* – José Camelo de Melo Rezende

Figura 18 – O Pavão Misterioso



Fonte: Página da Internet Cordel Atemporal. Gravura de Jô Oliveira²⁴.

O romance do Pavão Misterioso é publicado na Paraíba por João Melchíades Ferreira, quando José Camelo de Melo Rezende, autor verdadeiro da obra, ausenta-se da Paraíba para morar no Rio Grande do Norte, no fim dos anos de 1920. José Camelo denuncia o golpe, mas o romance continuou a ser atribuído a João Melchíades Ferreira; hoje em dia encontramos folhetos com a autoria atribuída a ambos cordelistas. Esta obra é um dos maiores clássicos do cordel, escrito em 32 páginas com versos heptassílabos ou redondilhas maiores e nos conta uma história de amor, aventura e heroísmo.

O romance do Pavão Misterioso foi publicado em 1923 e conta a aventura de Evangelista, um rapaz que se apaixona ao contemplar através de um retrato, que o irmão lhe dera, a formosura de Creuza, personagem aprisionada pelo próprio pai em uma sobrado. Evangelista resgata a moça e foge com ela em um pavão mecânico. A seguir temos as estrofes do cordel que revelam o momento em que Evangelista vê a foto e é tomado por um sentimento arrebatador.

²⁴ Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2wopk7m>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

João Batista retirou
 O retrato de uma mala
 Entregou ao rapaz
 Que estava de pé na sala
 Quando ele viu o retrato
 Quis falar tremeu a fala.

Evangelista voltou
 Com o retrato na mão
 Tremendo quase assustado
 Perguntou ao seu irmão
 Se a moça do retrato
 Tinha aquela perfeição.

[..]

Respondeu Evangelista
 – Pois meu irmão eu te digo
 vou sair do país
 não posso ficar contigo
 pois a moça do retrato
 deixou-me a vida em perigo. (REZENDE.2000, p. 06-07)

No conto *O Fiel João*, dos Irmãos Grimm também encontramos uma passagem que se refere ao retrato de uma bela jovem pela qual o herói se apaixona:

Após a minha morte, deves mostrar-lhe todo o castelo, os aposentos, as salas e os subterrâneos todos, com os tesouros que encerram. Exceto, porém, o último quarto do corredor comprido, onde está escondido o retrato da princesa do Telhado de Ouro; pois, se vir aquele retrato ficara ardentemente apaixonado por ela, cairá um longo desmaio e, por sua causa, correrá grandes perigos dos quais eu te peço que o livres e o preserve.” (GRIMM, 2013, p.137)

Em 1960, O folheto *O romance do Pavão Misterioso* foi adaptado para uma história em quadrinho pela Editora Prelúdio, sendo posteriormente republicado em 2010 pela Luzeiro. O folheto serviu como inspiração para o cantor e compositor Ednardo que compôs a música *Pavão Mysterioso*, tema da telenovela *Saramandaia* de Dias Gomes. Em 1986, o cordel teve uma peça de teatro e no ano de 2008, o cordelista cearense Arievaldo Viana publicou uma própria versão infanto-juvenil do cordel em parceria com o ilustrador pernambucano Jô Oliveira.

A história nos apresenta com grande maestria a combinação do romance entre um jovem turco e uma moça grega, reunindo também, os elementos fantásticos de um pavão mecânico, chamado de pavão misterioso:

Eu vou contar uma história
 De um pavão misterioso
 Que levantou voo na Grécia
 Com um rapaz corajoso
 Raptando uma condessa
 Filha de um conde orgulhoso. (REZENDE, 2000, p.01)

As informações culturais colaboram com a magia que envolve as personagens das histórias populares, e aproxima o protagonista de criaturas lendárias, habitantes de lugares e de um tempo remoto. Em *O romance do Pavão Misterioso* percebe-se que o imaginário está bastante presente desde a história de amor e da beleza exótica da personagem feminina, até a astúcia do herói com um invento mecânico miraculoso.

Importante ressaltar a relação do pavão na história por possuir uma beleza natural, na qual sua calda se abre em leque em uma harmonia perfeita de cores, assemelhando-se, talvez, à beleza da personagem tão desejada pelo jovem turco.

A fim de despertar a curiosidade dos alunos para a realização da leitura do cordel, ao entrar em sala, os alunos perceberão, pregado no quadro da sala, a imagem de um Pavão em tamanho visível para a sala inteira, em preto e branco. A partir dessa imagem, serão levantadas as seguintes questões:

1. O que a imagem sugere?
2. Que tipo de história é essa?
3. O que percebem de diferente nessa imagem?
4. Por que o que eles percebem é diferente?
5. Se há possibilidades de haver um pavão daquela maneira?
6. Caso fosse possível termos aquela imagem como algo real, o que ele seria?
7. Para que seria utilizado?

E após esse debate, a professora distribuirá o cordel com a turma que estará disposta em círculo. Neste momento, os alunos já reconhecem as características do folheto e será importante ressaltar os valores que estruturam todo o cordel, desde a forma, ilustração e o tamanho do folheto, como também a observação na estrutura poética: a quantidade de versos, a metrficação e o esquema de rimas.

Após essas observações, o(a) professor(a) fará a leitura do cordel com a produção vocal que estabeleça o ritmo adequado do texto e efetuará paradas

estratégicas para criar expectativas sobre a viagem e a lembrança que o irmão trará para o jovem Evangelista. O professor poderá, a partir das questões seguintes, fazer fluir a imaginação dos alunos.

1. O que esperam encontrar em uma viagem?
2. Que tipo de lembranças se traz para presentear os familiares e amigos?
3. O que eles esperam que o irmão traga como lembrança e por quê?

Importante ressaltar aqui as seguintes habilidades da BNCC, do componente curricular Língua Portuguesa:

Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc. (BNCC, 2017 p.167)

A partir daí, poderemos dividir a turma em dois grupos e pedir que o primeiro grupo leia o texto em voz alta até a página 12. Dá-se mais uma pausa para estimular as colocações dos alunos diante de novas expectativas, a partir da questão: O que poderá ser feito para Evangelista encontrar Creuza? Quem ele procurará para executar o plano? Por que será que demorará tanto tempo para que Evangelista possa falar com a Princesa? Como esperam que seja o encontro? Após ouvir a discussão e as ideias dos alunos, daremos sequência a leitura onde encontraremos a solução para o encontro entre o jovem e a donzela. É importante que o (a) professor(a), peça aos alunos para desenvolver a leitura com paradas estratégicas, tentando instigar no aluno a imaginação, a criatividade, e a expectativa de como será o desfecho do enredo. Podemos ao final, fazer algumas análises em volta dos personagens, da história, da criatividade e a posição da mulher na história.

Em seguida, os grupos podem apresentar cada um dos personagens da história ou uma cena do cordel, o professor pedirá que releiam versos escolhidos e transformem em imagens ou construam um novo texto a partir da estrofe, personagem ou situação escolhida. Logo após a atividade, o material será exposto e comentado pelos participantes.

[4º MOMENTO]**Questionamento do Horizonte de expectativas – 2h/aulas**

Neste momento, os alunos irão debater os elementos fantasiosos entre o conto e o cordel a fim de que alcancemos os objetivos elencados no projeto. A atividade contará com a turma dividida em grupo, cada grupo receberá uma ficha avaliativa, descrita abaixo, para que em seguida confrontem suas respostas.

Essa tarefa permitirá as discussões sobre a temática em estudo, ressaltando o valor literário, as especificidades do texto, observando os recursos dispostos no texto literário, sua expressividade e os elementos estilísticos que o compõe. Debateremos, ainda, o valor da fantasia em nossa vida, a relação do real e o sonho que se faz constante em nosso dia a dia.

Para isso será distribuída a ficha descrita incorporada no apêndice F, página 103, deste trabalho.

[5º MOMENTO]**Ampliação do horizonte de expectativa – 3h/aulas**

Neste momento, pode-se trazer para a escola uma oficina com um poeta cordelista local que irá apresentar aos alunos a arte da apresentação do cordel. Os alunos participarão de uma conversa com o poeta, em seguida, de uma oficina conduzida pelo artista e pela professora para que possam desenvolver algumas estrofes de acordo com as temáticas escolhidas ou produzir xilogravuras.

Em seguida, os alunos apresentarão as estrofes e/ou as xilogravuras que conseguiram elaborar e depois debateremos como foi fazer parte dessa oficina e o que mudou na expectativa desses alunos o trabalho desenvolvido. Logo após a atividade concluída, os alunos pregarão os versos desenvolvidos por eles em um painel. Seguidamente, todos serão conduzidos a uma sala ornamentada dos materiais produzidos por eles durante a intervenção do projeto, como também de muitos cordéis expostos em cordões pela sala e participarão de um lanche coletivo para celebrar o término de nossa atividade com cordéis.

Ao longo dos dias, a sala será aberta à comunidade escolar para que possam apreciar as atividades desenvolvidas pelos alunos durante a execução do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ingressar no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) se configurou, antes de tudo, como uma oportunidade de reavaliação da nossa prática docente, desde a parte da sociolinguística até o ensino da literatura no Ensino Fundamental. Ao tratar a literatura no Ensino Fundamental e, em particular, aos estudos de Literatura de Cordel, foi um divisor na minha prática, já desmotivada, para uma renovação com teorias e práticas concretas de aplicação. A idealização de uma proposta interventiva de leitura literária, que ampliasse a aptidão leitora de nossos alunos, fazendo com que eles reconstruam sentidos, manifestem opiniões e, acima de tudo, atentem para o universo de riquezas da literatura local compôs nosso maior desafio para lançar as bases de um ensino mais criativo e dinâmico. Já havíamos realizado com sucesso alguns projetos de leitura com crianças e adolescentes, em várias escolas. Porém, as práxis eram efetuadas institutivamente que, por alterar a formação de aula rotineira entre cadernos, quadro e explicações, estimulavam e atraíam mais os alunos para as atividades do que pela abordagem pedagógica. É importante frisar que havia uma carência de referencial teórico que fundamentasse a realização das atividades. Assim, após ingressarmos no PROFLETRAS e sermos confrontados pela criação de uma proposta que favorecesse a prática de leitura literária dos folhetos de cordel na escola, nos respaldamos no Método Recepcional de Aguiar e Bordini, a partir dos estudos da Estética da Recepção de Iser e na Teoria do Efeito de Jausss com uma sugestão didático-pedagógica, como forma de conduzir o aluno nesse processo, por meio da leitura de literatura de Cordel com temas caracterizadores.

Não se pode negar o grande desafio que é trabalhar a literatura local e desenvolver nos alunos o prazer em fazer leituras com a cadência melódica que o cordel e a poesia exigem, porém é preciso fazê-los conhecer essa importante história de nossa arte e desmistificar toda a marginalização imposta a ela durante tantos anos e que, com os meios tecnológicos e políticas públicas que envolvem e enaltecem a cultura local, o cordel tem se propagado cada vez mais. Esperamos com esse trabalho materializar nossa prática em relação à literatura de cordel, abordando desde a sua forma de divulgação desde os tempos remotos até os dias atuais, sendo valorizado em programas de entretenimento (novelas, reality show, mídias sociais, teatro e etc.) para propagar essa literatura tão completa que versa a composição do cordel, desde a sua estrutura com a presença de rimas, métrica e

oralidade; até à temática que pode ser histórica, moral e relata tradições que contribuem com a riqueza do folclore brasileiro.

Os folhetos de Cordel utilizados fazem parte do grande acervo de obras e autores da literatura paraibana, unindo tradição popular e erudita, registros de memória dos contadores, bem como registros literários e históricos de grandes poetas cordelistas. A leitura dos folhetos de Cordel possibilita a reflexão do discurso universal presente no texto literário, haja vista seu potencial estético, humanizador, social e individual. De acordo com Candido (1995, p. 180), a vivência literária exerce um papel fundamental na formação humana, pois “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. A escolha do gênero deu-se pela necessidade de trazer para sala de aula a poesia, o popular e principalmente a valorização dessa arte; porém a escolha das temáticas deve se dar a partir de uma análise com a turma com a qual se pretende realizar a atividade. Uma abordagem bem planejada do ensino de literatura, como a descrita nas aplicações das temática, para motivar o aluno para a leitura e promover o letramento literário em sala de aula.

Por intermédio dessas atividades, esperamos que os alunos envolvidos consigam expandir seus conhecimentos tanto ao que se refere à estrutura de um texto poético (verso, estrofe, metrificacão, etc), o trabalho do xilógrafo com o sua arte poética, quanto à grandeza histórica, criativa e emocional que envolve cada folheto.

Neste trabalho, é importante considerar todas as repercussões que cada temática ao ser desenvolvida possa vir oferecer, concedendo-nos outras abordagens, ampliações e diálogos necessários e válidos para uma maior e mais viável aprendizagem e interesse de nossos alunos.

Por conseguinte, deve ser prática na escola, proporcionar atividades habituais de leitura eficazes, capaz de formar um leitor hábil e competente, dando-lhe o direito à fruição, a fim de que não se negue ao discente o direito enquanto ser humano, o direito à fruição, ao prazer estético e à humanização, como bem destaca Antonio Candido (2011). Cabe lembrar também a importância da presença do professor para mediar o contato do aluno com o texto literário, estimulando, assim, a leitura. Levar o discente a refletir sobre a linguagem literária e todas as possibilidades de reconhecimento local, permitindo avanços significativos, tanto no que diz respeito à aprendizagem como às relações pessoais. Por fim, além de

colaborar de forma motivadora para que demais professores utilizem esse material elaborado a partir de pesquisas em teoria da literatura e documentos oficiais do ensino de LP, espera-se que, ao concretizar este trabalho, possa haver uma grande contribuição para o reconhecimento e a valorização da cultura popular, como também, despertar e/ou ampliar o gosto pela leitura, o que certamente será o início de uma formação de alunos leitores.

REFERÊNCIAS



ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1999.

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada, literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura – a formação do leitor**: Alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Ensinar Literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

BARROS, Leandro Gomes de. **O dinheiro ou o testamento do cachorro**. Maturéia/PB: Gráfica Martins, 2014.

BARROS, Leandro Gomes de. **O cavalo que defecava dinheiro**. Maturéia/PB: Gráfica Martins, 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CAMPOS, A. F. A formação do leitor através do método recepcional. In: Cadernos de Ensino e Pesquisa da FAPA, n. 2, 2º Sem, Porto Alegre, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 1. ed. Edição digital. São Paulo: Global, 2012.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução de Fátima Murad. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DINIZ, Francisco. **Literatura de Cordel**. João Pessoa/PB: Cristiano Produções Musicais; Santa Rita/PB: Aurélio Beltrão Produções Musicais, 2006. Disco sonoro.

ENGEL, Guido I. **Pesquisa-ação**. In.: **Educar em Revista**, v. 16, n. 16. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, Helena Nagamini. **Gêneros discursivos na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Jerusa Pires. Matéria carolíngia ou do cavalheiresco épico. In: **Cavalaria em Cordel: o passo das águas mortas**. São Paulo: Hucitec, 1993.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Ministério da Cultura. **Cordel: literatura popular em verso**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/5bjxunms>>. Acesso em: 16 maio 2020.

GALLAND, Antoine. Aladim e a Lâmpada Maravilhosa. In: GALLAND, Antoine. **As Mil e Uma Noites**. Tradução de Alberto Diniz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos de Fadas**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2013.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KOCH, Ingedore G. Vilaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LIMA, Ronaldo da Cunha. **50 Canções de Amor e um Poema de Espera**. João Pessoa: A União, 1997. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3gzaqbg>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

LIRA, Janaína. **A literatura de cordel na sala de aula**. Campina Grande/PB: Universidade Federal de Campina Grande, 2004.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do *Professor?* In: BUZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação de professor**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

MEYER, Marlise. **Autores de cordel**. São Paulo: Editora Abril Educação, 1980.

MORAES, Vinícius de. **Berimbau**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2000. Disco sonoro. Disponível em: <<https://tinyurl.com/bq2gk9am>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 2. ed. João Pessoa: Idéia, 2002.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres Cordelistas**: percepções do universo feminino na Literatura de Cordel. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ua5s589a>>. Acesso em 07 nov. 2019.

RAMALHO, Elba. **Bate Coração**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2005. Disco sonoro. Disponível em: <<https://tinyurl.com/j6sufvav>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

REZENDE, José Camelo de Melo. **As grandes aventuras de Armando e Rosa ou Coco Verde e Melancia**. 2. ed. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2006.

REZENDE, José Camelo De Melo. **O Romance do Pavão Misterioso**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2000.

ROUXEL, A. Ensino da literatura: experiência estética e formação do leitor. In: ALVES, J. H. P. (org.). **Memórias da Borborema 4**: discutindo a literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014.

SANTOS, Marília Carmem Moreira. **A música como recurso didático nas aulas de interpretação textual**: uma experiência no Ensino Fundamental em São Francisco do Conde, Bahia. 2018.

SANTOS, Éverton Diego S. R. **A Reinvenção da Tradição**: a literatura de cordel no século XXI. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul. 2011. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ukcn9jj>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, Ezequiel T. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola**: reflexões, comentários e dicas de atividades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 35. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

SUASSUNA, Ariano. **A compadecida e o Romancelheiro Nordestino**. In: LITERATURA POPULAR EM VERSO: estudos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1986.

TAVARES, Braulio. **Contando histórias em versos**: poesia e romancelheiro popular no Brasil. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Construção do Conhecimento e Metodologia da Extensão**. Texto apresentado em mesa-redonda, coordenada pelo Prof. José Willington Germano (Pró-reitor de Extensão da UFRN), no I CBEU – Congresso Brasileiro de

Extensão Universitária – João Pessoa – PB, em 10 de novembro de 2002.
Disponível em: <shorturl.at/hpvDY>. Acesso em: 07 jun. 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia Da Pesquisa-Ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. (Série Fundamentos, 41). São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **Entrevista com Regina Zilberman**. Entrevista concedida a CAVALCANTE, Meire. In.: NOVA ESCOLA, ago. 2007. Disponível em: <<https://tinyurl.com/6n6dzyxh>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira *et al.* São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Tradução de Amália Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Referências de Imagens Ilustrativas

AMAZON. Página da Internet. **Figura 16 – Capa do Conto Aladim e a Lâmpada Maravilhosa**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/t8jyy6wd>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ANTÔNIO MIRANDA. Página da Internet. **Figura 9 – Capa do Conto**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y6mwwm8a>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ARTE E BLOG. Página da Internet. **Figura 1 – Os amantes – René Magritte**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y44d7dp2>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

_____. Página da Internet. **Figura 3 – Separation – Edvard Munch**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y62dnhu9>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

CORDEL ATEMPORAL. Página da Internet. **Figura 18 – O Pavão Misterioso**. Gravura de Jô Oliveira. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2wopk7m>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

G1. Página da Internet. **Figura 5 – Propaganda O Boticário**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3a55ml2>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

MEIO E MENSAGEM. Página da Internet. **Figura 7 – Campanha Publicitária Defesa da Diversidade**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/79wr5ma5>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

MEMÓRIAS DO CANGAÇO. Canal do Youtube. **Figura 4 – Lampião e Maria Bonita**. Disponível em: <<https://youtu.be/fBR9wPp5gt8>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

OBSERVATÓRIO G1. Página da Internet. **Figura 6 – Campanha Publicitária Lojas Americanas**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxnfwfpm>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

WIKIPÉDIA. Página da Internet. **Figura 2 – Romeu e Julieta – Frank Dicksee**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/d8nnfknj>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

XILOGRAVURA. Página da Internet Xilogravura. **Figura 15 – Xilogravura – Tapioca da saudade**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2zz6nm5>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

_____. Página da Internet. **Figura 12 – Xilogravura – Lampião e Maria Bonita**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2zz6nm5>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

_____. Página da Internet. **Figura 13 – Xilogravura – Maracatu**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2zz6nm5>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

_____. Página da Internet. **Figura 14 – Xilogravura – Bumba meu boi**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2zz6nm5>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

APÊNDICES



APÊNDICE A – PLANO DE AULA PARA A PRIMEIRA ETAPA

Apresentação do Projeto - Um caminho para o cordel

PLANO DE AULA

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

Número de aulas: 04 (quatro) aulas.

OBJETIVO GERAL

Compreender a proposta do projeto que será desenvolvido.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Realizar uma sondagem sobre os conhecimentos prévios dos discentes sobre a leitura literária da Literatura de Cordel.

Reconhecer o valor imaterial da Literatura de Cordel.

Identificar os elementos constitutivos da Literatura de Cordel (aspectos estrutural, expressivo e estilístico) e o contexto de produção.

CONTEÚDO

Cordel do poeta do sertão paraibano Francisco Diniz, “*Literatura de Cordel*”;
Cordéis de autores paraibanos.

Reportagem exibida pelo Globo Rural²⁵ sobre a literatura de Cordel.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Leitura de cordel.

Apresentação dos Cordéis e de autores Paraibanos.

Discussão e reflexão sobre o gênero em estudo.

RECURSOS METODOLÓGICOS

Cópias do texto impresso.

Folhetos de Literatura de Cordel de autores paraibanos.

Datashow e som.

AVALIAÇÃO

Participação efetiva na realização das atividades de leitura, reflexão e discussão em sala de aula.

Realização das atividades propostas.

²⁵ Disponível em: <<https://youtu.be/7DosjK6GSUQ>>. Acesso em 15 abr. 2020.

APÊNDICE B – PLANO DE AULA PARA A PRIMEIRA METODOLOGIA APLICADA

1ª Temática – Romance – O romance na literatura: abreviado em apelidos ou na valentia do vaqueiro

PLANO DE AULA

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

Número de aulas: 10 (dez) aulas.

OBJETIVO GERAL

Promover o pensamento crítico, o letramento literário e a sensibilidade dos alunos através da temática abordada na Literatura de Cordel - Romance.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Incentivar o interesse pela leitura de textos literários da cultura popular paraibana. Reparar na beleza dos aspectos estruturais, expressivos e estilísticos, manifestando sentimentos, experiências, ideias e opiniões diante da literatura de cordel.

Discutir e refletir sobre o tema caracterizador em estudo reconstruindo sentidos em torno da visão de mundo dos participantes.

CONTEÚDO

Música: Saga de um vaqueiro (Mastruz com Leite).

Literatura de Cordel: Grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por “Coco Verde” e “Melancia” José Camelo de Melo Rezende.

Poemas, imagens, propagandas, etc. que abordem o mesmo tema.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Audição musical.

Material selecionado pelos alunos que evidencie o romance.

Análise da imagem do folheto de cordel.

Leitura da Literatura do Cordel: Grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por “Coco Verde” e “Melancia”.

Debate com um poeta.

RECURSOS METODOLÓGICOS

Cópia da música.

Texto com a Literatura de Cordel em estudo.

Atividade impressa, som, folheto de Literatura de Cordel.

AVALIAÇÃO

Realização das atividades propostas.

Participação nas discussões realizadas durante a aula.

APÊNDICE C – PLANO DE AULA PARA A SEGUNDA METODOLOGIA APLICADA

2ª Temática – Aventura, Crítica e Humor – Do sorriso à aventura: a sátira presente na Literatura

PLANO DE AULA

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

Número de aulas: 10 (dez) aulas.

OBJETIVO GERAL

Promover o pensamento crítico, o letramento literário e a sensibilidade dos alunos através da temática abordada na Literatura de Cordel – Aventura e Humor.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Incentivar o interesse pela leitura de textos literários da cultura popular paraibana. Reparar na beleza dos aspectos estruturais, expressivos e estilísticos, manifestando sentimentos, experiências, ideias e opiniões diante da literatura de cordel.

Discutir e refletir sobre o tema caracterizador em estudo reconstruindo sentidos em torno da visão de mundo dos participantes.

CONTEÚDO

O Auto da Compadecida (fragmentos do filme).

O cavalo que defecava Dinheiro - Leandro Gomes de Barros.

O dinheiro e o testamento da cachorra – Leandro Gomes de Barros.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Exibição do filme *O Auto da Compadecida*.

Dramatização de cenas do filme.

Discussão sobre as atividades.

Leitura da Literatura de cordel.

Debate sobre a temática em estudo.

Desenvolvimento de xilogravuras com Artistas convidados: poeta e xilógrafo.

RECURSOS METODOLÓGICOS

Vídeo e som.

Cópia dos textos em estudo - Literatura de Cordel.

Cartaz, papel e canetas.

AVALIAÇÃO

Participação efetiva nas atividades desenvolvidas.

APÊNDICE D – ATIVIDADE PARA A 2ª TEMÁTICA – RELAÇÃO COM A XILOGRAVURA

Após a aproximação dos alunos com as imagens, estimulá-los-emos a emitirem suas impressões pessoais, a partir de questionamentos como:

1. O que você acha do povo retratado nas imagens?
2. O que mais chama a atenção nas imagens? Por quê?
3. Que lugar, provavelmente, retratam?
4. Quais as qualidades desse lugar?
5. Você sente orgulho de ser nordestino? Por quê?

Algumas outras questões podem ser acrescentadas a partir do diálogo acima.

APÊNDICE E – PLANO DE AULA PARA A TERCEIRA METODOLOGIA APLICADA

3ª Temática – Contos Maravilhosos – Despertando a imaginação: Voando nas asas de um Pavão ou nos desejos realizados por um gênio

PLANO DE AULA

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

Número de aulas: 13 (treze) aulas.

OBJETIVO GERAL

Promover o pensamento crítico, o letramento literário e a sensibilidade dos alunos através da temática abordada na Literatura de Cordel – Contos Maravilhosos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Incentivar o interesse pela leitura de textos literários da cultura popular paraibana.
Reparar na beleza dos aspectos estruturais, expressivos e estilísticos, manifestando sentimentos, experiências, ideias e opiniões diante da literatura de cordel.
Discutir e refletir sobre o tema caracterizador em estudo reconstruindo sentidos em torno da visão de mundo dos participantes.

CONTEÚDO

O conto: As mil e uma noites: Aladim e a lâmpada maravilhosa – Antoine Galland.
Literatura de Cordel: O romance do Pavão Misterioso – José Camelo de Melo Rezende.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Análise da capa do Livro: Aladim e a lâmpada maravilhosa – Antoine Galland.
Atividade Lúdica.
Discussão sobre as atividades.
Leitura da Literatura de cordel.
Debate sobre a temática em estudo.
Debate com o Poeta.

RECURSOS METODOLÓGICOS

Cópia dos textos em estudo - Literatura de Cordel.
Cartaz, papel e canetas.

AVALIAÇÃO

Participação efetiva nas atividades desenvolvidas.

APÊNDICE F – FICHA AVALIATIVA PARA A 3ª TEMÁTICA



1. Ao se deparar com o título e a xilogravura, qual enredo você esperava encontrar?
2. Qual temática é retratada nessa obra?
3. Por que consideramos esse texto como “Literatura de Cordel”?
4. Quantos estrofes há no Cordel?
5. Quantos versos há em cada estrofe?
6. Como estão dispostas as rimas?
7. Você teve alguma dificuldade em compreender o texto? Em caso afirmativo relate as dificuldades.
8. Identifique no quadro abaixo alguns elementos/ situações fantasiosas encontradas no cordel e no conto.

Texto	Situações / elementos fantasioso	Elementos/ situações reais
Conto		
Cordel		

9. Encontre semelhanças entre os textos de acordo com quadro:

	Conto	Cordel
Os ideais dos personagens protagonistas		
O enredo		

10. Encontre diferenças entre os textos de acordo com quadro:

	Conto	Cordel
Os ideais dos personagens protagonistas		
O enredo		

ANEXOS



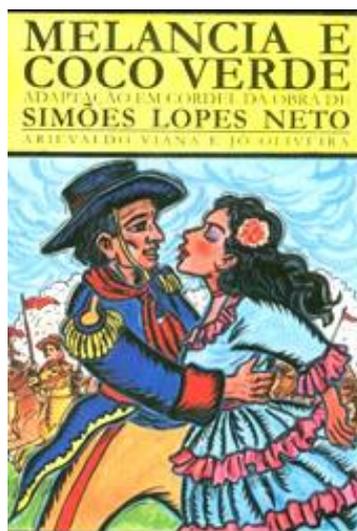
ANEXO A – CAPAS DO CORDEL “COCO VERDE E MELANCIA”

1ª Temática – Romance – Imagens

1 – Xilogravuras – Capas do Cordel “Coco Verde e Melancia”



2 – Capa do Conto “Melancia e Coco Verde”



**ANEXO B – CORDEL – GRANDES AVENTURAS DE ARMANDO E ROSA
CONHECIDOS POR “COCO VERDE” E “MELANCIA”**

Grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por “Coco Verde” e “Melancia” *(José Camelo de Melo Rezende)*

Coco-Verde e Melancia
é uma história que alguém
quer sabê-la mas não sabe
o começo de onde vem
nem sabe os anos que faz
pois passam trinta de cem

Fizeram logo uma casa
sobre um alto, nela então
Rosa e Armando começaram
a receber instrução
junto com outros meninos
uns vizinhos outros não

Rosa estava prevenida
que a melancia de Armando
era ela, então assim
brincavam se cartearo
diziam aos outros que estavam
notas de cartas apostando

Coco-Verde era filho
de Constantino Amaral
morador no Rio Grande
mas fora da capital
pois sua casa distava
meia légua de Natal

Nessa escola começou
Armando a namorar Rosa
pois ela além de ser rica
era bastante formosa
inteligente e cortez
muito séria e carinhosa

Então defronte a escola
tinha uma pedra isolada
ficando ao lado direito
do poente da estrada
e dela não se avistava
dos pais de Rosa a morada

Porém seu nome era Armando
como o povo o conhecia
mas a namorada dele
essa tal de Melancia
a ele por Coco-Verde
chamava e ninguém sabia

Rosa tinha por Armando
uma grande simpatia
de forma que quando o mestre
dava nele ela sentia
o mesmo fazia Armando
quando ela padecia

Armando muito sincero
quando da escola voltava
bem ao pé da dita pedra
satisfeito ele a esperava
e dali para diante
ele a Rosa acompanhava

Então dessa Melancia
Rosa era o nome dela
porém Armando em criança
se apaixonando por ela
para poder namora-la
pôs esse apelido nela

Ao completarem dez anos
tanto Rosa como Armando
em lousas um para a outro
viviam se cartearo
mas disfarçando que estavam
nota de carta apostando

Rosa ao fazer doze anos
o mestre um dia calado
levou todos os meninos
pra um salão reservado
ficando então as meninas
no seu salão costumado

Portanto, seu nome é Rosa
seu pai Tiago Agostinho
de origem portuguesa
do pai de Armando vizinho
seus sítios eram defronte
divididos num caminho

Depois Armando temendo
que o mestre os descobria
fingindo que amava as frutas
e nas notas que fazia
tomou como namorada
a chamada Melancia

Armando quando se viu
no salão longe de Rosa
não deu lição nesse dia
por não vê sua mimosa
o mestre então castigou-o
com sua mão rigorosa

Quando Rosa fez seis anos
e Armando a mesma idade
os pais de ambos trouxeram
um professor da cidade
para instruir as crianças
daquela localidade

Rosa também pelas frutas
fingiu amor desmedido
e tomou o Coco-verde
já para seu pretendido
porém o “Coco” era Armando
ele estava prevenido

Voltou Armando de tarde
no pé da pedra esperou
por Rosa quinze minutos
mas ela ali não chegou
e Armando vendo a demora
pra casa triste marchou

Mas Rosa no outro dia deixou seus pais almoçando e caminhou para a pedra onde esperou por Armando e quando Armando chegou encontrou ela chorando

Armando lhe perguntou: Rosa, diz-me o motivo que te fez em me deixar tão tristonho e pensativo diz-me se o nosso amor já morreu ou inda está vivo?

Rosa chorando lhe disse: foi o nosso professor que não deixou-me voltar por causa do nosso amor dizendo que foi meu pai que a ele fez sabedor

Disse-me mais que meu pai lhe disse que não convinha leu andar junto contigo pois estou quase mocinha portanto, só me deixasse vir da escola sozinha

Armando lhe respondeu: pois a coisa está ruim como eu não posso ver da nossa amizade o fim vou ausentar-me desta terra pra descansares de mim

– Amanhã em vou embora para nunca mais voltar pois minha presença aqui talvez te faça penar e mesmo não me convém ver-te sem poder-te amar

Disse Rosa: tu assim trazes pra mim um perigo porque se fores embora eu hei de acabar comigo pois a vida só me serve se eu me casar contigo

– Hoje não vejo quem tenha força capaz de fazer meu coração desprezar-te antes prefiro morrer pois pra tudo existe jeito e o jeito eu vou dizer

– Esta pedra de hoje em diante será pois a nossa agência poderemos deixar nela munidos de paciência todo dia um para o outro sincera correspondência

– Porque nosso amor precisa nutrir as suas raízes no coração um do outro para vivermos felizes; eis aí o meu destino vê agora o que me dizes

Armando lhe respondeu: pois deixo de ir embora porque o meu coração te consagro nesta hora e para que me acredite eu vou te jurar agora

– Eu juro a Deus que jamais te deixarei esquecer um só instante em meu peito e juro também sofrer por ti qualquer desventura que alguém queira trazer

– Juro mais que te pertencem minh'alma, meu coração e juro também por ti desconhecer a razão porque para defender-te me sujeitarei a prisão

Rosa disse: em também juro por ti ser forte e ativa e o meu amor durar sempre como esta pedra nativa se eu não casar contigo juro a Deus não ficar viva

– E se meu pai não quiser-te como genro, inda te digo daqui do pé desta pedra juro a Deus fugir contigo juro mais que meu amor não obedece castigo

Nisto bateu a sineta da escola, convidando a entrada dos alunos pois todos iam chegando Rosa aí marchou com pressa de parilha com Armando

Então depois desse dia Armando quando passava na pedra para a escola uma carta encontrava e Rosa encontrava outra à tarde quando voltava

Quando Rosa ficou moça se tornou inda mais bela e Armando também rapaz consultou então com ela o que devia fazer para pedi-la ao pai dela

Então Tiago Agostinho não ficou surpreendido pois que Rosa amava Armando ele já tinha sabido logo foi franco em dizer-lhe que estava feito o pedido

Armando voltou contente Tiago Agostinho então procurou saber de Rosa qual a sua opinião se ela estava de acordo receber de Armando a mão

Rosa lhe disse: meu pai estou de acordo, sim porque nasci para Armando e Armando nasceu para mim e digo logo ao senhor que nosso amor não tem fim

Tiago disse consigo:
a cousa está enrascada
e se eu for muito ativo
afundarei a jangada!...
então respondeu-lhe rindo:
breve estarás casada

Combinou com sua esposa
com muita sagacidade
um jeito para acabar
aquela grande amizade
mas queria fazer isto
sem demonstrar má vontade

Mandou convidar Armando
na tarde do mesmo dia
e disse em vista dos dois
que o casamento faria
só com um ano depois
pois era quando podia

Logo Armando concordou
Rosa concordou também
Tiago disse consigo:
este acordo me convém
tenho tempo pra lutar
e espero sair-me bem

Com 2 meses depois disso
ele falou pra comprar
o sítio de Constantino
para Armando se mudar
se fazendo muito calmo
pra ninguém desconfiar

Então o pai de Armando
o Constantino Amaral
concordou vender o sítio
depois com o capital
buscar se estabelecer
com uma loja em Natal

Lhe disse Armando: meu pai
se me tiver como amigo
deixe de vender o sítio
pois como homem lhe digo
só sairei desta terra
levando Rosa comigo

– Depois do meu casamento
meu pai poderá vender
seu sítio, pois dessa vez
não terei o que dizer
mas agora fará isso
se não quiser me atender

Amaral lhe respondeu:
meu filho estás atendido
pois inda com sacrifício
eu te atendia o pedido
quanto mais que nosso sítio
ainda não está vendido

Tiago Agostinho vendo
que não podia comprar
o sítio de Constantino
para Armando se ausentar
procurou por outra forma
o casamento acabar

Chamou Armando e disse:
Armando, o teu casamento
não quero mais demorá-lo
vamos dar nosso andamento
e pra poupar-te as despesas
um negócio te apresento

– Eu tenho uns cortes de panos
arrematados num leilão
e queria que tu fosses
vende-los lá no sertão
com o lucro tu farás
toda tua arrumação

Armando logo aceitou
o negócio esclarecido
dizendo então que ficava
a Tiago agradecido
e com três dias partiu
de fazenda bem sortido

Tiago tinha dois filhos
sendo casado o primeiro
residiam em Mamanguape
então o filho solteiro
numa loja do irmão
servia como caixeiro

Assim que Armando partiu
Tiago Agostinho então
escreveu para seus filhos
com a maior precaução
dizendo que um viesse
executar a traição

Com quatro dias, a noite
chegou o filho solteiro
pronto para executar
o plano de traiçoeiro
Tiago antes da carta
interrogou-o primeiro

Pois perguntou ao filho:
o que tu andas fazendo
estas horas por aqui?
parece que vens correndo?
disse o filho: é sua nora
que deixei quase morrendo

– Meu irmão foi quem mandou
eu vir lhe participar
o estado da mulher,
para o senhor lhe mandar
a nossa irmã Rosinha
pra da cunhada tratar

– Com uma grande agonia
ontem quase ela tem fim
disse o doutor: ela morre
se chegar ter outra assim;
e meu irmão não confia
seu trato a gente ruim

– Então fretei uma barca
por desmedido valor
a qual se acha no porto
esperando quando eu for
e quero levar Rosinha
veja o que diz o senhor

Tiago lhe respondeu:
em mando que Rosa vá
e fico com muita pena
de não ir com vocês, já
porém depois de amanhã
talvez eu chegue por lá

– Mas mando logo uma carta por vocês neste momento onde meu filho verá que fico em grande tormento por saber que minha nora está nesse sofrimento

Quando a carta estava feita Rosa estava preparada e acompanhada do mano partiu em marcha apressada pretendendo tomar a barca As quatro da madrugada

Assim que os dois embarcaram o remador que sabia remou para Mamanguape com prazer e alegria aonde chegaram em paz na manhã do outro dia

Quando no ponto saltaram Rosa com o irmão dela encontraram dois cavalos um pro mano e outro pra ela e um para o bagageiro com cangalha e não com sela

O irmão montando Rosa ela disse: eu entendia que do porto a Mamanguape meia légua não seria! Lhe disse o irmão: é longe... e montou sem mais porfia

A cavalo em Mamanguape chegaram ligeiramente disse o irmão para Rosa: isso aqui é S. Vivente o bagageiro afirmou e logo tomou a frente

Da cidade de Mamanguape Rosa nada conhecia e por isso acreditou no que o irmão lhe dizia e açoitando o cavalo caminhou com alegria

As dez horas se serviram de doce com queijo e vinho e ao por do sol, o irmão à Rosa disse baixinho: Rosa, alviçaras, chegamos na casa de teu padrinho!

Rosa bastante espantada lhe respondeu: é mentira meu padrinho aqui não mora e se mora me admira eu ter vindo a Mamanguape e me achar em Guarabira

Mas logo no mesmo instante ouviu a voz do padrinho que dizia duma porta: viva! chegou meu sobrinho trazendo minha afilhada pra sossego de Agostinho!

Vou deixar Rosa um instante e dizer primeiramente quem era o padrinho dela e porque ficou contente para ninguém não dizer que não ficou bem ciente

Esse padrinho de Rosa era irmão do pai dela seu nome, Pedro Agostinho sua esposa Florisbela e foi um dos mais antigos que Guarabira viu nela

Então Tiago Agostinho combinou com seu irmão botar Rosa em sua casa por meio duma traição e para poder fazer mandou Armando ao sertão

Rosa que não conhecia de Guarabira o caminho deixou-se ir inocente para a casa do padrinho onde lhe veio a lembrança dum ardil mais que mesquinho

Por isso quando ela entrou na casa disse ao irmão que lhe quisesse explicar daquilo tudo a razão pois lhe estava parecendo um golpe de traição

Lhe disse o irmão: Rosinha vou te dizer a verdade é pra tu deixares aqui de Armando aquela amizade pois meu pai só deu-lhe o sim temendo uma falsidade

– Para que tu não fugisse meu pai deu a ele o sim porque se assim não fizesse a coisa estava ruim pois uma amizade grande é bem custoso ter fim

– Por isso ele ordenou-me eu te trazer inocente para aqui, porque aqui jamais encontrarás gente por quem tu possas mandar fazer a Armando ciente

Logo Rosa respondeu-lhe: porém meu pai bem podia quando Armando me pediu dizer-lhe que não queria porque um homem de bem odeia a hipocrisia

– Se eu soubesse que meu pai era assim tão fementido jamais deixaria Armando ter minha mão lhe pedido visto que eu não era digna de tê-lo como marido

– Para mim comete um crime a filha dum traiçoeiro que quer se fazer esposa dum honrado cavaleiro pois a honra é luz nas trevas a traição não tem luzeiro!

– Portanto, eu não deveria encher de amor um senhor filho de um pai honrado sendo o meu um traidor terei remorso por isto vergonha, susto e temor

– Ma se ainda ver Armando juro dizer-lhe a verdade que não serei dele esposa devido esta falsidade mas serei dele cativa se ele me tiver amizade!

Agora encerro este assunto porque preciso dizer o que foi que o pai de Rosa procurou logo fazer na hora que ela saiu antes do dia romper

Assim que Rosa saiu o pai pegou um vestido dos que ela em casa deixou e fê-lo em sangue embebido dum cabrito que sangrou lá num recanto escondido

Fazendo o vestido em tiras desceu um despenhadeiro até chegar num riacho aonde havia um banheiro então semeou as tiras ao poente do ribeiro

E com o resto do sangue do cabrito que sangrou ele encostado ao banheiro a maior porção jogou depois perto e mais longe outras porções derramou

As seis horas da manhã ele muito disfarçado fez uma grande balburdia gritando desesperado dizendo ao povo que Rosa um tigre havia pegado

Logo todos os vizinhos acudiram com presteza seguindo em busca do tigre com desmedida afoiteza porque a morte de Rosa os sinais davam certeza

Com bons cachorros de caça os homens da vizinhança na mata o dia passaram com sede de uma vingança e não encontrando indício voltaram sem esperança

Tiago Agostinho tinha um negro de confiança no mesmo dia de tarde chegou-lhe à sua lembrança de mandar o dito negro enganar a vizinhança

No outro dia de tarde o negro saiu dizendo: que tinha andado na mata e num lugar mais tremendo encontrou o corpo de Rosa porém num estado horrendo

Então Tiago Agostinho com as mãos cobrindo a face em presença dos vizinhos disse ao negro que voltasse ao lugar que estava o corpo e lá mesmo sepultasse

Uma sepultura falsa naquela mata esquisita e negro formou sozinho com precaução inaudita e no dia imediato houve ali grande visita

Logo Tiago e a esposa vestiram luto fechado e se espalhou a sinistra notícia, pra todo lado até que Armando sabendo voltou bastante vexado

Quando chegou foi à cova em visita fazer na cova deu-lhe um desmaio que andou perto de morrer passou depois oito dias sem quase nada comer

Com um mês não parecia coitado, ser ele Armando pois não comia e passava noites inteiras vagando nas estradas sem destino tristemente chorando

E na pedra onde Rosa amor lhe havia jurado uma noite muito tarde ele na pedra ajoelhado derramou mais duma hora o seu pranto amargurado

Depois de ter pranteado tristonho balbuciou dizendo: neste lugar foi que Rosa a mim jurou seu amor, uma manhã mas coitada, se acabou!

– Portanto, o dever me ordena ir naquela mata escura e tirar os ossos dela de dentro da sepultura e em cima deles matar-me para cumprir minha jura

Armando ai como um louco para a mata caminhou chegando na cova de Rosa a terra fora jogou e ficou mais que surpreso já quando nada encontrou

Sem chorar refez a cova consigo mesmo a dizer: aqui existe um mistério e se Deus me favorecer haverei de desvendá-lo pois é este o meu dever

Noutro dia disse ao pai:
meu pai me faça um pedido
de vender seu sítio agora
pois eu estou resolvido
ir morar no Piauí
visto Rosa ter morrido

Amaral foi a Tiago
vendeu o sítio e saiu
e Armando de Tiago
tristonho se despediu
fingindo chorar por Rosa
Tiago oculto sorriu

Armando no Piauí
disse ao pai: meu pai, agora
vou dizer-lhe um segredo
que o senhor ignora
olhe, Rosa não morreu
o certo que ela está fora

– O pai em minha ausência
preparou uma cilada
pois cavei a cova dela
dentro não encontrei nada
Amaral sabendo disso
teve uma raiva danada

Porém Armando lhe disse:
meu pai, não tenha vexame
pois Rosa aonde estiver
talvez ainda me ame
portanto, o senhor escreva
uma carta àquele infame

– Essa carta irá tarjada
lhe dizendo que morri
com um mês e oito dias
que cheguei no Piauí
e ele acreditará
sem mandar ninguém aqui

Como de fato, Amaral
para Tiago escreveu
uma carta onde mostrava
ser sincero amigo seu
narrando a morte de Armando
como melhor entendeu

Oito meses já faziam
que Rosa tinha saído
e que Aramando se mudara
ela não tinha sabido
como também da cilada
da onça haver lhe comido

Coitada, da terra dela
ela não via um vivente
embora que seu padrinho
já estava bem ciente
de tudo que se passou
só ela estava inocente

Rosa então se comparava
a uma prisioneira
procurava ninguém vê-la
e chorava a vida inteira
numa sombra projetada
por uma guabirabeira

Chorando dizia ela:
oh! meu Deus, oh! pai clemente
trazei conforto e consolo
a uma pobre inocente
que sem fazer mal a ninguém
vive a sofrer cruelmente!

– Consenti Senhor, que 1 anjo
produza um sonho a Armando
que me veja assim tão triste
constantemente chorando
pra ele ficar sabendo
que vivo nele pensando

Tiago tendo a certeza
que Armando tinha morrido
sorrindo disse à mulher:
fui muito bem sucedido
pois ganhei numa empresa
que me julgava perdido

Foi a todos os vizinhos
lhe dizendo a falsidade
que tinha feito com Rosa
devido aquela amizade
pois sabia que Aramando
morria na flor da idade

Logo mandou buscar Rosa
que com seis dias chegou
então foi quando ela soube
de tudo que se passou
depois da morte de Armando
a carta o pai lhe entregou

Rosa quando viu a carta
pôs-se a chorar sua sorte
ela quando leu a carta
deu-lhe um desmaio tão forte
que passou quase uma hora
sob o domínio da morte

Mas depois que melhorou
disse ao pai bastante irada:
meu pai, a morte de Armando
fez-me uma desgraçada
porém juro que não tarda
eu também ser sepultada

– O Senhor foi o culpado
desta desgraça fatal
com mentiras criminosas
fez Constantino Amaral
vender seu sítio e sair
fazendo a Armando esse mal!

– Mas juro, enquanto for viva
viver coberta de luto
pois a lembrança de Armando
tem no meu peito um reduto
juro não partir com outro
meu amor absoluto!

Rosa depois desse dia
tomada pelo desgosto
uma mortal palidez
apareceu no seu rosto
e de Santa Madalena
fez-se o modelo composto

Vendo os seus pais o desgosto
começaram a ter receios
então para distraí-la
empregavam muitos meios
até mesmo ordenando
que ela fizesse passeios

Mas Rosa não passeava
se comprazia em chorar
vivendo sempre num quarto
sem querer se alimentar
a bem da alma de Armando
levava a vida a rezar

Armando no Piauí
sonhou chegar-lhe um rapaz
que tinha a vestes douradas
cabelos louros pra traz
e para fitar-lhe o rosto
ninguém seria capaz

Armando lhe perguntava:
quem és tu? Donde vieste?
o rapaz lhe disse: eu sou
um mensageiro celeste
mas venho daquela pedra
onde uma jura fizeste

– Como eu fui testemunha
daquela grande amizade
que juraste a uma jovem
como doze anos de idade
venho então da parte dela
te dizer uma verdade

– Essa moça por ti vive
constantemente a chorar
e és tu que deverás
o pranto dela enxugar
se não um dia o seu pranto
virá também te molhar

Armando nisso acordou
aflito e muito suado
parecendo ainda ouvir
uma voz dizendo ao lado
é necessário que cumpras
o que por ti foi jurado!

Armando disse chorando:
que coisa misteriosa!
pois bem, embora eu caia
numa falta criminosa
farei Tiago dizer
onde foi que botou Rosa

E sem demora embarcou
pro Rio Grande do Norte
destinado a encontrar Rosa
e toma-la por consorte
disposto a morrer lutando
a favor de sua sorte

Trouxe consigo um caboclo
homem sério e destemido
então contou-lhe na viagem
o que tinha acontecido
e o amor dele por Rosa
de quando havia nascido

Tiago buscou fazer
na noite de S. João
um brinquedo em sua casa
com grande reunião
para ver se Rosa achava
naquilo uma distração

Saltou Armando em Natal
nessa noite de S. João
e sobre a vida de Rosa
teve exata informação
então projetou fazer
a Tiago uma traição

Às onze horas da noite
quando Tiago Agostinho
servia seus convidados
algumas taças de vinho
viram dois vultos passar
ao poente do caminho

Não precisa que eu diga
que um vulto era Armando
e o outro era o caboclo
que vinha lhe acompanhando
e para se disfarçarem
caminhavam conversando

Armando logo avistou
sua amante idolatrada
muito magra e diferente
sem companhia, sentada
num banco em frente a fogueira
de luto desconsolada

Vendo Armando o seu estado
tão tristonha a meditar
sentiu tanta comoção
que começou a chorar
quis parar, mas o caboclo
mandou ele caminhar

Armando enxugou os olhos
lhe veio então a lembrança
ir na pedra onde Rosa
ainda muito em criança
jurou de fugir com ele
com uma voz firme e mansa

Chegando Armando na pedra
depois de bem refletir
ensinou ao caboclo
como ele podia ir
levar um recado a Rosa
sem ninguém lá pressentir

O caboclo disse a ele:
pode ficar descansado
que eu já estudei um plano
para lhe dar o recado
e tenho toda certeza
que vai dar bom resultado

E sem demora seguiu
e logo chegou contente
no terreiro de Tiago
chamando o povo parente
se aproximou de Rosa
e lhe pediu aguardente

Quando bebeu aguardente
se aproximou da fogueira
dizendo então que cantava
cantigas de capoeira
o povo então fez com ele
animada brincadeira

Por fim o povo pediu
para o caboclo cantar
o caboclo bebeu mais
e depois de se sentar
com esta estrofe seguinte
entendeu de começar

– Eu venho de muito longe
do pé duma grande serra
acompanhado de alguém
mas não venho fazer guerra
vim dizer a Melancia
Coco-Verde está na terra

Rosa ouvindo essa conversa
teve um susto de tremer
e conheceu que o caboclo
procurava lhe dizer
um segredo que só ela
era capaz de saber

O caboclo conhecendo
que Rosa tinha ficado
como que sobressaltada
olhando para o seu lado
resolveu a se calar
para ver o resultado

Mas logo Rosa lhe disse:
seu peito não é ruim
portanto cante de novo
faça esse pedido a mim
o caboclo fitou ela
e seguiu dizendo assim:

– Eu não tenho o que cantar
e outra que estou vexado
pois cheguei agora mesmo
inda não estou descansado
só vim dar de Coco-Verde
a Melancia um recado

– Se não fosse grande amigo
de alguém que ficou chorando
não me atrevia trazer
o recado que estou dando
Melancia, Coco-Verde
está na pedra esperando

Rosa fitando o caboclo
levantou-se sem demora
dizendo que ia dormir
o quarto fechou por fora
e para o lado da pedra
caminhou na mesma hora

Chegando perto da pedra
avistou um vulto junto
disse Rosa ao vulto:
responde o que te pergunto
se és anjo ou fantasma
se és vivo ou defunto?

O vulto lhe respondeu:
não tenha medo, querida
que sou Armando Amaral
a quem julgavas sem vida
venho plantar em teu peito
uma esperança perdida

Gritou Rosa: meu Armando
me escuta por caridade
eu te tinha como morto
meu Deus, que felicidade
Jesus teve dó de mim
e descobriu-me a verdade

Logo Armando abraçou-a
louco de amor e chorando
Rosa sem poder falar
deu-lhe um beijo soluçando
quando viram o caboclo
vinha apressado chegando

Dando o braço Armando a Rosa
lhe disse: vamos querida
confia no meu critério
pois tu és a minha vida
Rosa só fez responder-lhe:
por Deus fui favorecida

Na mesma noite em Natal
saltaram em uma casa
sob a proteção dum vento
soprando de popa à proa
até chegarem em Macau
fizeram viagem boa

Saltando Armando em Macau
deu ligeiro andamento
a se esposar com Rosa
cumprindo seu juramento
e o padre da freguesia
celebrou o casamento

E escreveu a Tiago
uma carta que dizia:
“senhor Tiago Agostinho
me desculpe a ousadia
de eu carregar sua filha
para minha companhia

Eu sou Armando Amaral
a quem o senhor julgava
estar morto para sempre
como a carta lhe afirmava
aquilo foi para eu ver
se Rosa ressuscitava

Abrindo a cova da mata
descobri sua traição
porem guardei o segredo
até nesta ocasião
porque já tenho a certeza
que não perdi a questão”

Vinte dias já faziam
que Rosa tinha saído
então ninguém não sabia
pra onde ela tinha ido
pelo qual já se julgava
que ela tinha morrido

Em busca dela Tiago
andava constantemente
mas para dar-lhe notícia
não encontrava um vivente
quando recebeu a carta
ficou de tudo ciente

Tiago muito zangado
pensando disse consigo:
é muito exato o adágio
usado no tempo antigo
“o amor quando é sincero
zomba do seu inimigo”

Então a felicidade
veio em socorro de Armando
enricou sem proteção
só com Rosa lhe ajudando
e Tiago arrependido
lhe pediu perdão chorando

Viveu Armando com Rosa
na mais perfeita harmonia
brincando Armando chamava
a ela de Melancia
e ela a ele Coco-Verde
mais a amizade crescia!

Já demonstrei nesta história
O amor o quanto é:
Só o amante sem fé
Esmorece sem vitória!
Conservem pois na memória
A opinião de Armando:
Mostrou seu amor lutando
E conseguiu triunfar
Luto só fez assombrar
O namorado nefando!

ANEXO C – MÚSICA – SAGA DE UM VAQUEIRO

Saga de um vaqueiro (*Mastruz com Leite*)

Vou pedir licença pra contar a minha história
 Como um vaqueiro tem suas perdas e suas glórias
 Mesmo sendo forte, o coração é um menino
 Que ama e chora por dentro, e segue seu destino

Desde cedo assumi minha paixão
 De ser vaqueiro e ser um campeão
 Nas vaquejadas sempre fui batalhador
 Consegui respeito por ser um vencedor, vocal
 Ô ô ô ô

Da arquibancada uma morena me aplaudia
 Seus cabelos longos, olhos negros, sorria
 Perdi um boi naquele dia lá na pista
 Mas um grande amor surgia em minha vida

Naquele dia começou o meu dilema
 Apaixonado por aquela morena
 Cada boi que eu derrubava, ela aplaudia
 E eu, todo prosa, sorria

Então começamos um namoro apaixonado
 Ela vivia na garupa do meu cavalo
 Meus planos já estavam traçados em meu coração
 De tê-la como esposa ao pedir a sua mão

Que tristeza abalou meu coração
 Quando seu pai negou-me sua mão
 Desprezou-me por eu ser um vaqueiro
 Pra sua filha, só queria um fazendeiro

Ô ô ô ô
 Ô forrozão

A gente se encontrava sempre às escondidas
 E vivia aquele amor proibido
 Cada novo encontro era sempre perigoso
 Mas o nosso amor era tão gostoso

Decidimos então fugir pra outras vaquejadas
 Iríamos seguir
 Marcamos um lugar pra gente se encontrar
 Mas na hora marcada ela não estava lá

Voltei em um galope, saí cortando o vento
 Como se procura uma novilha no relento
 E tudo em mim chorava por dentro
 E tudo em mim chorava por dentro

Vieram me contar que mandaram ela pra longe
 Onde o vento se esconde, o som do berrante se desfaz
 Um fruto do nosso amor ela estava a esperar

Fiquei desesperado com tamanha maldade
 Pensei fazer desgraça, mas me controlei
 E saí pelo mundo, um vaqueiro magoado
 Só porque um dia eu amei

Ô forró
 Ô ô ô ô ô ô ô ô
 Ô ô ô ô ô ô ô ô

Passaram muitos anos, e eu pelo mundo
 De vaquejada em vaquejada, sempre a viajar
 Era um grande vaqueiro, mas meu coração continuava a penar

Um dia eu fui convidado pra uma vaquejada
 Naquela região
 Pensei em não voltar lá, mas um bom vaqueiro
 Nunca pode vacilar

Nunca mais soube de nada do que lá acontecia
 Eu fugia da minha dor e da minha agonia
 Ser sempre campeão era a minha alegria

Depois de dezessete anos, preparei-me pra voltar
 Como um campeão
 Queria aquele prêmio pra lavar meu coração
 Mas sabia que por lá existia um vaqueirão

É o forró Matruz com Leite
 Artur César na batera
 Ô ô ô

Começou a vaquejada em uma disputa acirrada
 Eu botava o boi no chão, ele também botava
 Eu entrei na festa, e ele lá estava

Fiquei impressionado como ele era valente
 Tão jovem e tão forte e tão insistente
 Eu derrubava o boi e ele sempre à minha frente

Chegava o grande momento de pegar o primeiro lugar
 Os bois eram mais fortes, ele não iria derrubar
 E sorri comigo mesmo: dessa vez eu vou ganhar

Quando me preparava pra entrar na pista
Quando olhei de lado, quase escureci a vista
Quando vi uma mulher, aquela que foi a minha vida

Segurei no meu cavalo para não cair
Tremi, fiquei nervoso quando eu a vi
Enxugando e abraçando o vaqueiro bem ali

Entrei na pista como um louco, o bate esteira a percebeu
Andei foi longe do boi, ah, isso nunca aconteceu

O vaqueiro entrou na pista e eu fiquei a observar
Ela acenava, ela aplaudia, e ele o boi a derrubar
Derrubou o boi na faixa, ganhou o primeiro lugar

Fiquei desconsolado, envergonhado eu fiquei
Perdi o grande prêmio, isso até eu nem liguei
Mas perder aquele amor, ah, eu não me conformei

Ela veio sorridente em minha direção
E trouxe o vaqueiro pegado em sua mão
Olhou nos meus olhos, falou com atenção

Esse é o nosso filho, que você não conheceu
Sempre quis ser um vaqueiro, como você, um campeão
E pela primeira vez quer a sua bênção, e aí Fortaleza?

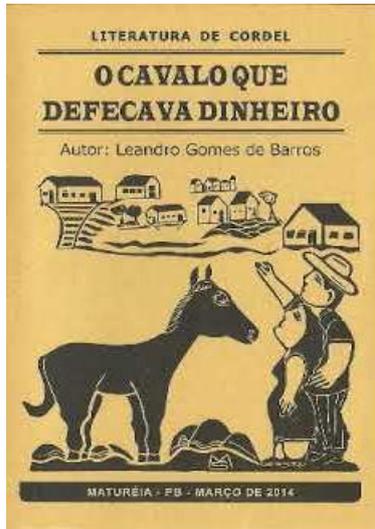
Eu chorava de feliz
Abraçado com meu filho
Um vaqueiro como eu
Eu nunca tinha visto
Posso confessar o maior prêmio, Clube do Vaqueiro
Deus me deu
Ô forrozão

ANEXO C – CORDEL – O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO

2ª Temática – Aventura, crítica e Humor

1º Cordel

Capa do Cordel



O cavalo que defecava dinheiro (*Leandro Gomes de Barros*)

Na cidade de Macaé
Antigamente existia
Um duque velho invejoso
Que nada o satisfazia
Desejava possuir
Todo objeto que via

Esse duque era compadre
De um pobre muito atrasado
Que morava em sua terra
Num rancho todo estragado
Sustentava seus filhinhos
Na vida de alugado.

Se vendo o compadre pobre
Naquela vida privada
Foi trabalhar nos engenhos
Longe da sua morada
Na volta trouxe um cavalo
Que não servia pra nada

Disse o pobre à mulher:
_ Como havemos de passar?
O cavalo é magro e velho
Não pode mais trabalhar
Vamos inventar um “quengo”
Pra ver se o querem comprar.

Foi na venda e de lá trouxe
Três moedas de cruzado
Sem dizer nada a ninguém
Para não ser censurado
No fiofó do cavalo
Foi o dinheiro guardado

Do fiofó do cavalo
Ele fez um mealheiro
Saiu dizendo: _ Sou rico!
Inda mais que um fazendeiro,
Porque possui o cavalo
Que só defeca dinheiro.

Quando o duque velho soube
Que ele tinha esse cavalo
Disse pra velha duquesa:
_ Amanhã vou visitá-lo
Se o animal for assim
Faço o jeito de comprá-lo!

Saiu o duque vexado
Fazendo que não sabia,
Saiu percorrendo as terras
Como quem não conhecia
Foi visitar a choupana,
Onde o pobre residia.

Chegou salvando o compadre
Muito desinteressado:
_ Compadre, Como lhe vai?
Onde tanto tem andado?
Há dias que lhe vejo
Parece está melhorado...

_É muito certo compadre
Ainda não melhorei
Porque andava por fora
Faz três dias que cheguei
Mas breve farei fortuna
Com um cavalo que comprei.

_Se for assim, meu compadre
Você está muito bem!
É bom guardar o segredo,
Não conte nada a ninguém.
Me conte qual a vantagem
Que este seu cavalo tem?

Disse o pobre: _Ele está magro
Só o osso e o couro,
Porém tratando-se dele
Meu cavalo é um tesouro
Basta dizer que defeca
Níquel, prata, cobre e ouro!

Aí chamou o compadre
E saiu muito vexado,
Para o lugar onde tinha
O cavalo defecado
O duque ainda encontrou
Três moedas de cruzado.

Então exclamou o velho:
_Só pude achar essas três!
Disse o pobre: _Ontem à tarde
Ele botou dezesseis!
Ele já tem defecado,
Dez mil réis mais de uma vez.

_Enquanto ele está magro
Me serve de mealheiro.
Eu tenho tratado dele
Com bagaço do terreiro,
Porém depois dele gordo
Não quem vença o dinheiro...

Disse o velho: _meu compadre
Você não pode tratá-lo,
Se for trabalhar com ele
É com certeza matá-lo
O melhor que você faz
É vender-me este cavalo!

_Meu compadre, este cavalo
Eu posso negociar,
Só se for por uma soma
Que dê para eu passar
Com toda minha família,
E não precise trabalhar.

O velho disse ao compadre:
_Assim não é que se faz
Nossa amizade é antiga
Desde os tempo de seus pais
Dou-lhe seis contos de réis
Acha pouco, inda quer mais?

_Compadre, o cavalo é seu!
Eu nada mais lhe direi,
Ele, por este dinheiro
Que agora me sujeitei
Para mim não foi vendido,
Faça de conta que te dei!

O velho pela ambição
Que era descomunal,
Deu-lhe seis contos de réis
Todo em moeda legal
Depois pegou no cabresto
E foi puxando o animal.

Quando ele chegou em casa
Foi gritando no terreiro:
_Eu sou o homem mais rico
Que habita o mundo inteiro!
Porque possuo um cavalo
Que só defeca dinheiro!

Pegou o dito cavalo
Botou na estrebaria,
Milho, farelo e alface
Era o que ele comia
O velho duque ia lá,
Dez, doze vezes por dia...

Aí o velho zangou-se
Começou logo a falar:
_Como é que meu compadre
Se atreve a me enganar?
Eu quero ver amanhã
O que ele vai me contar.

Porém o compadre pobre,
(Bicho do quengo lixado)
Fez depressa outro plano
Inda mais bem arranjado
Esperando o velho duque
Quando viesse zangado...

O pobre foi na farmácia
Comprou uma borrachinha
Depois mandou encher ela
Com sangue de uma galinha
E sempre olhando a estrada
Pra ver se o velho vinha.

Disse o pobre à mulher:
_Faça o trabalho direito
Pegue esta borrachinha
Amarre em cima do peito
Para o velho não saber,
Como o trabalho foi feito!

Quando o velho aparecer
Na volta daquela estrada,
Você começa a falar
Eu grito: _Oh mulher danada!
Quando ele estiver bem perto,
Eu lhe dou uma facada.

Porém eu dou-lhe a facada
Em cima da borrachinha
E você fica lavada
Com o sangue da galinha
Eu grito: _Arre danada!
Nunca mais comes farinha!

Quando ele ver você morta
Parte para me prender,
Então eu digo para ele:
_Eu dou jeito ela viver,
O remédio tenho aqui,
Faço para o senhor ver!

_Eu vou buscar a rabeça
Começo logo a tocar
Você então se remexa
Como quem vai melhorar
Com pouco diz: _Estou boa
Já posso me levantar.

Quando findou-se a conversa
Na mesma ocasião
O velho ia chegando
Aí travou-se a questão
O pobre passou-lhe a faca,
Botou a mulher no chão.

O velho gritou a ele
Quando viu a mulher morta:
_Esteja preso, bandido!
E tomou conta da porta
Disse o pobre: _Vou curá-la!
Pra que o senhor se importa?

_O senhor é um bandido
Infame de cara dura
Todo mundo apreciava
Esta infeliz criatura
Depois dela assassinada,
O senhor diz que tem cura?

Compadre, não admito
O senhor dizer mais nada,
Não é crime se matar
Sendo a mulher malcriada
E mesmo com dez minutos,
Eu dou a mulher curada!

Correu foi ver a rabeça
Começou logo a tocar
De repente o velho viu
A mulher se endireitar
E depois disse: _Estou boa,
Já posso me levantar...

O velho ficou suspenso
De ver a mulher curada,
Porém como estava vendo
Ela muito ensanguentada
Correu ela, mas não viu,
Nem o sinal da facada.

O pobre entusiasmado
Disse-lhe: _Já conheceu
Quando esta rabeça estava
Na mão de quem me vendeu,
Tinha feito muitas curas
De gente que já morreu!

No lugar onde eu estiver
Não deixo ninguém morrer,
Como eu adquiri ela
Muita gente quer saber
Mas ela me está tão cara
Que não me convém dizer.

O velho que tinha vindo
Somente propor questão,
Por que o cavalo velho
Nunca botou um tostão
Quando viu a tal rabeça
Quase morre de ambição.

_Compadre, você desculpe
De eu ter tratado assim
Porque agora estou certo
Eu mesmo fui o ruim
Porém a sua rabeça
Só serve bem para mim.

_Mas como eu sou um homem
De muito grande poder
O senhor é um homem pobre
Ninguém quer o conhecer
Perca o amor da rabeça...
Responda se quer vender?

_Porque a minha mulher
Também é muito estouvada
Se eu comprar esta rabeça
Dela não suporto nada
Se quiser teimar comigo,
Eu dou-lhe uma facada.

_Ela se vê quase morta
Já conhece o castigo,
Mas eu com esta rabeça
Salvo ela do perigo
Ela daí por diante,
Não quer mais teimar comigo!

Disse-lhe o compadre pobre:
_O senhor faz muito bem,
Quer me comprar a rabeça
Não venderei a ninguém
Custa seis contos de réis,
Por menos nem um vintém.

O velho muito contente
Tornou então repetir:
_A rabeça já é minha
Eu preciso a possuir
Ela para mim foi dada,
Você não soube pedir.

Pagou a rabeça e disse:
_Vou já mostrar a mulher!
A velha zangou-se e disse:
_Vá mostrar a quem quiser!
Eu não quero ser culpada
Do prejuízo que houver.

_O senhor é mesmo um velho
Avarento e interesseiro,
Que já fez do seu cavalo
Que defecava dinheiro?
_Meu velho, dê-se a respeito,
Não seja tão embusteiro.

O velho que confiava
Na rabeça que comprou
Disse a ela: _Cale a boca!
O mundo agora virou
Dou-lhe quatro punhaladas,
Já você sabe quem sou.

Ele findou as palavras
A velha ficou teimando,
Disse ele: _Velha dos diabos
Você ainda está falando?
Deu-lhe quatro punhaladas
Ela caiu arquejando...

O velho muito ligeiro
Foi buscar a rabequinha,
Ele tocava e dizia:
_Acorde, minha velhinha!
Porém a pobre da velha,
Nunca mais comeu farinha.

O duque estava pensando
Que sua mulher tornava
Ela acabou de morrer
Porém ele duvidava
Depois então conheceu
Que a rabeça não prestava.

Quando ele ficou certo
Que a velha tinha morrido
Boto os joelhos no chão
E deu tão grande gemido
Que o povo daquela casa
Ficou todo comovido.

Ele dizia chorando:
_Esse crime hei de vingá-lo
Seis contos desta rabeca
Com outros seis do cavalo
Eu lá não mando ninguém,
Porque pretendo matá-lo.

Mandou chamar dois capangas:
_Me façam um surrão bem feito
Façam isto com cuidado
Quero ele um pouco estreito
Com uma argola bem forte,
Pra levar este sujeito!

Quando acabar de fazer
Mande este bandido entrar,
Para dentro do surrão
E acabem de costurar
O levem para o rochedo,
Para sacudi-lo no mar.

Os homens eram dispostos
Findaram no mesmo dia,
O pobre entrou no surrão
Pois era o jeito que havia
Botaram o surrão nas costas
E saíram numa folia.

Adiante disse um capanga:
_Está muito alto o rojão,
Eu estou muito cansado,
Botemos isto no chão!
Vamos tomar uma pinga,
Deixe ficar o surrão.

_Está muito bem, companheiro
Vamos tomar a bicada!
(Assim falou o capanga
Dizendo pro camarada)
Seguiram ambos pra venda
Ficando além da estrada...

Quando os capangas seguiram
Ele cá ficou dizendo:
_Não caso porque não quero,
Me acho aqui padecendo...
A moça é milionária
O resto eu bem compreendo!

Foi passando um boiadeiro
Quando ele dizia assim,
O boiadeiro pediu-lhe:
_Arranje isto pra mim
Não importa que a moça
Seja boa ou ruim!

O boiadeiro lhe disse:
_Eu dou-lhe de mão beijada,
Todos os meus possuídos
Vão aqui nessa boiada...
Fica o senhor como dono,
Pode seguir a jornada!

Ele condenado à morte
Não fez questão, aceitou,
Descoseu o tal surrão
O boiadeiro entrou
O pobre morto de medo
Num minuto costurou.

O pobre quando se viu
Livre daquela enrascada,
Montou-se num bom cavalo
E tomou conta da boiada,
Saiu por ali dizendo:
_A mim não falta mais nada.

Os capangas nada viram
Porque fizeram ligeiro,
Pegaram o dito surrão
Com o pobre do boiadeiro
Voaram de serra abaixo
Não ficou um osso inteiro.

Fazia dois ou três meses
Que o pobre negociava
A boiada que lhe deram
Cada vez mais aumentava
Foi ele um dia passar,
Onde o compadre morava...

Quando o compadre viu ele
De susto empalideceu;
_Compadre, por onde andava
Que agora me apareceu?!
Segundo o que me parece,
Está mais rico do que eu...

_Aqueles seus dois capangas
Voaram-me num lugar
Eu caí de serra abaixo
Até na beira do mar
Aí vi tanto dinheiro,
Quanto pudesse apanhar!..

_Quando me faltar dinheiro
Eu prontamente vou ver.
O que eu trouxe não é pouco,
Vai dando pra eu viver
Junto com a minha família,
Passar bem até morrer.

_Compadre, a sua riqueza
Diga que fui eu quem dei!
Pra você recompensar-me
Tudo quanto lhe arranjei,
É preciso que me bote
No lugar que lhe botei!..

Disse-lhe o pobre: _Pois não,
Estou pronto pra lhe mostrar!
Eu junto com os capangas
Nós mesmo vamos levar
E o surrão de serra abaixo
Sou eu quem quero empurrar!

O velho no mesmo dia
Mandou fazer um surrão.
Depressa meteu-se nele,
Cego pela ambição
E disse: _Compadre eu estou
À tua disposição.

O pobre foi procurar
Dois cabras de confiança
Se fingindo satisfeito
Fazendo a coisa bem mansa
Só assim ele podia,
Tomar a sua vingança.

Sáiram com este velho
Na carreira, sem parar
Subiram de serra acima
Até o último lugar
Daí voaram o surrão
Deixaram o velho embolar...

O velho ia pensando
De encontrar muito dinheiro,
Porém secedeu com ele
Do jeito do boiadeiro,
Que quando chegou embaixo
Não tinha um só osso inteiro.

Este livrinho nos mostra
Que a ambição nada convém
Todo homem ambicioso
Nunca pode viver bem,
Arriscando o que possui
Em cima do que já tem.

Cada um faça por si,
Eu também farei por mim!
É este um dos motivos
Que o mundo está ruim,
Porque estamos cercados
Dos homens que pensam assim.

ANEXO E – CORDEL – O DINHEIRO OU O TESTAMENTO DO CACHORRO

2º Cordel

Capa do Cordel



O dinheiro ou O Testamento do Cachorro (*Leandro Gomes de Barros*)

O dinheiro neste mundo
 Não há força que o debande
 Nem perigo que o enfrente
 Nem senhoria que o mande
 Tudo está abaixo dele
 Só ele ali é o grande.

Ele impera sobre um trono
 Cercado por ambição
 O chaleirismo a seus pés
 Sempre está de prontidão
 Perguntando-lhe com cuidado:
 - O que lhe falta, patrão?

No dinheiro tem-se visto
 Nobreza desconhecida
 Meios que ganham questão
 Ainda estando perdida
 Honra por meio da infâmia
 Gloria mal adquirida

Porque só mesmo o dinheiro
 Tem maior utilidade
 É o farol que mais brilha
 Perante a sociedade
 O código dali é ele
 A lei é sua vontade.

O homem tendo dinheiro
 Mata até o próprio pai
 A justiça fecha os olhos
 A polícia lá não vai
 Passam-se cinco ou seis meses
 Vai indo, o processo cai.

Compra cinco testemunhas
 Que depõem a seu favor
 Aluga dois escrivães
 E compra o procurador
 Faz dois doutores de prata
 Pronto o homem, meu senhor!

Ainda que vá a júri
 Compra logo atenuante
 Dá um unto nos jurados
 Se livra no mesmo instante
 Tem o juiz a favor
 Jurados e assim por diante.

Essas questões muito sérias
 Que vão para o tribunal
 Ali se exigem papéis
 Que levem prova legal
 Cédulas de 500 fachos
 É o papel principal.

Dinheiro dá eloquência
 A quem nunca teve estudo
 Imprime coragem ao fraco
 Dá animação a tudo
 Vence batalhas sem arma
 Faz vez de lança e escudo.

Aonde não há dinheiro
 Todo trabalho é perdido
 Toda questão esmorece
 Todo negócio é falido
 Todo cálculo sai errado
 Todo debate é vencido.

Pois o homem sem dinheiro
 É como um velho demente
 Um gato que não tem unha
 Cobra que não tem um dente
 Cachorro que não tem faro
 Cavalo magro e doente.

Porque perante o dinheiro
 Tudo ali se torna mole
 Porque não há objeto
 Que sob seus pés não role
 Bote dinheiro no morto
 Que a ossada dele bole!

O bacharel por dinheiro
 Só macaco por banana
 O gato por gabiru
 Ou um guaxinim por cana
 Só saguim pela resina
 Ou bode por jitrana.

A moça tendo dinheiro
 Sendo feia como a morte
 Caracteriza-se e enfeita-se
 Sempre melhora de sorte
 Mais de mil aventureiros
 A desejam por consorte.

Porque dinheiro na terra
 É capa que tudo encobre
 Cubra o cachorro com ouro
 Que ele tem que ficar nobre
 É superior ao dono
 Se acaso o dono for pobre.

Eu já vi narrar um fato
 Que fiquei admirado
 Um sertanejo me disse
 Que nesse século passado
 Viu enterrar um cachorro
 Com honras de um potentado.

Um inglês tinha um cachorro
 De uma grande estimação.
 Morreu o dito cachorro
 E o inglês disse então:
 - Mim enterra esse cachorro
 Inda que gaste um milhão.

Foi ao vigário e lhe disse:
 - Morreu cachorra de mim
 E urubu no Brasil
 Não poderá dar-lhe fim...
 - Cachorro deixou dinheiro?
 Perguntou o vigário assim.

- Mim quer enterrar cachorro!
 Disse o vigário: - Ó Inglês
 Você pensa que isto aqui
 É o país de vocês?
 Disse o inglês: - O Cachorra
 Gasta tudo esta vez.

- Ele antes de morrer
 Um testamento aprontou
 Só quatro contos de réis
 Para o vigário deixou!
 Antes do inglês findar
 O vigário suspirou.

- Coitado! Disse o vigário,
 De que morreu esse pobre?
 Que animal inteligente
 Que sentimento tão nobre
 Antes de partir do mundo
 Fez-me presente do cobre!

- Leve-o para o cemitério,
 Que vou o encomendar
 Isto é, traga o dinheiro
 Antes dele se enterrar!
 Estes sufrágios fiados
 É factível não salvar.

E lá chegou o cachorro
 O dinheiro foi na frente
 Teve momento o enterro
 Missa de corpo presente
 Ladainha e seu rancho
 Melhor do que certa gente.

Mandaram dar parte ao bispo
 Que o vigário tinha feito
 O enterro do cachorro
 Que não era de direito
 O bispo aí falou muito
 Mostrou-se mal satisfeito.

Mandou chamar o vigário
 Pronto, o vigário chegou:
 - Às ordens, sua excelência!
 O bispo lhe perguntou:
 - Então que cachorro foi
 Que Seu vigário enterrou?

- Foi um cachorro importante
 Animal de inteligência
 Ele antes de morrer
 Deixou a Vossa Excelência
 Dois contos de réis em ouro
 Se errei, tenha paciência!

- Não foi erro, Seu vigário
 Você é um bom pastor
 Desculpe eu incomodá-lo
 A culpa é do portador
 Um cachorro como este
 Já vê que é merecedor!

- O meu informante disse
 Que o caso tinha se dado
 E eu julguei que isso fosse
 Um cachorro desgraçado
 Ele lembrou-se de mim?
 Não o faço desprezado!

O vigário entregou-lhe
 Os dois contúculos de réis
 O bispo disse: - É melhor
 Do que diversos fiéis
 E disse: - Provera Deus
 Que assim lá morressem uns dez!

- E se não fosse o dinheiro?
 A questão ficava feia
 Desenterrava o cachorro
 O vigário ia pra cadeia
 Mas como o cobre correu
 Ficou qual letras na areia!

Judas era homem santo
Pregava religião
Era discípulo de Cristo
Tinha toda direção
Porém por trinta dinheiros
Dispensou a salvação!

O dinheiro só não pode
Privar do dono morrer
Para o vento no ar
E proibir de chover
O resto se torna fácil
Para o dinheiro fazer.

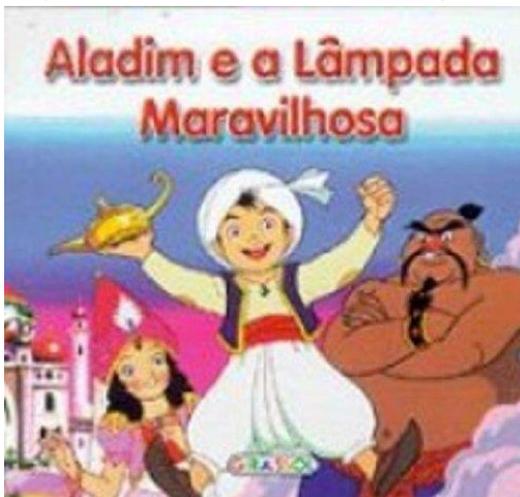
O sacerdote no templo
Inda estando no sermão
Chega um ateu na igreja
Traga-lhe meio milhão
Que ele vai encontrá-lo
Bota-o na palma da mão.

Havendo muito dinheiro
Casa-se irmã com irmão
O bispo dispensa um quarto
Vai ao papa outro quinhão
O vigário dá-lhe o unto
E por que não casam então?!

ANEXO F – CONTO – ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA

3ª Temática - Contos Maravilhosos

Capa do Conto – *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*



As mil e uma noites: Aladim e a lâmpada maravilhosa (*Antoine Galland*)

Aladim e a Lâmpada Maravilhosa

Num reino da China, vivia um alfaiate muito pobre chamado Mustafá. Seu filho Aladim, um menino teimoso e desobediente, passava o dia todo nas ruas e praças da cidade. Com a morte do pai, Aladim se sentiu livre, não quis aprender uma profissão e assim viveu até os quinze anos.

Um dia, Aladim brincava numa praça com outros meninos quando chegou um estrangeiro e começou a observá-lo atentamente. Era um mago africano. Chamou o menino e lhe perguntou:

– Meu filho, seu pai não se chama Mustafá e é alfaiate?

– Sim, senhor, mas morreu há muito tempo – respondeu Aladim.

O mago, então, abraçou o menino derramando muitas lágrimas e dizendo:

– Ai, meu filho! Eu sou seu tio. Faz muito tempo que estou viajando na esperança de reencontrar meu irmão, mas você me diz que ele morreu! Só tenho um consolo: reconheço os traços de meu querido irmão em você e foi por isso que parei para olhá-lo.

Depois disso, o mago perguntou onde a mãe de Aladim morava e lhe deu um punhado de moedas para que o menino as entregasse a ela. Quando Aladim chegou a casa, contou o que acontecera e a mãe ficou espantada, pois não se lembrava de que o marido tivesse irmão ainda vivo.

No dia seguinte, Aladim brincava com outros meninos, quando de novo o mago se aproximou e lhe deu duas moedas de ouro, dizendo:

– Conte a sua mãe que esta noite eu irei visitá-la e que ela deve preparar um bom jantar, pois comeremos juntos.

A mãe de Aladim fez o que pôde para preparar um ótimo jantar. À noite, bateram à porta. Era o mago, que trazia vinho e muitas frutas. Pediu que a mulher lhe mostrasse onde Mustafá costumava se sentar e, chorando, beijou o lugar. Então, disse:

– Não se espante por não me ter visto desde que se casou com meu irmão Mustafá. Faz quarenta anos que eu deixei esta cidade e viajei por vários países até me estabelecer na África. Mas recentemente me deu uma grande vontade de rever meu querido irmão! Nada me deixou mais aflito do que a notícia de sua morte, mas me consolo vendo os traços dele nesse menino que é seu filho.

A mãe de Aladim contou, então, chorando, que o rapaz não queria saber de aprender uma profissão e vivia pelas ruas da cidade como um vagabundo. Um dia, teria de mandar que ele fosse buscar seu sustento em outra parte! Ao ouvir as queixas da mãe, o mago prometeu montar para o rapaz uma bela loja, cheia de tecidos finos, para que Aladim pudesse viver honestamente como comerciante.

Aladim ficou muito contente com aquela ideia, afinal tinha percebido que os comerciantes estavam sempre bem vestidos e eram muito estimados por todos. Depois dessa proposta, a mãe de Aladim não teve mais dúvidas de que aquele homem que se interessava pelo futuro do filho era mesmo seu tio.

Na manhã seguinte, o mago voltou à casa de Aladim. Levou o menino a uma loja fina e deixou que ele escolhesse a roupa que mais lhe agradasse. Depois, andaram pelas lojas e lugares mais luxuosos da cidade. Ao se despedir de mãe e filho, o mago disse:

– Amanhã, sexta-feira, as lojas estarão fechadas e não poderemos, por isso, alugar uma para Aladim, como eu pretendia fazer. Mas passearemos pelos jardins da cidade, onde as pessoas elegantes se encontram.

Na manhã seguinte, Aladim se levantou muito cedo e esperou, impaciente, o tio. Não cabia em si de alegria. Ao deixarem a casa, o mago africano lhe disse:

– Meu filho, hoje eu lhe mostrarei coisas belíssimas!

O mago conduziu Aladim para os arredores da cidade; no caminho, viram lindos palácios. E foram penetrando cada vez mais no campo até chegarem perto das montanhas. Aladim ficou muito cansado: ele jamais caminhara tanto!

– Coragem, sobrinho! Você verá um jardim que é mais belo do que todos quantos viu até agora. Já já chegaremos – disse o mago.

Aladim, então, foi levado ainda mais longe. Por fim, chegaram a um lugar situado entre dois montes. O mago pediu que o menino juntasse uma grande quantidade de gravetos e com eles fez uma fogueira. Na lenha que queimava jogou um perfume muito forte. Levantou-se, nesse momento, uma grande nuvem de fumaça e o mago pronunciou certas palavras mágicas que Aladim não conseguiu compreender.

De repente, a terra tremeu e se abriu diante dos dois, deixando ver uma pedra com uma argola de bronze no meio. Aladim quis fugir, mas o mago o deteve e lhe deu um violento tapa no rosto. Depois, vendo o menino chorar e se lamentar, disse:

– Não tenha medo. Obedeça-me e tudo sairá bem. Você será recompensado. Embaixo desta pedra, há um tesouro que fará de você o homem mais rico do mundo. E só você poderia tocar esta pedra e erguê-la. Eu não posso fazer isso. Venha, segure a argola, pronunciando o nome de seu pai e de seu avô, e levante a pedra.

Aladim obedeceu. Ao erguer a pedra, viu-se aparecer uma caverna e uma escada que levava para debaixo da terra. O mago fez estas recomendações ao menino:

– Meu filho, escute bem o que eu vou lhe dizer. Desça por esta escada. No final dela, você verá uma porta aberta. Entre. Você passará por três grandes salas. Em cada uma delas, verá quatro grandes vasos de bronze cheios de ouro e prata. Mas não toque neles! Passe pelas três salas sem parar. Cuidado para não tocar nas paredes: isso provocaria sua morte. No fim da terceira sala, há uma porta que dá acesso a um jardim. Atravesse esse jardim e você chegará a uma escada de

cinquenta degraus. Ao subir, estará num terraço onde verá uma lâmpada acesa. Apague-a e traga-a para mim. Pegue as frutas que quiser das árvores do jardim.

O mago, então, tirou do dedo um anel e o deu a Aladim, dizendo que ele o protegeria se algo de ruim acontecesse. Aladim fez como o mago lhe recomendara: desceu à caverna, atravessou as salas, subiu a escada e pegou a lâmpada. Depois, parou no jardim.

Os frutos das árvores que ali estavam brilhavam; havia-os de todas as cores; os brancos eram, na verdade, pérolas; os transparentes, diamantes; os vermelhos, rubis; os verdes, esmeraldas; os violetas, ametistas, e assim por diante. Aladim, que não sabia o valor daquelas pedras preciosas, ficou decepcionado, pois esperava encontrar figos, uvas e outras frutas comuns na China. Em todo caso, encheu os bolsos com aquelas pedras coloridas que para ele não tinham valor. Depois, voltou até a entrada da caverna, onde o mago o esperava com a maior impaciência. Ao vê-lo, Aladim disse:

– Tio, por favor, estenda a mão para me ajudar a subir!

– Antes me passe a lâmpada para que ela não atrapalhe você – respondeu o mago.

Aladim, porém, respondeu que só lhe daria a lâmpada quando tivesse saído da caverna. O mago, irritado, lançou mais perfume na fogueira e pronunciou palavras mágicas. Nisso, a pedra que servia de porta para a caverna voltou a seu lugar, deixando Aladim preso embaixo da terra!

O suposto tio de Aladim era, na verdade, conforme já dissemos, um mago africano que, depois de investigar muito, descobrira a existência da lâmpada capaz de tornar seu dono o homem mais poderoso do mundo. Descobriu que o objeto estava embaixo da terra no centro da China. Mas ele mesmo não podia entrar ali nem pegar a lâmpada, e por isso decidira usar Aladim, que lhe pareceu útil aos seus objetivos. Quando viu que seus planos deram errado, decidiu retornar à África. Ao se ver enterrado vivo, Aladim entrou em desespero: gritou sem parar pelo tio, prometendo entregar-lhe a lâmpada. Chorava em meio à escuridão, julgando que seu fim tinha chegado. Ficou dois dias assim, sem comer nem beber. No terceiro dia, ao erguer as mãos para dirigir suas preces a Deus, sem querer acabou esfregando o anel que o mago lhe dera. De repente, como que surgindo das profundezas da terra, apareceu diante dele um gênio enorme, com um aspecto terrível, e disse:

– O que deseja? Estou pronto para obedecer! Sou escravo de quem possui o anel.

– Seja você quem for, faça-me sair deste lugar! – disse Aladim. Bastou dizer essas palavras e a terra se abriu; Aladim num segundo já estava de novo no lugar exato para onde o mago o tinha levado. O menino suspirou aliviado, agradeceu ao céu e tomou o caminho de volta para a cidade. Chegou a sua casa muito cansado e fraco pelo jejum de três dias. A mãe preparou para o filho a comida que tinha em casa. Aladim comeu e bebeu, depois contou à mãe tudo o que tinha acontecido.

Naquela noite Aladim dormiu profundamente, pois passara acordado aqueles três dias embaixo da terra. Acordou bem cedo e disse à mãe que estava com fome.

– Ai, meu filho! – respondeu a mãe, não tenho nem um pedacinho de pão para lhe dar! Mas fei um pouco de algodão e vou ver se consigo vendê-lo para poder comprar pão e algo para o nosso almoço.

– Minha mãe, – disse Aladim – me dê a lâmpada que eu trouxe ontem. Vou vendê-la e conseguir algum dinheiro para o dia de hoje.

A mãe foi buscar a lâmpada, que estava um pouco suja. Então, trouxe água e areia para limpá-la. Quando a esfregou, eis que um gênio, de tamanho gigantesco e de aspecto horrível, apareceu à sua frente e disse com voz de trovão:

– O que deseja? Estou pronto para lhe obedecer como escravo que sou de quem possui a lâmpada!

A mãe de Aladim desmaiou. Aladim tomou a lâmpada na mão e ordenou:
– Estou com fome, traga-me algo para comer!

O gênio se retirou e voltou logo depois com uma bandeja de prata; em cima dela, havia doze pratos também de prata cheios dos quitutes mais saborosos, além de vinho e pão. Colocou tudo sobre a mesa e desapareceu.

Quando a mãe de Aladim se recuperou, ficou espantada com o que viu. O filho insistiu para que fossem comer, depois ele lhe contaria o que tinha acontecido. Puseram-se à mesa e comeram com muito apetite. Era seu café da manhã, mas a comida que o gênio trouxera também foi suficiente para o almoço, o jantar e mais duas refeições do dia seguinte. Quando a mãe quis saber como aquilo tudo viera parar em sua casa, Aladim contou o que ocorrera. Disse que aquele gênio da lâmpada era completamente diferente do gênio do anel, que ele vira na caverna.

– Ai, meu filho, é melhor dar um fim na lâmpada ou no anel em vez de correr de novo o risco de morrer de medo diante desses gênios! Gênios são demônios, como dizia o nosso profeta Maomé!

Mas Aladim convenceu sua mãe da necessidade de guardar o anel e a lâmpada. No dia seguinte, nada havia para comer. Aladim colocou um dos pratos de prata embaixo da roupa e saiu para vendê-lo. Dirigiu-se a um mercador muito esperto, que resolveu enganar o menino. Ele percebera que Aladim não tinha a menor idéia de como era valioso aquele objeto. Deu-lhe uma moeda de ouro. Com ela, o menino comprou pão, dando o troco a sua mãe, para que ela comprasse comida. E assim foram vivendo; quando acabavam os mantimentos, Aladim vendia um prato para o mercador. Depois que os pratos acabaram, vendeu a bandeja, recebendo por ela dez moedas de ouro.

Quando não havia mais moedas, Aladim recorreu à lâmpada. Esfregou-a e viu surgir o gênio. De novo, Aladim pediu algo para comer, e o gênio providenciou as mesmas coisas que da primeira vez. A história se repetiu. Quando só restaram os objetos de prata, Aladim resolveu vender um dos pratos. Mas dessa vez topou com um ourives, um senhor honesto que mostrou a Aladim quanto valia realmente o prato: setenta e duas moedas de ouro!

Daquele momento em diante, Aladim só vendeu os objetos para aquele senhor. E assim mãe e filho iam vivendo: recorriam à lâmpada, mas viviam modestamente.

Passaram-se muitos anos. Aladim descobriu que as pedras que trouxera da caverna não eram vidro pintado, como imaginava, mas pedras preciosas valiosíssimas.

Um dia, Aladim passeava pela cidade, quando escutou alguém anunciar a ordem do sultão: todas as lojas e as portas das casas deveriam ser fechadas, todos deveriam ir para dentro de suas casas e lá permanecer para que Badr al-Budur, a filha do sultão, pudesse ir ao banho e retornar ao palácio.

Desejando ver o rosto da moça, Aladim se escondeu atrás da porta dos banhos. Quando a filha do sultão chegou perto da porta, tirou o véu, e Aladim pôde ver seu rosto através de uma fresta. Era a primeira vez em sua vida que Aladim via uma mulher sem véu que não sua mãe. Ficou encantado com aquela visão. Badr al-Budur era linda; tinha olhos grandes e muito vivos, nariz e boca bem proporcionados; em resumo, todo seu rosto era perfeito. Aladim voltou para casa triste e perturbado e se deixou cair no sofá, pensando somente na princesa. No dia seguinte, contou à mãe o que tinha visto: a jóia mais preciosa do mundo, Badr al-Budur:

– É por isso que você me viu tão triste ontem, minha mãe. Estou tão apaixonado pela princesa que não vou ter sossego enquanto não a pedir em casamento.

Ao ouvir as palavras do filho, a mãe de Aladim caiu na gargalhada, achando que aquela idéia não tinha pé nem cabeça. Aladim perdera o juízo? Esquecera que era filho de um alfaiate? Através de quem ele ousaria pedir ao sultão a mão de sua filha em casamento?

– Através de você, minha mãe – respondeu Aladim. Não mudarei de idéia.

Não me negue este favor, se não quiser ver seu filho morto. A mãe de Aladim tentou em vão convencê-lo a desistir da idéia: a beleza da princesa tinha provocado uma emoção muito forte no coração do filho. Lembrou, porém, que era costume oferecer presentes ao sultão quando se ia pedir-lhe alguma coisa. Ora, que presente à altura do pedido seu filho poderia oferecer? Afinal, ele queria a mão da própria filha do sultão! Aladim escutou pacientemente; depois, mostrou-lhe as pedras preciosas que ele, quando menino, tomara por vidro sem valor. Vistas à luz do dia, brilharam intensamente, enchendo os dois de admiração. Aquele era um presente à altura.

No dia seguinte, Aladim acordou cedo e, impaciente, foi despertar a mãe para que ela fosse até o palácio participar da audiência com o sultão. Ela se vestiu rapidamente, colocou as pedras num vaso de porcelana e partiu. Mas só conseguiu ser recebida muitos dias depois. O grão-vizir a levou até o sultão. Quando o soberano viu as pedras preciosas, tão perfeitas e brilhantes, ficou espantado:

– Que belo presente! Nunca vi nada mais perfeito e valioso! Este presente é digno de minha filha.

Mas seu filho deve esperar mais três meses e depois voltar a fazer o pedido! Aladim ficou desconsolado com a resposta, mas não desistiu. Três meses depois, sua mãe voltava a falar com o sultão, que já se havia esquecido totalmente daquele primeiro encontro. O grão-vizir o aconselhou a pedir pelo seu consentimento um preço tão alto que aquele desconhecido não conseguisse pagar; assim, ele desistiria de proposta tão insensata. O sultão disse à mãe de Aladim:

– Minha senhora, promessa é promessa. Mas eu não posso dar minha filha em casamento sem saber se ela será recompensada por isso e terá uma vida confortável. Assim, concedo a mão dela desde que seu filho me traga quarenta bandejas de ouro maciço cheias daquelas pedras preciosas que vocês me deram da última vez. Elas devem ser carregadas por quarenta escravos negros conduzidos por quarenta escravos brancos, todos vestidos luxuosamente. Eis as condições!

Quando a mãe lhe contou as exigências do sultão, Aladim esfregou a lâmpada e deu ordens para que o gênio providenciasse tudo o que o soberano queria. No mesmo dia, lá se foram os escravos, vestidos como reis, em direção ao palácio; à sua passagem, a multidão parava para olhá-los com espanto e admiração. Quando chegaram diante do sultão, a mãe de Aladim dirigiu-lhe a palavra:

– Senhor, meu filho Aladim sabe que estes presentes não estão à altura da princesa, mas espera que eles agradem ao sultão e sua filha.

Vendo tamanhas riquezas e a rapidez com que Aladim conseguira atender suas exigências, o rei não teve mais dúvidas e prometeu a mão da filha. Quando soube da notícia, Aladim pediu ao gênio da lâmpada que o vestisse como um rei e assim se dirigiu ao palácio. Seu aspecto e suas atitudes causaram admiração geral. Mas, quando o sultão pediu que Aladim permanecesse no palácio para que a cerimônia de casamento fosse realizada naquele mesmo dia, o rapaz recusou:

– Antes preciso construir um palácio digno de receber a princesa. Peço a Vossa Alteza que me conceda um terreno para que eu erga nele uma construção à altura de vossa filha.

Mal chegou a sua casa, Aladim fez surgir o gênio e pediu que ele erguesse no menor tempo possível um palácio magnífico em frente ao do sultão. O sol se escondia no horizonte. Na manhã seguinte, o gênio disse a Aladim que o palácio estava pronto. Era magnífico, coberto de ouro, prata e pedras preciosas, luxuoso como nenhum outro jamais tinha havido. A notícia daquela maravilha se espalhou rapidamente. Ninguém conseguia compreender como uma construção tão magnífica surgira de um dia para o outro. Finalmente, a princesa Badr al-Budur e Aladim se casaram. O pai da moça não cansava de admirar a beleza do palácio e as qualidades de Aladim.

Mas eis que alguns anos depois o mago africano, que sem querer tornara possível a felicidade de Aladim, voltou a pensar nele. Com seus instrumentos mágicos, conseguiu descobrir que, em vez de morto embaixo da terra, o rapaz estava bem vivo, casado com uma princesa, amado e respeitado por todos. Ele havia descoberto o segredo da lâmpada! Furioso, o mago jurou vingar-se.

Imediatamente, partiu em viagem e logo chegou ao reino da China, onde morava Aladim. Ali informou-se sobre ele e seu palácio, decidido a fazer de tudo para recuperar a lâmpada. Por infelicidade, Aladim tinha deixado o palácio para caçar e permaneceria vários dias longe de casa.

– Está na hora de agir! – disse o mago ao saber da ausência de Aladim. Depois se dirigiu a um fabricante de lâmpadas e comprou uma dúzia, brilhantes de tão novas que eram. Colocou-as num cesto e se dirigiu ao palácio de Aladim. Por ali, pôs-se a anunciar repetidamente, andando de um lado para o outro:

– Quem quer trocar lâmpadas velhas por novas?

Todos os que o viam, pensavam que se tratava de um doido. As crianças zombavam dele. Ouvindo o barulho, a princesa mandou que uma escrava fosse ver o que estava acontecendo.

– Princesa, – disse a escrava, – está aqui na frente um doido com um cesto cheio de lâmpadas novas em folha. Imagine só: em vez de vendê-las, quer trocar por velhas. As crianças o cercam e zombam dele.

– Lâmpadas? disse uma outra escrava. – Vossa Alteza deve ter percebido que há uma lâmpada velha no palácio. Seu dono ficará contente quando encontrar uma novinha no lugar dela. Será que esse louco aceitará trocar a lâmpada sem pedir uma compensação pela troca?

A princesa, que não sabia dos poderes da lâmpada, mandou chamar o mago e propor a troca, que foi aceita imediatamente. O mago, com a lâmpada de Aladim em mãos, saiu apressado, deixando o cesto no meio de uma das ruas da cidade. Afastou-se para o campo e ali ficou até escurecer. Então, vendo-se sozinho, pegou a lâmpada e esfregou-a. O gênio apareceu, e o mago lhe ordenou:

– Leve o palácio que você construiu com todas as pessoas que estão dentro dele para a África, num lugar que eu lhe indicarei.

No dia seguinte, qual não foi a surpresa do sultão quando se levantou da cama e foi espiar de uma janela, como costumava fazer, o palácio de Aladim e sua filha. Viu apenas um espaço vazio: tudo tinha desaparecido! Furioso, ordenou que fossem buscar Aladim e o prendessem.

Aladim foi conduzido ao palácio. Ao chegar, os guardas tiveram o cuidado de fechar os portões, pois o povo, que amava Aladim e pressentia que desejavam matá-lo, parecia disposto a enfrentar tudo para impedir sua morte. Levaram-no à presença do sultão e este ordenou que o carrasco lhe cortasse a cabeça. O carrasco fez Aladim ficar de joelhos, tapou-lhe os olhos com uma venda e manteve-se à espera da ordem do sultão para dar o golpe fatal. Mas o grãovizir veio avisar o soberano de que a multidão lá fora, revoltada, armara um grande tumulto. O sultão, assustado, mandou libertar o genro. Aquele gesto acalmou a multidão.

A Aladim, que perguntava por que desejara matá-lo, o sultão disse, apontando-lhe o espaço vazio onde se localizava o palácio desaparecido:

– Você deve saber o que aconteceu com seu palácio. Onde está ele? Onde está minha filha? Encontre Badr al-Budur, ou eu mandarei que cortem sua cabeça e, dessa vez, ninguém me impedirá!

Aladim, espantado e confuso, conseguiu que o sultão lhe concedesse o prazo de quarenta dias para encontrar a princesa. Perturbado, foi de casa em casa perguntando se alguém sabia onde estava seu palácio. A maioria das pessoas julgavam que ele tinha perdido a cabeça e, comovidas, lamentavam sua sorte; outras zombavam dele.

Aladim retirou-se para o campo. Estava desesperado. Parou perto de um rio disposto a se lançar nas águas; antes, porém, resolveu dirigir uma prece a Deus. Aproximou-se da água para lavar o rosto e as mãos, quando, de repente, escorregou e quase caiu. Sem querer, acabou esfregando o anel que ainda levava no dedo. Eis que surge o gênio de novo e lhe diz:

– O que deseja? Estou pronto para obedecer ao dono do anel.

– Gênio, – respondeu Aladim, – salve minha vida, fazendo com que meu palácio retorne ao lugar em que foi construído.

– Isso eu não posso fazer, pois sou apenas um escravo do anel, não da lâmpada – respondeu o gênio.

Aladim pediu, então, que o transportasse para perto da janela de Badr al-Budur e, num instante, Aladim estava na África, junto à janela do quarto da princesa.

Uma criada percebeu o rapaz e foi avisar a patroa. Badr al-Budur mostrou ao marido como entrar em seu quarto por uma porta secreta. Os dois abraçaram-se entre lágrimas quando se viram reunidos de novo depois de vários dias de ausência. A princesa contou o que acontecera e que o mago levava sempre consigo, atada ao pescoço, a lâmpada causadora daquela infelicidade. Aladim então teve uma idéia:

– Vou trocar de roupa com algum camponês da região, entrar numa dessas lojas onde se vendem remédios e poções e comprar um certo pó que você colocará na taça em que costuma beber. Quando o mago vier a seu quarto, finja que você está muito feliz com a presença dele, sorria muito e convide-o para jantar. Diga que você está com muita vontade de saborear o vinho típico da região. Ele irá trazer uma garrafa e você encherá sua taça de vinho. Quando forem beber, diga que é costume de seu país os apaixonados trocarem suas taças para beber desejando boa sorte um ao outro. Ele pegará a taça com o pó, beberá o vinho e o veneno.

A princesa prontamente concordou com tudo. Aladim comprou o pó e lhe deu. Para o jantar daquele dia, Badr al-Budur vestiu sua mais bela roupa e cobriu-se das jóias mais preciosas. Quando o mago veio a seu quarto, ela o recebeu sorridente e convidou-o a sentar-se a seu lado, coisa que jamais acontecera antes. O mago ficou ao mesmo tempo espantado com a beleza da princesa e admirado por ela o tratar daquela forma em vez de desprezá-lo, como vinha fazendo até aquele momento. Quando ela disse que desejava experimentar o vinho da região, o mago lhe falou das qualidades do vinho africano e pediu-lhe permissão para ir buscar um vinho excelente que ele reservava para uma ocasião especial.

– Pegue-o para nós – disse a princesa, mas volte logo. Ficarei esperando impacientemente a sua volta.

E lá se foi o mago buscar o vinho, todo contente. A princesa pegou uma taça e nela colocou o pó que Aladim lhe dera. Quando o mago voltou, puseram-se os dois à mesa para o jantar. Encheram-se as taças e Badr al-Budur disse ao mago:

– Não sei como aqui na África as pessoas que se amam fazem brindes para desejar boa sorte uma à outra. Nós, na China, trocamos de taças, brindando à saúde das pessoas que amamos.

Depois de dizer essas palavras, a princesa estendeu a mão, oferecendo sua taça ao mago, que fez o mesmo. O mago bebeu até a última gota, de uma vez. Por fim, seus olhos reviraram e ele, pálido, caiu para trás, sem sentidos. Quase no mesmo instante, Aladim entrou no quarto, aproximou-se do mago e lhe tirou a lâmpada que trazia ao pescoço. Esfregou-a, então, e pediu que o gênio transportasse o palácio e tudo o que nele havia para o mesmo lugar da China onde fora construído. Em pouco tempo, seu desejo foi satisfeito.

Quando o sultão viu de novo o palácio e a filha e soube de tudo o que o mago tramara, pediu perdão a Aladim por o ter tratado tão injustamente. O corpo do mago foi abandonado no campo para ser devorado por animais e aves. O sultão mandou que anunciassem a todo o povo as boas notícias; depois, proclamou dez dias de festa para comemorar o retorno de sua filha, a princesa Badr al-Budur, de Aladim e do palácio.

Não muitos anos depois, o sultão faleceu. A princesa era sua única herdeira e o poder supremo coube a Aladim. O novo sultão governou seus súditos com sabedoria e bondade. Badr al-Budur e Aladim tiveram filhos que se tornaram ilustres naquele reino.

Anexo G – cordel – O romance do Pavão Misterioso

3º Cordel

Capa do Cordel



O Romance do Pavão Misterioso (*José Camelo De Melo Rezende, 1923*)

Eu vou contar uma história
De um pavão misterioso
Que levantou voo na Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso.

Residia na Turquia
Um viúvo capitalista
Pai de dois filhos solteiros
O mais velho João Batista
Então o filho mais novo
Se chamava Evangelista.

O velho turco era dono
Duma fábrica de tecidos
Com largas propriedades
Dinheiro e bens possuídos
Deu de herança a seus filhos
Porque eram bem unidos.

Depois que o velho morreu
Fizeram combinação
Porque o tal João Batista
Concordou com o seu irmão
E foram negociar
Na mais perfeita união.

Um dia João Batista
Pensou pela vaidade
E disse a Evangelista:
— Meu mano eu tenho vontade
de visitar o estrangeiro
se não te deixar saudade.

— Olha que nossa riqueza
se acha muito aumentada
e dessa nossa fortuna
ainda não gozei nada
portanto convém qu'eu passe
um ano em terra afastada.

Respondeu Evangelista:
— Vai que eu ficarei
regendo os negócios
como sempre eu trabalhei
garanto que nossos bens
com cuidado zelarei.

— Quero te fazer um pedido:
procure no estrangeiro
um objeto bonito
só para rapaz solteiro;
traz para mim de presente
embora custe dinheiro.

João Batista prometeu
Com muito boa intenção
De comprar um objeto
De gosto de seu irmão
Então tomou um pacote
E seguiu para o Japão.

João Batista no Japão
Esteve seis meses somente
Gozando daquele império
Percorreu o Oriente
Depois voltou para a Grécia
Outro país diferente.

João Batista entrou na
Grécia Divertiu-se em passear
Comprou passagem de bordo
E quando ia embarcar
Ouviu um grego dizer
Acho bom se demorar.

João Batista interrogou:
– Amigo fale a verdade
por qual motivo o senhor
manda eu ficar na cidade?
Disse o grego: – Vai haver
Uma grande novidade.

– Mora aqui nesta cidade
um conde muito valente
mais soberbo do que Nero
pai de uma filha somente
é a moça mais bonita
que há no tempo presente

– É a moça em que eu falo
Filha do tal potentado
O pai tem ela escondida
Em um quarto de sobrado
Chama-se Creuza e criou-se
Sem nunca ter passeado.

– De ano em ano essa moça
bota a cabeça de fora
para o povo adorá-la
no espaço de uma hora
para ser vista outra vez
tem um ano de demora.

O conde não consentiu
Outro homem educá-la
Só ele como pai dela
Teve o poder de ensiná-la
E será morto o criado
Que dela ouvir a fala.

Os estrangeiros têm vindo
Tomarem conhecimento
Amanhã quando ela aparece
No grande ajuntamento
É proibido pedir-se
A mão dela em casamento.

Então disse João Batista
– Agora vou me demorar
pra ver essa condessa
estrela desse lugar
quando eu chegar à Turquia
tenho muito o que contar.

Logo no segundo dia
Creuza saiu na janela
Os fotógrafos se vexaram
Tirando o retrato dela
Quando inteirou uma hora
Desapareceu a donzela.

João Batista viu depois
Um retratista vendendo
Alguns retratos de Creuza
Vexou-se e foi dizendo:
– Quanto quer pelo retrato
porque comprá-lo pretendo.

O fotógrafo respondeu:
– Lhe custa um conto de réis
João Batista ainda disse:
– Eu compro até por dez
se o dinheiro não der
empenharei os anéis.

João Batista voltou
Da Grécia para a Turquia
E quando chegou em Meca
Cidade em que residia
Seu mano Evangelista
Banqueteou o seu dia.

Então disse Evangelista:
– Meu mano vá me contando
se viste coisas bonitas
onde andaste passeando
o que me traz de presente
vá logo entregando.

Respondeu João Batista:
– Para ti trouxe um retrato
de uma condessa da Grécia
moça que tem fino trato
custou-me um conto de réis
ainda achei muito barato.

Respondeu Evangelista
Depois duma gargalhada:
– Neste caso meu irmão
pra mim não trouxe nada
pois retrato de mulher
é coisa bastante usada.

– Sei que tem muitos retratos
mas como o que eu trouxe não
vais agora examiná-lo
entrego em tua mão
quando vires a beleza
mudará de opinião.

João Batista retirou
O retrato de uma mala
Entregou ao rapaz
Que estava de pé na sala
Quando ele viu o retrato
Quis falar tremeu a fala.

Evangelista voltou
Com o retrato na mão
Tremendo quase assustado
Perguntou ao seu irmão
Se a moça do retrato
Tinha aquela perfeição.

Respondeu João Batista
– Creuza é muito mais formosa
do que o retrato dela
em beleza é preciosa
tem o corpo desenhado
por uma mão milagrosa.

João Batista perguntou
Fazendo ar de riso:
– Que é isso, meu irmão
queres perder o juízo?
Já vi que este retrato
Vai te causar prejuízo.

Respondeu Evangelista
 – Pois meu irmão eu te digo
 vou sair do país
 não posso ficar contigo
 pois a moça do retrato
 deixou-me a vida em perigo.

João Batista falou sério:
 – Precipício não convém
 de que te serve ir embora
 por este mundo além
 em procura de uma moça
 que não casa com ninguém.

– Teu conselho não me serve
 estou impressionado
 rapaz sem moça bonita
 é um desafortunado
 se eu não me casar com Creuza
 findo meus dias enforcado.

– Vamos partir a riqueza
 que tenho a necessidade
 dá balanço no dinheiro
 porque eu quero a metade
 o que não posso levar
 dou-te de boa vontade.

Deram o balanço no dinheiro
 Só três milhões encontraram
 Tocou dois a Evangelista
 Conforme se combinaram
 Com relação ao negócio
 Da firma se desligaram.

Despediu-se Evangelista
 Abraçou o seu irmão
 Chorando um pelo outro
 Em triste separação
 Seguindo um para a Grécia
 Em uma embarcação.

Logo que chegou na Grécia
 Hospedou-se Evangelista
 Em um hotel dos mais pobres
 Negando assim sua pista
 Só para ninguém saber
 Que era um capitalista.

Ali passou oito meses
 Sem se dar a conhecer
 Sempre andando disfarçado
 Só para ninguém saber
 Até que chegou o dia
 Da donzela aparecer.

Os hotéis já se achavam
 Repletos de passageiros
 Passeavam pelas praças
 Os grupos de cavalheiros
 Havia muito fidalgos
 Chegado dos estrangeiros.

As duas horas as tarde
 Creuza saiu à janela
 Mostrando a sua beleza
 Entre o conde e a mãe dela
 Todos tiraram o chapéu
 Em continência à donzela.

Quando Evangelista viu
 O brilho da boniteza
 Disse: – Vejo que meu mano
 Quis me falar com franqueza
 Pois esta gentil donzela
 É rainha de beleza.

Evangelista voltou
 Aonde estava hospedado
 Como não falou com a moça
 Estava contrariado
 Foi inventar uma ideia
 Que lhe desse resultado.

No outro dia saiu
 Passeando Evangelista
 Encontrou-se na cidade
 Com um moço jornalista
 Perguntou se não havia
 Naquela praça um artista.

Respondeu o jornalista:
 – Tem o doutor Edmundo
 na rua dos Operários
 é engenheiro profundo
 para inventar maquinismo
 é ele o maior do mundo.

Evangelista entrou
 Na casa do engenheiro
 Falando em língua grega
 Negando ser estrangeiro
 Lhe propôs um bom negócio
 Lhe oferecendo dinheiro.

Assim disse Evangelista:
 – Meu engenheiro famoso
 primeiro vá me dizendo
 se não é homem medroso
 porque eu quero custar
 um negócio vantajoso.

Respondeu-lhe Edmundo:
 – Na arte não tenho medo
 mas vejo que o amigo
 quer um negócio em segredo
 como precisa de mim
 conte-me lá o enredo.

– Eu amo a filha do conde
 a mais formosa mulher
 se o doutor inventar
 um aparelho qualquer
 que eu possa falar com ela
 pago o que o senhor quiser.

– Eu aceito o seu contrato
 mas preciso lhe avisar
 que eu vou trabalhar seis meses
 o senhor vai esperar
 é obra desconhecida
 que agora vou inventar.

– Quer o dinheiro adiantado?
 Eu pago neste momento
 – Não senhor, ainda é cedo
 quando terminar o invento
 é que eu digo o preço
 quanto custa o pagamento.

Enquanto Evangelista
 Impaciente esperava
 O engenheiro Edmundo
 Toda noite trabalhava
 Oculto em sua oficina
 E ninguém adivinhava.

O grande artista Edmundo
Desenhou nova invenção
Fazendo um aeroplano
De pequena dimensão
Fabricado de alumínio
Com importante armação.

Movido a motor elétrico
Depósito de gasolina
Com locomoção macia
Que não fazia buzina
A obra mais importante
Que fez em sua oficina.

Tinha cauda como leque
As asas como pavão
Pescoço, cabeça e bico
Alavanca, chave e botão
Voava igualmente ao vento
Para qualquer direção.

Quando Edmundo findou
Disse a Evangelista:
— Sua obra está perfeita
ficou com bonita vista
o senhor tem que saber
que Edmundo é artista.

— Eu fiz o aeroplano
da forma de um pavão
que arma e se desarma
comprimindo em um botão
e carrega doze arroba
três léguas acima do chão.

Foram experimentar
Se tinha jeito o pavão
Abriram a alavanca e chave
Encarcaram num botão
O monstro girou suspenso
Maneiro como balão.

O pavão de asas abertas
Partiu com velocidade
Coroando todo o espaço
Muito acima da cidade
Como era meia noite
Voaram mesmo à vontade.

Então disse o engenheiro:
— Já provei minha invenção
fizemos a experiência
tome conta do pavão
agora o senhor me paga
sem promover discussão.

Perguntou Evangelista:
— Quanto custa o seu invento?
— Dê me cem contos de réis.
Acha caro o pagamento?
o rapaz lhe respondeu:
Acho pouco dou duzentos.

Edmundo ainda deu-lhe
Mais uma serra azougada
Que serrava caibro e ripa
E não fazia zuada
Tinha os dentes igual navalha
De lâmina bem afiada.

Então disse o jovem turco:
— Muito obrigado fiquei
do pavão e dos presentes
para lutar me armei
amanhã a meia-noite
com Creuza conversarei.

À meia-noite o pavão
Do muro se levantou
Com as lâmpadas apagadas
Como uma flecha voou
Bem no sobrado do conde
Na cumeeira pousou.

Evangelista em silêncio
Cinco telhas arredou
Um buraco de dois palmos
Caibros e ripas serrou
E pendurado numa corda
Por ela escorregou.

Chegou no quarto de Creuza
Onde a donzela dormia
Debaixo do cortinado
Feito de seda amarela
E ele para acordá-la
Pôs a mão na testa dela.

A donzela estremeceu
Acordou no mesmo instante
E viu um rapaz estranho
De rosto muito elegante
Que sorria para ela
Com um olhar fascinante.

Então Creuza deu um grito:
— Papai um desconhecido
entrou aqui no meu quarto
sujeito muito atrevido
venha depressa papai
pode ser algum bandido.

O rapaz lhe disse: — Moça
Entre nós não há perigo
Estou pronto a defendê-la
Como um verdadeiro amigo
Venho é saber da senhora
Se quer casar-se comigo.

De um lenço enigmático
Que quando Creuza gritava
Chamando o pai dela
Então o moço passava
Ele no nariz da moça
Com isso ela desmaiava.

O jovem puxou o lenço
Ao nariz da moça encostou
Deu uma vertigem na moça
De repente desmaiou
E ele subiu na corda
Chegando em cima tirou.

Ajeitou os caibros e ripas
E consertou o telhado
E montando em seu pavão
Voou bastante vexado
Foi esconder o aparelho
Aonde foi fabricado.

O conde acordou aflito
Quando ouviu essa zuada
Entrou no quarto da filha
Desembainhou a espada
Encontrou-a sem sentido
Dez minutos desmaiada.

Percorreu todos os cantos
Com a espada na mão
Berrando e soltando pragas
Colérico como um leão
Dizendo: — Aonde encontrá-lo
Eu mato esse ladrão.

Creuza disse: — Meu pai
Pois eu vi neste momento
Um jovem rico e elegante
Me falando em casamento
Não vi quando ele encantou-se
Porque me deu um passamento.

Disse o conde: — Nesse caso
Tu já estás a sonhar
Moça de dezoito anos
Já pensando em se casar
Se aparecer casamento
Eu saberei desmanchar.

Evangelista voltou
Às duas da madrugada
Assentou seu pavão
Sem que fizesse zuada
Desceu pela mesma trilha
Na corda dependurada.

E Creuza estava deitada
Dormindo o sono inocente
Seus cabelos como um véu
Que enfeitava puramente
Como um anjo de terreal
Que tem lábios sorridentes.

O rapaz muito sutil
Foi pegando na mão dela
Então a moça assustou-se
Ele garantiu a ela
Que não eram malfazejos:
— Não tenha medo donzela.

A moça interrogou-o
Disse: — Quem é o senhor
Diz ele: — Sou estrangeiro
Lhe consagrei grande amor
Se não fores minha esposa
A vida não tem valor.

Mas Creuza achou impossível
O moço entrar no sobrado
Então perguntou a ele
De que jeito tinha entrado
E disse: — Vai me dizendo
Se és vivo ou encantado.

Como eu lhe tenho amizade
Me arrisco fora de hora
Moça não me negue o sim
A quem tanto lhe adora!
Creuza aí gritou: — Papai
Venha ver o homem agora.

Ele passou-lhe o lenço
Ela caiu sem sentido
Então subiu na corda
Por onde tinha descido
Chegou em cima e disse:
— O conde será vencido.

Ouviu-se tocar a corneta
E o brado da sentinela
O conde se dirigiu
Para o quarto da donzela
Viu a filha desmaiada
Não pode falar com ela.

Até que a moça tornou
Disse o conde: — É um caso sério
Sou um fidalgo tão rico
Atentado em meu critério
Mas nós vamos descobrir
O autor do mistério.

— Minha filha, eu já pensei
em um plano bem sagaz
passa essa banha amarela
na cabeça desse audaz
só assim descobriremos
esse anjo ou satanás.

— Só sendo uma visão
que entra neste sobrado
só chega à meia-noite
entra e sai sem ser notado
se é gente desse mundo
usa feitiço encantado.

Evangelista também
Desarmou seu pavão
A cauda, a capota, o bico
Diminuiu a armação
Escondeu o seu motor
Em um pequeno caixão.

Depois de sessenta dias
Alta noite em nevoeiro
Evangelista chegou
No seu pavão bem maneiro
Desceu no quarto da moça
A seu modo costumeiro.

Já era a terceira vez
Que Evangelista entrava
No quarto que a condessa
À noite se agasalhava
Pela força do amor
O rapaz se arriscava.

Com um pouco a moça acordou
Foi logo dizendo assim:
— Tu tens dito que me amas
com um bem-querer sem fim
se me amas com respeito
te sinta juntos de mim.

Evangelista sentou-se
Pôs-se a conversar com ela
Trocando o riso esperava
A resposta da donzela
Ela pôs-lhe a mão na testa
Passou a banha amarela.

Depois Creuza levantou-se
Com vontade de gritar
O rapaz tocou-lhe o lenço
Sentiu ela desmaiar
Deixou-a com uma síncope
Tratou de se retirar.

E logo Evangelista
Voando da cumeeira
Foi esconder seu pavão
Nas folhas de uma palmeira
Disse: — Na quarta viagem
Levo essa estrangeira.

Creuza então passou o resto
Da noite mal sossegada
Acordou pela manhã
Meditava e cismada
Se o pai não perguntasse
Ela não dizia nada.

Disse o conde: — Minha filha
Parece que estás doente?
Sofreste algum acesso
Porque teu olhar não mente
O tal rapaz encantado
Te apareceu certamente.

E Creuza disse: — Papai
Eu cumpri o seu mandado
O rapaz apareceu-me
Mas achei-o delicado
Passei-lhe a banha amarela
E ele saiu marcado.

O conde disse aos soldados
Que a cidade patrulhassem
Tomassem os chapéus de
Quem nas ruas encontrassem
Um de cabelo amarelo
Ou rico ou pobre pegassem.

Evangelista trajou-se
Com roupa de alugado
Encontrou-se com a patrulha
O seu chapéu foi tirado
Viram o cabelo amarelo
Gritaram: — Esteja intimidado!

Os soldados lhe disseram:
— Cidadão não estremeça
está preso a ordem do conde
e é bom que não se cresça
vai a presença do grande
se é homem não esmoreça.

— Você hoje vai provar
por sua vida responde
como é que tem falado
com a filha do nosso conde
quando ela lhe procura
onde é que se esconde.

Evangelista respondeu:
— Também me faça um favor
enquanto vou me vestir
minha roupa superior
na classe de homem rico
ninguém pisa meu valor.

Disseram: — Pode mudar
Sua roupa de nobreza
A moça bem que dizia
Que o rapaz tinha riqueza
Vamos ganhar umas luvas
E o conde uma surpresa.

Seguiu logo Evangelista
Conversando com o guarda
Até que se aproximaram
Duma palmeira copada
Então disse Evangelista:
— Minha roupa está trepada.

E os soldados olharam
Em cima tinha um caixão
Mandaram ele subir
E ficaram de prontidão
Pegaram a conversar
Prestando pouca atenção.

Evangelista subiu
Pôs um dedo no botão
Seu monstro de alumínio
Ergueu logo a armação
Dali foi se levantando
Seguiu voando o pavão.

E os soldados gritaram:
— Amigo, o senhor se desça
deixe de tanta demora
é bom que não aborreça
senão com pouco uma bala
visita sua cabeça.

Então mandaram subir
Um soldado de coragem
Disseram: — Pegue na perna
Arraste com a folhagem
Está passando na hora
De voltarmos da viagem.

Quando o soldado subiu
Gritou: — Perdemos a ação
Fugiu o moço voando
De longe vejo um pavão
Zombou de nossa patrulha
Aquele moço é o cão.

Voltaram e disseram ao conde
Que o rapaz tinham encontrado
Mas no olho de uma palmeira
O moço tinha voado
Disso o conde: — Pois é o cão
Que com Creuza tem falado.

Creuza sabendo da história
Chorava de arrependida
Por ter marcado o rapaz
Com banha desconhecida
Disse: — Nunca mais terei
Sossego na minha vida.

Disse Creuza: — Ora papai
Me prive da liberdade
Não consente que eu goze
A distração da cidade
Vivo como criminosa
Sem gozar a mocidade.

— Aqui não tenho direito
de falar com um criado
um rapaz para me ver
precisa ser encantado
mas talvez ainda eu fuja
deste maldito sobrado.

— O rapaz que me amou
só queria vê-lo agora
para cair nos seus pés
como uma infeliz que chora
embora que eu depois
morresse na mesma hora.

— Eu sei que para ele
não mereço confiança
quando ele vinha aqui
ainda eu tinha esperança
de sair desta prisão
onde estou desde de criança.

Às quatro da madrugada
Evangelista desceu
Creuza estava acordada
Nunca mais adormeceu
A moça estava chorando
O rapaz lhe apareceu.

O jovem cumprimentou-a
Deu-lhe um aperto de mão
A condessa ajoelhou-se
Para pedir-lhe perdão
Dizendo: — Meu pai mandou
Eu fazer-te uma traição.

O rapaz disse: — Menina
A mim não fizeste mal
Toda a moça é inocente
Tem seu papel virginal
Cerimônia de donzela
É uma coisa natural.

— Todo o seu sonho dourado
é fazer-te minha senhora
se quiseres casar comigo
te arrumas e vamos embora
senão o dia amanhece
e se perde a nossa hora.

— Se o senhor é homem sério
e comigo quer casar
pois tome conta de mim
aqui não quero ficar
se eu falar em casamento
meu pai manda me matar.

— Que importa que ele mande
tropas e navios pelos mares
minha viagem é aérea
meu cavalo anda nos ares
nós vamos sair daqui
casar em outros lugares.

Creuza estava empacotando
O vestido mais elegante
O conde entrou no quarto
E dando um berro vibrante
Gritando: — Filha maldita
Vais morrer com o seu amante.

O conde rangendo os dentes
Avançou com passo extenso
Deu um pontapé na filha
Dizendo: — Eu sou quem venço
Logo no nariz do conde
O rapaz passou o lenço.

Ouviu-se o baque do conde
Porque rolou desmaiado
A última cena do lenço
Deixou-o narcotizado
Disse o moço: -Tem dez minutos
Para sairmos do sobrado.

Creuza disse: — Eu estou pronta
Já podemos ir embora
E subiram pela corda
Até que saíram fora
Se aproximava a alvorada
Pela cortina da aurora.

Com pouco o conde acordou
Viu a corda pendurada
Na coberta do sobrado
Distinguiu uma zuada
E as lâmpadas do aparelho
Mostrando luz variada.

E a gaita do pavão
Tocando uma rouca voz
O monstro de olho de fogo
Projetando os seus faróis
O conde mandando pragas
Disse a moça: — É contra nós.

Os soldados da patrulha
Estavam de prontidão
Um disse: — Vem ver fulano
Aí vai passando um pavão
O monstro fez uma curva
Para tomar direção.

Então dizia um soldado
— Orgulho é uma ilusão
um pai governa uma filha
mas não manda no coração
pois agora a condessinha
vai fugindo no pavão.

O conde olhou para a corda
E o buraco do telhado
Como tinha sido vencido
Pelo rapaz atilado
Adoeceu só de raiva
Morreu por não ser vingado.

Logo que Evangelista
Foi chegando na Turquia
Com a condessa da Grécia
Fidalga da monarquia
Em casa do seu irmão
Casaram no mesmo dia.

Em casa de João Batista
Deu-se grande ajuntamento
Dando vivas ao noivado
Parabéns ao casamento
À noite teve retreta
Com visita e cumprimento.

Enquanto Evangelista
Gozava imensa alegria
Chegava um telegrama
Da Grécia para Turquia
Chamando a condessa urgente
Pelo motivo que havia.

Dizia o telegrama:
“Creuza vem com o teu marido
receber a tua herança
o conde é falecido
tua mãe deseja ver
o genro desconhecido.”

A condessa estava lendo
Com o telegrama na mão
Entregou a Evangelista
Que mostrou ao seu irmão
Dizendo: — Vamos voltar
Por uma justa razão.

De manhã quando os noivos
Acabaram de almoçar
E Creuza em traje de noiva
Pronta para viajar
De palma, véu e capela
Pois só vieram casar.

Diziam os convidados:
— A condessa é tão mocinha
e vestida de noiva
torna-se mais bonitinha
está com um buquê de flor
séria como uma rainha.

Os noivos tomaram assento
No pavão de alumínio
E o monstro se levantou-se
Foi ficando pequenino
Continuou o seu vôo
Ao rumo do seu destino.

Na cidade de Atenas
Estava a população
Esperando pela volta
Do aeroplano pavão
Ou o cavalo do espaço
Que imita um avião.

Na tarde do mesmo dia
Que o pavão foi chegado
Em casa de Edmundo
Ficou o noivo hospedado
Seu amigo de confiança
Que foi bem recompensado.

E também a mãe de Creuza
Já esperava vexada
A filha mais tarde entrou
Muito bem acompanhada
De braço com o seu noivo
Disse: — Mamãe estou casada.

Disse a velha: — Minha filha
Saíste do cativoiro
Fizeste bem em fugir
E casar no estrangeiro
Tomem conta da herança
Meu genro é meu herdeiro.